


FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ELIZÂNGELA MARIA OLIVEIRA CUSTÓDIO



CONTRIBUIÇÕES DO PROTESTANTISMO PARA O DESENVOLVIMENTO
DA CONTABILIDADE:
UMA APROXIMAÇÃO À LUZ DE MAX WEBER

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 14/02/2022.

VITÓRIA – ES

2021

ELIZÂNGELA MARIA OLIVEIRA CUSTÓDIO

CONTRIBUIÇÕES DO PROTESTANTISMO PARA O DESENVOLVIMENTO
DA CONTABILIDADE:
UMA APROXIMAÇÃO À LUZ DE MAX WEBER

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 14/02/2022.



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Orientador: Abdruschin Schaeffer Rocha

VITÓRIA-ES

2021

Custódio, Elizângela Maria Oliveira

Contribuições do protestantismo para o desenvolvimento da Contabilidade:
Uma aproximação à luz de Max Weber / Elizângela Maria Oliveira Custódio. --
Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2021.

viii, 90 f. ; 31 cm.

Orientador: Abdruschin Schaeffer Rocha

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2021.

Referências bibliográficas: f. 84-90

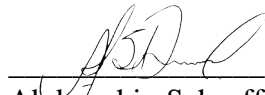
1. Ciência da religião. 2. Religião e espaço público. 3. Contabilidade.
4. Contabilidade e protestantismo. 5. Capitalismo. 6. Max Weber. - Tese. I
Elizângela Maria Oliveira Custódio. II. Faculdade Unida de Vitória, 2021. III.
Título.

ELIZÂNGELA MARIA OLIVEIRA CUSTÓDIO


CONTRIBUIÇÕES DO PROTESTANTISMO PARA O DESENVOLVIMENTO DA
CONTABILIDADE:
UMA APROXIMAÇÃO À LUZ DE MAX WEBER

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Dissertação de Mestrado Profissional como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação
em Ciências das Religiões. Área de
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de
Atuação: Religião e Espaço Público.

Data: 14 fev. 2022.



Abdruschin Schaeffer Rocha, Doutor em Teologia, UNIDA (presidente).



Osvaldo Luiz Ribeiro, Doutor em Teologia, UNIDA.



Cléberon Eller Loose, Doutor em Administração, UNIR.

DEDICATÓRIA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 14/02/2022.



*Dedico este trabalho ao meu marido Ricardo, que
pacientemente me incentivou, apoiou e foi o motivo pelo
qual eu consegui essa titulação.*

*Também dedico aos meus filhos Matheus e Júlia, que são
minha inspiração a todo instante.*

*E aos meus pais, Pedro e Rosa, os quais mais do que me
apoiarem, sempre me ajudam em tudo que podem.*

RESUMO

Este trabalho teve o objetivo de identificar se o Protestantismo contribuiu para a evolução da Contabilidade. Para responder ao problema de pesquisa buscou-se evidenciar o Cristianismo e o cenário em que se apresentava a Contabilidade no início do período da Idade Média. Num segundo momento analisou-se o “Espírito do Capitalismo”, segundo Max Weber, e sua correlação com a economia; e posteriormente identificou-se os impactos sociais e culturais do Protestantismo bem como sua relação com o capitalismo e correlação com a Contabilidade. Constatou-se que a Contabilidade está conectada à Sociologia quanto à análise e interpretação dos fenômenos sociais investigados na Sociologia das Organizações. Por isso, conclui-se que a Contabilidade está inserida no contexto da sociedade capitalista, e, portanto, objeto de estudo da Sociologia Geral. Como área de conhecimento que interage nas relações sociais, a Contabilidade tem recursos que tornam possível a pesquisa transdisciplinar na esfera e interesse das Ciências Sociais. Trata-se de ferramenta útil que pode somar com as demandas de informações econômico-financeiras relacionadas ao setor empresarial que, por sua vez, produz informações que influenciam as relações econômicas, sociais e religiosas. E, para o desenvolvimento e crescimento da economia capitalista a contribuição da Contabilidade foi essencial, não sendo possível sem a escrituração contábil.

Palavras-chave: Contabilidade. Protestantismo. Capitalismo. Max Weber.



ABSTRACT

This paper aims to identify whether Protestantism contributed somehow to the evolution of Accounting. To answer the question of this research, it was attempted to evidence Christianity and the scenario in which accounting was in the beginning of the middle ages. In a second moment, it was analyzed the “Spirit of Capitalism”, according to Max Weber, and its correlation with economics; and afterwards, social and cultural impacts of Protestantism were identified as well as their relation with capitalism and the correlation with accounting. It was found that accounting is connected to sociology when it comes to the analysis and interpretation of social phenomena investigated in the realm of Sociology of Organizations. Thus, it was concluded that accounting is inserted in the context of the capitalist society and, therefore, is an object study of General Sociology. With a field of knowledge that interacts with social relations, accounting has resources which enable a transdisciplinary research in the realm of Social Sciences. It is a useful tool which can add to the demands for economic and financial information related to the business sector which, in turn, yields information that influence economic, social and religious relations. And for the development and growth of the capitalist economy the contribution made by accounting was essential, not being possible without accounting registration.

Keywords: *Accounting. Protestantism. Capitalism. Max Weber.*



SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	8
INTRODUÇÃO.....	9
1 CRISTIANISMO E A EVOLUÇÃO DA CONTABILIDADE.....	14
1.1 Origem da Contabilidade.....	18
1.2 Relações da Contabilidade com o Cristianismo	24
1.3 A evolução da Contabilidade: distinções entre o modelo originário e o modelo moderno	29
2 ECONOMIA E PROTESTANTISMO, SEGUNDO MAX WEBER	35
2.1. Max Weber	35
2.2 O “Espírito do Capitalismo”, segundo Max Weber	46
2.3. A influência dos movimentos religiosos no desenvolvimento do capitalismo.....	53
3 O PROTESTANTISMO E SUA CORRELAÇÃO COM A CONTABILIDADE	61
3.1 Relação do capitalismo com a Contabilidade.....	63
3.2 A Contabilidade no Contexto das Ciências Sociais e do Pensamento Complexo.....	68
CONCLUSÃO.....	80
REFERÊNCIAS	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Evolução da humanidade relacionada à Contabilidade da Pré-História até o advento das partidas dobradas.....	14
Quadro 2. Eventos relacionados ao surgimento das partidas dobradas.....	15
Quadro 3. Estágios da evolução da humanidade: do período pré-histórico até o surgimento das partidas dobradas.....	19
Quadro 4. Principais eventos relacionados a história da contabilidade no Brasil.....	22
Quadro 5. Autores clérigos e suas contribuições para a Contabilidade.....	28
Quadro 6. Comparação entre a Contabilidade de 1494 e a Contabilidade de 2020.....	30



INTRODUÇÃO

O Protestantismo contribuiu para a Evolução da Contabilidade? O presente trabalho nasce da hipótese que se constrói a partir deste problema.

No quadro teórico da presente pesquisa, observamos que muito se discute sobre a data de criação da Contabilidade, porém a maioria dos autores entende que a Contabilidade surgiu ainda na idade antiga, quando o homem começou a se fixar em um lugar, deixando de ser nômade. Então, com a necessidade de controlar seu patrimônio, eis que tem início o registro dos bens, mas, é claro, de forma muito rudimentar.¹

Mas o ser humano foi evoluindo e com ele também as formas de registros e controles. As sociedades foram surgindo e, cada vez mais se utilizavam de técnicas, ainda rudimentares, para o controle dos bens. A Contabilidade foi a precursora da escrita. Estudar a história da Contabilidade também é estudar a história do próprio ser humano, uma vez que ela acompanhou essa evolução. Com o surgimento das igrejas, a Contabilidade também passou a ser influenciada por ela.²

Oliveira relaciona a contribuição da religião na evolução da Contabilidade, com destaque para a Igreja Católica nos períodos precedentes à Reforma Protestante. No entanto, pouco se menciona a influência e contribuição da religião após o período da Reforma Protestante. Diante dessa lacuna, faz-se necessário pesquisar se o Cristianismo, após tal movimento, continuou contribuindo para o desenvolvimento da Contabilidade e quais interferências têm exercido o primeiro sobre a segunda.³

Oliveira relata ainda, que existem alguns estudos internacionais relacionando a cultura com as práticas contábeis, sendo a cultura influenciada pelos valores religiosos e que a religião tem acompanhado a Contabilidade desde o seu surgimento.⁴

Uma pesquisa aplicada por Oliveira sobre a Contribuição da Religião na Evolução Histórica da Contabilidade identificou que a maioria dos que responderam pensa ser importante o profissional contábil conhecer a história da sua profissão, contudo, mais de 50%

¹ SANTOS, José L.; SCHMIDT, Paulo. História do pensamento contábil. São Paulo: Atlas, 2008.

² SANTOS, 2008.

³ OLIVEIRA, Kallyse P. S.; LUZ, Janayna R. M.; MOREIRA, Maria V. F.; MELO, Lúcia S. A. Contribuição da Religião Católica na Evolução Histórica da Contabilidade: Percepção dos Alunos de Ciências Contábeis da Cidade de Campina Grande – PB. *Anais [...] XIII Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade*, jul. 2016. Disponível em: <https://congressousp.fipecafi.org/anais/16UspInternational/301.pdf>. Acesso em: 11 out. 2020, p. 11.

⁴ OLIVEIRA, et. al, 2016.

dos entrevistados disseram não ter estudado e/ou não estarem aptos a responder sobre a contribuição da religião para a evolução da Contabilidade.⁵

Silva, em seus estudos, evidenciou a contribuição da Igreja Católica e dos elementos religiosos na História da Contabilidade. Em sua pesquisa, identificou apenas 13 artigos no período de 2010 a 2016 que trataram sobre a contribuição da Igreja Católica para a evolução da Contabilidade.⁶

Apesar de Silva ter feito um estudo histórico, seu foco foi destinado ao período da Idade Média, e não abordou a influência de outras religiões além da Igreja Católica no desenvolvimento da Contabilidade⁷. Também é possível constatar que há pouca literatura que relacione a religião com a evolução da Contabilidade. Sendo assim, há a necessidade de mais estudos que possam contribuir para o conhecimento da história.

Weber entendia que “só o poder dos movimentos religiosos – não somente ele, mas ele em primeiro lugar – criou as diferenças que sentimos hoje”⁸. Diante do pensamento de Weber a questão que surge é se essa afirmação também se aplica à Contabilidade, se os movimentos religiosos também influenciaram no desenvolvimento da Ciência Contábil. Ele demonstra como uma ideia pode contribuir ou influenciar no desenvolvimento da história e, afirma: “A parte certamente modesta que cabe ao estudo subsequente talvez seja a de contribuir para elucidar o modo como as ‘ideias’ em geral se tornam eficazes na história.”⁹

Weber busca “tornar um pouco mais nítido o impacto que os motivos religiosos, dentre os inúmeros motivos históricos individuais, tiveram na trama do desenvolvimento da nossa cultura moderna, especificamente voltada para ‘este mundo.’”¹⁰

Trata-se apenas de averiguar se, e até que ponto, influxos religiosos contribuíram para a cunhagem qualitativa e a expansão quantitativa desse “espírito” mundo afora, e quais são os aspectos concretos da cultura assentada em bases capitalistas que remonta àqueles influxos”.¹¹

E, portanto, cabe aqui a analogia sobre o impacto que os motivos religiosos e seus movimentos tiveram para com o desenvolvimento da Contabilidade. Até que ponto os

⁵ OLIVEIRA; LUZ; MOREIRA; MELO, 2016, p. 18.

⁶ SILVA, Lidiane dos S. *A Contribuição da Igreja Católica e dos Elementos Religiosos na História da Contabilidade*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Faculdade Unidade de Vitória, 2017. Disponível em: <http://bdt.d.faculdadeunida.com.br:8080/jspui/handle/prefix/34>. Acesso em: 10 ago. 2020, p. 42.

⁷ SILVA, Lidiane dos S.; SANTOS, Leonardo H.; PEREIRA, Raquel B. M. A contribuição da religião para o nascimento da contabilidade. *Revista Unitas*, v.5, n.2 (n. especial), p. 1088-1105, 2017. Disponível em: <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas/article/view/667>. Acesso em: 16 set. 2020, p. 1092.

⁸ WEBER, Max. *A Ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 80.

⁹ WEBER, 2004, p. 81.

¹⁰ WEBER, 2004, p. 82.

¹¹ WEBER, 2004, p. 82-83.

influxos religiosos somaram para com a Contabilidade enquanto ciência seja em aspectos qualitativos ou quantitativos?

Portanto, diante do exposto, temos o seguinte problema de pesquisa: o Protestantismo contribuiu para a evolução da Contabilidade? Para responder ao problema de pesquisa estabeleceu-se como objetivo geral identificar se, e de que forma, o Protestantismo contribuiu para a evolução desta ciência, e para atender ao objetivo da pesquisa traçou-se os seguintes objetivos específicos 1) Evidenciar o Cristianismo e o cenário em que se apresentava a Contabilidade no início do período da Idade Média; 2) Analisar o “Espírito do Capitalismo”, segundo Max Weber, e sua correlação com a economia; e 3) Identificar o Protestantismo e a sua correlação com a Contabilidade.

Em estudos e pesquisas constatam-se a influência da religião para a evolução da Contabilidade, com grande relevância para aqueles que relacionam as contribuições específicas da Igreja Católica. Todavia, é mister compactuar que a contribuição da Igreja Católica teve grande importância, porém em dado momento sua influência deixou de ser tão forte em virtude do movimento da Reforma Protestante. A Igreja Católica, de certa forma, teve seu poder influenciador e controlador diminuído em função da nova realidade capitalista instaurada.¹²

Entender a história como de fato ocorreu é de suma importância, porque, conhecendo o passado consegue-se entender o presente e, assim, é possível somar esforços para a construção de um futuro melhor para a sociedade humana. Na literatura da área de Contabilidade pouco se relaciona o impacto da religião no desenvolvimento dessa ciência. As poucas menções são referentes aos períodos anteriores à Reforma Protestante, porém isso não significa que a religião não continuou influenciando a Contabilidade e ainda influência até os dias atuais.

Ao definir a área de pesquisa para a elaboração desta pesquisa *stricto sensu*, optamos por relacioná-la à área profissional na qual atua a pesquisadora, como docente do ensino superior no contexto da unidade curricular “Evolução da Contabilidade”, afinal, foi a prática docente em sala de aula que revelou a lacuna sobre tal influência na literatura rotineiramente consultada a respeito do assunto; especialmente sobre o papel da Reforma Protestante: não existem muitos estudos que relacionem o impacto que a mesma causou sobre as Ciências

¹² OLIVEIRA, Kallyse P. S.; LUZ, Janayna R. M.; MOREIRA, Maria V. F.; MELO, Lúcia S. A. Contribuição da Religião Católica na Evolução Histórica da Contabilidade: Percepção dos Alunos de Ciências Contábeis da Cidade de Campina Grande – PB. *Anais [...] XIII Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade*, jul. 2016. Disponível em: <https://congressousp.fipecafi.org/anais/16UspInternational/301.pdf>. Acesso em: 11 out. 2020, p. 11.

Contábeis e, mais ainda, se de fato a religião continuou contribuindo para a evolução da mesma, após a acomodação deste movimento político-religioso, pois seguiu uma tradição de ruptura com o estabelecido, como se deram outros movimentos da fé cristã.

Dessa maneira, esse estudo foi elaborado adotando um roteiro, na busca por tentar responder à hipótese colocada como ponto estrutural dessa pesquisa. Assim, o capítulo 1 trata de elaborar uma espécie de “passeio” ao longo do surgimento da organização humana, no que diz respeito ao imbricamento entre a religiosidade e a Ciência Contábil, checando as relações da Contabilidade com o Cristianismo. E, concluindo essa questão histórica, tentamos averiguar o que foi apurado, por alguns autores, sobre a evolução da ciência da Contabilidade, distinguindo sobre o modelo originário e o modelo moderno.

O Capítulo 2 busca analisar a relação entre Economia e Religião, fundamentada, não somente, mas especialmente à luz do pensamento de Max Weber. Após breve menção de dados biográficos, apresentou-se, sucintamente, a tese weberiana do “Espírito do Capitalismo”, expresso originalmente em sua obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. O horizonte teórico proposto por Weber nessa obra servirá de parâmetro por meio do qual será examinado o objeto proposto neste TCC. Para atingir os objetivos da pesquisa pretendeu-se realizar como metodologia uma revisão bibliográfica que, de acordo com Oliveira, “é a busca de conhecimento relevante a determinado assunto pesquisado em livros, artigos, monografias, dissertações e teses”¹³. Como técnica de pesquisa também será utilizada a documentação indireta que “serve-se de fontes de dados coletados por outras pessoas, podendo constituir-se de material já elaborado ou não”¹⁴. Ainda segundo esse mesmo autor, a pesquisa bibliográfica e qualitativa “promove a interpretação única, a reflexão sobre os achados da pesquisa sobre dados qualitativos ou não. E, por fim, será evidenciada a relação dos movimentos religiosos com o desenvolvimento do capitalismo.

No Capítulo 3 foi descrito, a partir de bibliografia voltada para o tema, o Protestantismo e a sua correlação com a Contabilidade. O estudo examinou os impactos sociais e culturais do Protestantismo, já que o Ocidente, sobretudo moderno, possui uma relação genética com a tradição protestante. Também nos interessa nesse capítulo a relação do capitalismo com a Contabilidade, a fim de que se estabeleça essa correlação entre o Protestantismo e a Contabilidade, objeto maior deste estudo.

¹³ OLIVEIRA, Lívio L. S.; CORTES, Renan X.; BALBINOTTO NETO, Giacomo. A economia da religião e seus fundamentos: teste de um modelo de escolha religiosa. *Estud. Econ.*, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 811-840, dez. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612011000400006. Acesso em: 18 set. 2020, p. 73.

¹⁴ LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A. *Metodologia Científica*. 7 Ed. São Paulo: Atlas, 2017, p. 29.

Reafirmamos, na Conclusão a importância e necessidade de o tema ser continuamente explorado, com vistas à construção de um conhecimento cada vez maior, que não só fomente novas pesquisas, mas, também, contribua para a consolidação de uma sociedade mais justa e humanizada.



1 CRISTIANISMO E A EVOLUÇÃO DA CONTABILIDADE

Neste capítulo apresenta-se a origem da Contabilidade, sua arqueologia e, bem como a sua evolução. Desse modo buscou-se também relacionar a Contabilidade com o Cristianismo, evidenciando a influência dele na Ciência Contábil.

Assim, a partir do pressuposto de que existem vestígios os quais apontam que antes mesmo da invenção da escrita, no período Paleolítico, o homem já utilizava instrumentos de registros através de contas com a finalidade de ter uma memória dos fatos relativos ao patrimônio.¹⁵

A arqueologia da Contabilidade é fruto de estudos científicos de restos humanos desenvolvidos no período mesolítico (10000 a 5000 a.C.), ou seja, na pré-história, isto porque esses fatos ocorreram antes do aparecimento da escrita, sendo que as primeiras fichas de barro foram encontradas em 8000 a.C., em Uruk, antiga cidade da Mesopotâmia e centro importante da civilização sumeriana.¹⁶

Vários vestígios arqueológicos foram encontrados nos restos de culturas humanas no período Mesolítico, indicando o uso de sistemas contábeis, uma vez que o homem primitivo sentiu a necessidade de ter o controle dos produtos e dos bens.¹⁷

Abaixo segue a Figura 1, que evidencia essa evolução do ser humano e também da Contabilidade.

Quadro 1. Evolução da humanidade relacionada à Contabilidade da Pré-História até o advento das partidas dobradas.¹⁸

-
- 8.000 a.C. – utilização de fichas simples como forma de controle patrimonial. Esse era realizado através do uso de fichas muito simples, confeccionadas de barro;
 - 4.400 a.C. – seguindo a evolução da complexidade da sociedade, as fichas de barro passaram a ter uma forma mais complexa, considerando a necessidade de controle de uma quantidade muito maior de itens patrimoniais;
 - 3.350 a.C. o controle patrimonial passou a contar com outro elemento, que são os denominados envelopes (caixas) de barro, com um selo (espécie de laço) que envolvia esses envelopes, já que as fichas eram colocadas no seu interior;
 - 3.200 a.C. – os envelopes passaram a contar com outro tipo de controle, que foram as impressões na superfície de todas as fichas que eram depositadas no interior. Esse foi o primeiro sinal de registro duplo que se tem notícia (a ficha e a impressão externa da própria ficha);
 - 3.100 a 3.000 a.C. – marca o início do controle patrimonial através da escrita pictográfica e o início da numerologia através da contagem;
 - 1.500 a.C. surgimento das primeiras tabelas de argila, onde eram anotados os elementos patrimoniais para controle;
-

¹⁵ SÁ, Antônio L. *Luca Pacioli: um mestre do renascimento*. 2 ed. rev. e ampl. Brasília: Fundação Brasileira de Contabilidade, 2004, p. 26.

¹⁶ SANTOS, José L.; SCHMIDT, Paulo. *História do pensamento contábil*. São Paulo: Atlas, 2008, p. 13.

¹⁷ SANTOS; SCHMIDT, 2008, p. 13-14.

¹⁸ SANTOS, José L.; SCHMIDT, Paulo; MACHADO, Nilson P. *Fundamentos da teoria da contabilidade*. São Paulo: Atlas, 2005, p. 62-63.

-
- 1.100 a. C. – desenvolvimento da escrita alfabética, facilitando ainda mais o controle;
 - 650 a.C. – surgimento das primeiras moedas em Lídia (Ásia Menor) e 600 a. C. na Grécia, porém alguns autores afirmam que a primeira moeda é de 869 a.C., de Egina (no golfo de Atenas);
 - 400 d.C. a 1.000 d.C. – crise na Eurásia, invasão nômade, ascensão do islamismo, cruzadas, cujo objetivo era expulsar os muçulmanos da Terra Santa; recuperação da Europa; início dos movimentos comerciais com as cruzadas e as grandes navegações.
-

Fonte: Elaborado pela autora.

Depois do ano de 1.100 d.C., houve um grande desenvolvimento econômico no Norte da Itália, principalmente devido às Cruzadas e isso propiciou o surgimento do sistema de partidas dobradas da contabilidade¹⁹. A data precisa do surgimento das partidas dobradas não é conhecida, mas há indícios que tenha sido por volta de 1340, na cidade de Gênova.²⁰

Quadro 2. Eventos relacionados ao surgimento das partidas dobradas.²¹

-
- 1.200 – Com a revolução comercial surgem as primeiras manifestações práticas: o sistema de partidas dobradas em Veneza, Gênova e Florença;
 - 1.202 – Fibonacci escreve o primeiro livro sobre comércio, fim da era antiga da contabilidade e início da era moderna;
 - 1.300 – Surgimento do primeiro balanço patrimonial em uma companhia de Florença.
-

Fonte: Elaborado pela autora.

Moura também relata que não existe uma data definida para o surgimento da Contabilidade, mas que há evidências de seu uso na Idade Antiga, de forma rudimentar, mas buscando o registro e controle dos bens.²²

A escrita teve origem na Contabilidade, porque era utilizada principalmente para a contabilização de riquezas, registros de materiais e outros fins relacionados ao patrimônio.²³

Moreira²⁴ mostrou em seus estudos a importância da religião para a evolução da Contabilidade. A autora destaca a contribuição do Islamismo, da Igreja Católica e da Reforma Protestante. Vários autores relatam a presença de registros contábeis em obras da cultura islâmica, demonstrando um avanço na literatura contábil.²⁵

¹⁹ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 63.

²⁰ SANTOS; SCHMIDT, 2008, p. 24-25.

²¹ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 62-63.

²² MOURA, Eduardo L. R. *A contabilidade na idade antiga: uma revisão bibliográfica*. 2016. 20f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2016. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/11851>. Acesso em: 18 out. 2020, p. 8.

²³ MOURA, 2016, p. 12.

²⁴ MOREIRA, Maria V. F. *Contribuição da Religião na Evolução História da Contabilidade: Percepção dos alunos de Ciências Contábeis da cidade de Campina Grande* – PB. 2014. 48f. Monografia (Graduação em Ciências Contábeis) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/6794>. Acesso em: 15 out. 2020, p. 13-23.

²⁵ MOREIRA, 2014, p. 13-15.

Durante a Idade Média, a Igreja Católica exercia grande controle sobre a sociedade e, por conseguinte também sobre a Contabilidade²⁶. A Igreja era detentora de grandes riquezas e patrimônios e isso exigia a necessidade de registros e controles de forma sistematizada.

A Igreja Católica teve vários autores clérigos que contribuíram para a evolução da Contabilidade, dentre eles, destaca-se Frei Luca Pacioli; considerado o ‘pai da Contabilidade’, ao escrever e publicar o primeiro livro que tratou de matéria contábil, o Súmula de Aritmética, Geometria, Proporções e Proporcionalidade, em 1494.²⁷

Com o fim da Idade Média ocorreram muitas mudanças, tanto nas áreas sociais quanto nas econômicas e políticas. E com isso a Igreja Católica foi, aos poucos, tendo seu poder reduzido. Muitos religiosos se rebelaram contra a Igreja Católica, surgindo assim a Reforma Protestante.²⁸

Em função da perseguição da Igreja Católica aos protestantes, ao emigrar para outros continentes, os reformistas mais que disseminar somente o conhecimento contábil a vários lugares, também o fizeram a toda classe burguesa, fazendo, assim, com que a reforma tivesse forte ligação com o capitalismo.²⁹

A título de exemplo do que ocorreu na terra natal de Benjamin Franklin (Massachusetts/EUA), local onde esse “espírito do capitalismo” se desenvolveu menos que nos estados criados pelos grandes capitalistas e que tinham finalidades mercantis em comparação com as colônias da Nova Inglaterra fundadas por razões religiosas.³⁰

A [disseminada preponderância da] absoluta falta de escrúpulos na afirmação do interesse pessoal no ganho pecuniário foi justamente uma característica específica daqueles países cujo deslanche capitalista-burguês [- mensurado segundo a escala do desenvolvimento ocidental -] se mantivera em atraso.³¹

Weber explica que no caso da Itália, em contraste com a Alemanha, todos os fabricantes sabiam que o principal obstáculo para o desenvolvimento capitalista foi e continua a ser a falta de consciência, de retidão dos trabalhadores.³²

A diferença entre o “espírito capitalista” e o pré-capitalista não está no grau de desenvolvimento de qualquer impulso pecuniário e aqueles que se entregaram a esse impulso sem reservas não eram os representantes do “espírito capitalista” da qual se originou como fenômeno de massa. Esse ganho desmedido e sem vínculo com nenhuma norma de conduta

²⁶ OLIVEIRA; LUZ; MOREIRA; MELO, 2016, p. 3.

²⁷ OLIVEIRA; LUZ; MOREIRA; MELO, 2016, p. 6.

²⁸ MOREIRA, 2014, p. 22.

²⁹ MOREIRA, 2014, p. 23.

³⁰ WEBER, 2004, p. 37.

³¹ WEBER, 2004, p. 50.

³² WEBER, 2004, p. 50.

sempre existiu, mas o que importa no estudo de Weber é o “espírito capitalista” movido pelos princípios religiosos³³. Ou seja: “pré-capitalista” no sentido de que a valorização racional do capital no quadro da empresa e a organização capitalista racional do trabalho ainda não haviam se tornado as potências dominantes na orientação da ação econômica.”³⁴

Para entender essa relação do capitalismo com princípios religiosos, Weber traz o sentido da palavra alemã *Beruf* e do termo inglês *calling*, aos quais ele atribui uma conotação religiosa, como sendo uma missão dada por Deus. Os povos predominantemente católicos, assim como os da Antiguidade Clássica, ignoram essa palavra empregada no sentido de uma posição de vida, de um ramo de trabalho definido, no entanto ela está presente em todos os povos predominantemente protestantes.³⁵

Desse modo, para Weber, como o significado da palavra, assim também – como é amplamente sabido – a ideia é nova, e é um produto da Reforma³⁶. Para as denominações protestantes o único meio de viver que agrada a Deus é exclusivamente cumprir com os deveres intramundanos e por isso mesmo se torna a sua “vocação profissional”. “Em Lutero, essa ideia [sic] se desenvolve no decurso da primeira década de sua atividade reformadora.”³⁷

O feito propriamente dito da Reforma consistiu simplesmente em ter já no primeiro momento inflado fortemente, em contrastes com a concepção católica, a ênfase moral e o prêmio religioso para o trabalho intramundano no quadro das profissões. O modo como a ideia de “vocação”, que nomeou esse feito, foi posteriormente desenvolvida passou a depender das subseqüentes formas de piedade que se desdobraram dali em diante em cada uma das igrejas saídas da Reforma.³⁸

O que Weber deseja com seu estudo é verificar até que ponto, “os influxos religiosos contribuíram para a cunhagem qualitativa e a expansão deste “espírito” mundo afora e quais são os aspectos concretos da cultura assentada em bases capitalistas que remonta àqueles influxos.”³⁹

Para responder ao problema de pesquisa estabeleceu-se como objetivo geral identificar se e de que forma o Protestantismo contribuiu para a evolução da Contabilidade, e como objetivos específicos 1) Evidenciar o Cristianismo e o cenário em que se apresentava a Contabilidade no início daquele período; 2) Analisar o “Espírito do Capitalismo” segundo

³³ WEBER, 2004, p. 50.

³⁴ WEBER, 2004, p. 51.

³⁵ WEBER, 2004, p. 71.

³⁶ VASCONCELLOS, Pedro L. A Bíblia na argumentação básica de “A ética protestante e o espírito do capitalismo”. *Revista Nures*, nº 7. Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP. Setembro / dezembro 2007. Disponível em: https://www.pucsp.br/revistanures/revista7/nures7_pedro.pdf. Acesso em: 18 out. 2020, p. 6.

³⁷ WEBER, 2004, p. 72.

³⁸ WEBER, 2004, p. 75.

³⁹ WEBER, 2004, p. 82-83.

Max Weber e sua correlação com a economia; e 3) Identificar se e de que forma o Protestantismo contribuiu na difusão e crescimento da Contabilidade após a reforma.

1.1 Origem da Contabilidade

A Contabilidade pode ser considerada muito antiga e faz parte da história da humanidade. Fruto de estudos científicos, a arqueologia da Contabilidade remonta à cultura humana desenvolvida no período Mesolítico (10.000 a 5.000 a.C.), sendo que as primeiras fichas de barros encontradas em Uruk, antiga cidade da Mesopotâmia, datam aproximadamente de 8.000 a.C.⁴⁰

De acordo com Paulo Schimdt e José Santos, “É possível falar de arqueologia da Contabilidade, pois os vestígios encontrados de sistemas contábeis são produto do estudo científico de restos de culturas humanas derivadas de conhecimentos desenvolvidos em tempos pré-históricos.”⁴¹

Em sítios arqueológicos foi encontrado um sistema contábil utilizado por civilizações pré-históricas no período entre 8.000 e 3.000 a.C. Esse sistema era constituído de pequenas fichas de barros. Esses achados foram de grande importância para a Contabilidade, colocando-a como mola propulsora da criação da escrita e contagem abstrata.⁴²

Também foram encontrados outros artefatos de barro semelhantes a caixas, nas quais continham no seu interior fichas e na parte externa continham impressões identificando devedores ou pessoas, denominados envelopes, e datados de aproximadamente 3.250 a.C.⁴³

Historiadores relatam que por volta de 2.000 anos a.C. já havia sinais da existência de contas indicando que o homem primitivo já praticava rudimentarmente técnicas de contabilidade ao inventariar o número dos seus rebanhos, caça, pesca e bebidas.⁴⁴

Nesse período, o sistema contábil era utilizado para controle de estoques de produtos agrícolas e animais, sendo registrados em fichas simples e complexas, através de caracteres cuneiformes, ou seja, a escrita em forma de cunha dos assírios, babilônios, medos e persas. Posteriormente surgiram os primeiros pictográficos, com o início da contagem abstrata e da escrita.⁴⁵

Até mesmo nos terceiro e quarto milênios antes de Cristo localizou-se os primeiros exemplos completos de contabilização na civilização da Suméria e da Babilônia (hoje Iraque),

⁴⁰ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 62.

⁴¹ SANTOS; SCHMIDT, 2008, p. 13.

⁴² SANTOS; SCHMIDT, 2008, p. 13.

⁴³ SANTOS; SCHMIDT, 2008, p. 14.

⁴⁴ IUDÍCIBUS, Sérgio de. *Teoria da Contabilidade*. São Paulo: Atlas, 2010, p. 15.

⁴⁵ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 62.

no Egito e na China⁴⁶. Conforme as atividades foram se desenvolvendo em dimensão e complexidade, o homem da antiguidade teve que ir aperfeiçoando seu instrumento de avaliação patrimonial, mesmo que a princípio a evolução da Contabilidade tenha ocorrido lentamente até o aparecimento da moeda.⁴⁷

Anterior ao surgimento da moeda ocorreu o início da contagem. José Santos e Paulo Schmidt relatam que:

A contagem envolveu três fases evolutivas, a primeira denominada pelo chamado correspondente (um por um), na qual um sinal, a exemplo de ossos e conchas, correspondia a uma mercadoria. A segunda fase foi a da contagem concreta, através da utilização de fichas concretas onde palavras representavam números específicos, a exemplo da braça que indicava o número dois. Na contagem concreta, identifica-se um conjunto de palavras ou de fichas com um conjunto de coisas específicas. Finalmente, a terceira fase é a da contagem abstrata, através de números liberando a contagem de um conjunto específico de coisas.⁴⁸

A seguir, apresenta-se no Quadro 3 os estágios da evolução da humanidade relacionados à Contabilidade do período Pré-Histórico até o surgimento das partidas dobradas.⁴⁹

Quadro 3. Estágios da evolução da humanidade: do período pré-histórico até o surgimento das partidas dobradas.⁵⁰

- 8.000 a.C. – utilização de fichas simples como forma de controle patrimonial. Esse era realizado através do uso de fichas muito simples, confeccionadas de barro;
- 4.400 a.C. – seguindo a evolução da complexidade da sociedade, as fichas de barro passaram a ter uma forma mais complexa, considerando a necessidade de controle de uma quantidade muito maior de itens patrimoniais;
- 3.250 a.C. – o controle patrimonial passou a contar com outro elemento, que são os denominados envelopes (caixas) de barro, com um selo (espécie de laço) que envolvia esses envelopes, já que as fichas eram colocadas no seu interior;
- 3.200 a.C. – os envelopes passaram a contar com outro tipo de controle, que foram as impressões na superfície de todas as fichas que eram depositadas no interior. Esse foi o primeiro sinal de registro duplo de que se tem notícia (a ficha e a impressão externa da própria ficha);
- 3.100 a 3.000 a.C. – marca o início do controle patrimonial através da escrita pictográfica e o início da numerologia através da contagem;
- 1.500 a.C. – surgimento das primeiras tabelas de argila, onde eram anotados os elementos patrimoniais para controle;

⁴⁶ IUDÍCIBUS, 2010, p. 15.

⁴⁷ IUDÍCIBUS, 2010, p. 15-16.

⁴⁸ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 62.

⁴⁹ O *Método das Partidas Dobradas*, ou *Método Veneziano* (“el modo de Vinegia”) descrito pela primeira vez por Luca Pacioli no livro “*Summa de Arithmetica, Geometria, Proportioni et Proportionalità*” em 1494, é o sistema-padrão usado em empresas e outras organizações para registrar transações financeiras. Sua premissa é de que a condição financeira e os resultados das operações de uma empresa ou organização são melhores representadas por diversas variáveis, chamadas contas, em que cada uma reflete um aspecto em particular do negócio como um valor monetário. Cada transação financeira é registrada na forma de entradas em pelo menos duas contas, nas quais o total de débitos deve ser igual ao total de créditos. Disponível em: <https://www.contabilidadepublica.com/metodo-das-partidas-dobradas/>. Acesso em: 16 jan. 2021.

⁵⁰ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 62-63.

- 1.100 a.C. – desenvolvimento da escrita alfabética, facilitando ainda mais o controle;
- 650 a.C. – surgimento das primeiras moedas em Lídia (Ásia Menor) e 600 a.C. na Grécia, porém alguns autores afirmam que a primeira moeda é de 869 a.C., de Egina (no golfo de Atenas);
- 400 d.C. a 1000 d.C. – crise na Eurásia; invasão nômade; ascensão do islamismo; cruzadas, cujo objetivo era expulsar os muçulmanos da Terra Santa; recuperação da Europa; início dos movimentos comerciais com as cruzadas e as grandes navegações.

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com José Santos e Paulo Schmidt, “O desenvolvimento econômico do Norte da Itália depois de 1.100 d.C., causado pelo aumento da população, pelas oportunidades econômicas oferecidas pelas Cruzadas, propiciou o surgimento do sistema de partidas dobradas.”⁵¹

Corroborando essa afirmação tem-se o fato de a Contabilidade ter tido seu florescimento e desenvolvimento como disciplina nas cidades italianas de Veneza, Gênova, Florença, Pisa e outras, uma vez que essas cidades da Europa possuíam grande atividade mercantil, econômica e cultural, destacando o período do século XIII até o início do século XVII, representando o que se tinha de mais avançado na época, em termos de empreendimentos comerciais e industriais. Ressalta-se que foi nesse período que Pacioli escreveu seu famoso *Tractatus de computis et scripturis*, expondo a Contabilidade de forma completa e com muitos detalhes.⁵²

Todo o conhecimento aplicado da Contabilidade após a sua sistematização com base nas partidas dobradas foi devotado às atividades comerciais que predominaram desde a época das grandes navegações, com os descobrimentos realizados pelas nações europeias, consolidando-se assim a era mercantilista. Logo, os modelos contábeis foram desenvolvidos voltando-se para as soluções desse ambiente econômico caracterizado em sua totalidade pela atividade comercial.⁵³

No período entre o século XV e XVIII tem-se o destaque para a obra de Luca Pacioli publicada em 1494 tendo o livro como título *La summa de arithmetica, geometria, proportioni et proportionalitá*. Outro autor relevante para esse período foi Benedetto Cotrugli que escreveu seu manuscrito em 1458. Nesse período houve a criação da conta de capital, representando uma dívida da empresa para com o proprietário, separação da entidade e do proprietário.⁵⁴

No século XIX inicia-se o período científico da Contabilidade, precisamente no ano de 1840, com o livro *La contabilità alle amministrazioni private e publike*, de Francesco Villa.

⁵¹ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 63.

⁵² IUDÍCIBUS, 2010, p. 16-17.

⁵³ RIBEIRO FILHO, José F.; LOPES, Jorge; PEDERNEIRAS, Marcleide (Orgs.). *Estudando teoria da contabilidade*. São Paulo: Atlas, 2009, p. 24.

⁵⁴ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 64.

Nesse tempo, o alvo central da Contabilidade passou a ser a administração das entidades, incluindo estudo de viabilidade, retorno sobre capital investido, tempo de permanência do produto novo no mercado, ou seja, houve uma junção entre os objetivos da Contabilidade e da Administração. Assim, a Contabilidade deveria interpretar a dinâmica das empresas e estar voltada para o controle da gestão, indo muito além de somente escriturar, como também a aplicação de conhecimentos e operações com o objetivo de controlar a gestão.⁵⁵

A partir de 1867, com a publicação da obra de Francesco Marchi, *I cinquecontist ovvero la ingannevole teorica che viene insegnata negli istituti tecnici del Regno e fuori del Regno intorno il Sistema de Scrittura a partita doppia e nuovo saggio per la facile intelligenza ed applicazione del sistema*, e com as obras de Giuseppe Cerboni e Giovanni Rossi, a Contabilidade passou a ser mais direcionada⁵⁶. Para esses autores o proprietário da entidade deveria ser considerado no processo de escrituração, as contas seriam abertas em nome das pessoas físicas ou jurídicas que realizem transações com a entidade. Também houve o estudo da *logismografia*, inter-relacionando a economia, administração e contabilidade. A *logismografia* era composta de dois sistemas: o patrimonial e o financeiro.⁵⁷

Em 1880 Fabio Besta apresenta seu trabalho *La Ragioneria*, no qual ele trata da figura do controle, já retratada por Villa. Também surgem novos pensadores nesse período tais como: Vittorio Alfieri, Carlo Ghidiglia, Pietro Rigobon, Pietro D'Alvise. O foco naquele momento era a preocupação com o usuário interno; distinguir a administração geral e econômica, entre outros.⁵⁸

A Contabilidade passa a ser considerada como a ciência do controle econômico, sendo a mesma dividida em duas partes: do registro contábil e da construção do trabalho econômico. A missão da Contabilidade seria a de estabelecer o ponto de partida para análise dos resultados da gestão.⁵⁹

Em 1887 tem-se a criação do AAPA (*American Association of Public Accountants*) que buscou a qualificação da informação contábil, a padronização da Contabilidade e a divisão da Contabilidade em financeira e gerencial⁶⁰. Em 1901, Giovanni Rossi publica o livro *A teoria matematica della scrittura doppia italiana*, para o qual a Contabilidade seria uma ciência matemática na sua essência.⁶¹

⁵⁵ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 66-67.

⁵⁶ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 67.

⁵⁷ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 68.

⁵⁸ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 68.

⁵⁹ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 69.

⁶⁰ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 72.

⁶¹ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 79.

Em 1914, com a publicação do livro de Jean Dumarchey, *Teoria Positiva da Contabilidade*, ela passa a ser considerada a ciência das Contas e seu objetivo seria o de acompanhar a evolução e modificação do patrimônio, com fins de conhecer sua composição e valor.⁶² Com a publicação do livro de Schmalenbach em 1919, sobre o balanço dinâmico, a contabilidade se concentrou no estudo de duas disciplinas: *Teoria Econômica das Empresas e Contabilidade ou Sistema de Cálculo*. Também havia a preocupação com os usuários externos.⁶³

Em 1920, Gino Zappa propõe a Contabilidade num sentido amplo, considerando-a como a ciência da Administração Econômica das Entidades, que estuda a doutrina da Gestão, a doutrina da Organização e a Demonstração dos Resultados da Gestão.⁶⁴

Em 1926 foi publicado o livro *Ragioneria generale*, de Vincenzo Mazi, ano também que surge Frederico Herrmann Jr, que coaduna com os pensamentos de Mazi. Para esses estudiosos, o objeto da Contabilidade é o patrimônio; compreendendo a estática patrimonial, a dinâmica patrimonial e a revelação patrimonial.⁶⁵

No Brasil a Contabilidade pode ser dividida em dois períodos: antes e depois de 1964. Segundo Santos, “apesar de não existir uma escola de pensamento contábil genuinamente brasileira, existem muitas contribuições teóricas e práticas no Brasil. Além disso, existe uma influência permanente da legislação desde o início”⁶⁶.

No Quadro 4 relaciona-se brevemente os principais eventos relacionados a história da Contabilidade no Brasil.

Quadro 4. Principais eventos relacionados a história da contabilidade no Brasil.⁶⁷

-
- 1808 – Publicação, durante o reinado de D. João VI, de um alvará obrigando os contadores gerais da Real Fazenda a aplicarem o método das partidas dobradas na escrituração mercantil;
 - 1850 – Publicação do Código Comercial que instituiu a obrigatoriedade de escrituração contábil e elaboração anual da demonstração do balanço geral;
 - 1880 – Publicação do livro *Manual mercantil* de Veridiano de Carvalho;
 - 20 de abril de 1902 – Criação da Escola de Comércio Álvares Penteado;
 - 30 de julho de 1931 – Publicação do Decreto nº 20.158 - organizou o ensino comercial e regulamentou a profissão contábil;
 - 1940 – Publicação do Decreto nº 2.627, a primeira Lei das Sociedades por Ações;
 - 1945 – Profissão contábil foi considerada carreira universitária;
 - 1946 – Fundação da FEA-USP - instituição do curso de Ciências Contábeis e Atuariais;
 - 1946 – Criação do CFC e dos CRCs;
 - 1947 – Publicação do Decreto-lei nº 24.239, que permitiu a reavaliação de ativos fixos em contrapartida de
-

⁶² SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 80.

⁶³ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 80-82.

⁶⁴ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 83-84.

⁶⁵ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 85-87.

⁶⁶ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 88.

⁶⁷ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 88-90.

- uma reserva especial no patrimônio líquido;
- 1958 – Publicação da Lei nº 3.470, que instituiu a correção monetária da então denominada correção monetária;
- Na primeira fase, utilização do enfoque italiano, através de Carlos de Carvalho, Francisco D’Auria e Frederico Herrmann Jr;
- Na segunda fase, a partir de 1964, o professor Boucinhas implanta um método didático norte-americano, modificando o enfoque italiano para o norte-americano;
- 1964 – Publicação da Lei nº 4.357, que tornou obrigatória a correção monetária do ativo imobilizado e instituição da depreciação do valor corrigido do imobilizado;
- 1971 – Publicação do livro *Contabilidade Introdutória*, de autoria dos professores da FEA-USP;
- 1972 – Resolução 220 - Circulares 178 e 179 do Banco Central. A circular 178 obrigou o registro dos auditores independentes no BC, e a Circular 179 tratou dos princípios e normas de contabilidade (não listou os princípios, apenas os normatizou);
- 1972 – CFC emitiu a Resolução 321, que conceituou Princípios de Contabilidade Geralmente Aceitos (PCGA) e adotou as normas (quase na íntegra) e procedimentos de auditoria elaborados pelo IAIB, atual IBRACON (influenciado pelo SAS 1);
- 1976 – Publicação da lei 6.404, a nova Lei das Sociedades por Ações;
- 1976 – Criação da Comissão de Valores Mobiliários (CVM);
- 1977 – Publicação do Decreto-lei nº 19598, que adequou o Regulamento do imposto de Renda (RIR) à nova Lei das Sociedades por Ações e estendeu as normas e os princípios contábeis da Lei das Sociedades por Ações às demais empresas;
- 1981 – Publicação da Resolução CFC 529, que disciplinou as normas brasileiras de contabilidade e as dividiu em NBC - Técnicas e NBC - Profissionais;
- NBCT-1 – Emitiu a Resolução CFC 530-81, que estabeleceu os Princípios Fundamentais de Contabilidade;
- 1987 – Publicação da Instrução CVM 64, que instituiu a Correção Monetária Integral;
- 1992 – Publicação da Instrução CVM 191, que instituiu unidade monetária contábil (UMC); determinou que a variação de uma UMC equivale a uma UFIR diária, estabeleceu o ajuste a valor presente de ativos e passivos monetários pela taxa da ANBID etc.;
- 1993 – Publicação da Resolução CFC 750, que estabeleceu novos princípios de contabilidade;
- 1995 – Publicação da Lei nº 9.245, que eliminou a correção monetária das demonstrações contábeis;
- 2001 – Publicação da Lei nº 10.303, atual Lei das Sociedades por Ações.
- 2005 – Publicação da Lei nº 1.055 do CFC, que cria o Comitê de Pronunciamentos Contábeis.
- 2007 – Publicação da Lei nº 11.638, alterou a lei 6.404/76.
- 2009 – Publicação da Lei nº 11.941, altera a legislação tributária federal.

Fonte: Elaborado pela autora.

No ano de 2007 foi promulgada a Lei nº 11.638/2007 a partir da qual o Brasil passou a adotar as Normas Internacionais de Contabilidade (IFRS) alinhando as normas brasileiras às legislações dos Estados Unidos e de países da Europa.⁶⁸

Desde então já foram emitidos 50 Pronunciamentos Contábeis, alterando e reestruturando toda a estrutura conceitual da Contabilidade, desde redefinição de conceitos até as novas formas de apresentação das demonstrações contábeis. Alguns pronunciamentos já foram revistos e atualizados por diversas vezes, como forma de se manter a contabilidade, no Brasil, o mais harmônica possível em relação às normas internacionais de contabilidade.⁶⁹

⁶⁸ ANTUNES, Maria T. P. ; GRECCO, Marta C. P. ; FORMIGONI, Henrique; MENDONÇA NETO, Octavio R. A adoção no Brasil às normas internacionais de contabilidade IFRS: o processo e seus impactos na qualidade da informação contábil. *Revista de Economia & Relações Internacionais*, v. 10, n. 20, p. 5-19, São Paulo: FEC-FAAP, 2012. Disponível em: https://www.fAAP.br/pdf/faculdades/economia/revistas/ciencias-economicas/revista_economia_20.pdf. Acesso em: 04 ago. 2020, p. 6.

⁶⁹ COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS (CPC). *Pronunciamento Técnico CPC 26 (R1): Apresentação das Demonstrações Contábeis – Correlação às Normas Internacionais de Contabilidade – IAS 1*

De acordo com Sérgio Iudícibus, “a Contabilidade organiza, classifica, agrega e inventaria os dados e compara uma situação inicial com outra mais avançada no tempo. Mesmo em organizações pequenas é possível verificar um sistema simples de registro”. Ou seja, “parte do que a Contabilidade e pode ser aferida pelo que a Contabilidade realiza dentro da atividade econômica”⁷⁰.

Conforme a dimensão da forma organizacional e do empreendimento, as funções contábeis são aplicadas. Por isso é fundamental o acompanhamento da evolução patrimonial das entidades. Ou seja, “o grau de desenvolvimento das teorias contábeis e de suas práticas está diretamente associado, na maioria das vezes, ao grau de desenvolvimento comercial, social e institucional das sociedades, cidades ou nações.”⁷¹

Seguindo esse conceito de Sérgio Iudícibus, de que o desenvolvimento das teorias contábeis está diretamente ligado ao grau de desenvolvimento social, entre outros, busca-se apresentar as relações da Contabilidade com o Cristianismo, ou seja, a contribuição que a religião teve no desenvolvimento da Contabilidade.

1.2 Relações da Contabilidade com o Cristianismo

A igreja contribuiu para a difusão e ampliação da Contabilidade, mesmo que inicialmente tenha sido apenas dentro dos limites da igreja.⁷² A Igreja Católica era a única instituição organizada administrativa e contabilmente, porque era detentora de grandes posses e exercia enorme influência em todos os setores da sociedade. E, por ser a única a ter essa organização, ela também detinha o controle das técnicas contábeis⁷³. O método das partidas dobradas é atribuído ao Frei Luca Pacioli e a divulgação desse método foi possível devido ao conhecimento e condições proporcionados pela igreja.⁷⁴

O acesso às informações e à educação sistematizada, durante a Idade média, era privilégio do clero e da classe dominante, e isso justifica o fato do Frei Luca Pacioli ter acesso à educação e cultura.⁷⁵

(IASB – BV 2011). São Paulo: FACPC, 2011. Disponível em: http://static.cpc.aatb.com.br/Documentos/312_CPC_26_R1_rev%2014.pdf. Acesso em: 28 jul. 2020, p. 4.

⁷⁰ IUDÍCIBUS, 2010, p. 16.

⁷¹ IUDÍCIBUS, 2010, p. 16.

⁷² SILVA; SANTOS; PEREIRA, 2017, p. 1097.

⁷³ SILVA; SANTOS; PEREIRA, 2017, p. 1093.

⁷⁴ SILVA, SANTOS; PEREIRA, 2017, p. 1097.

⁷⁵ JOCHEM, Laudelino. *Contabilidade uma visão crítica da Evolução Histórica*. 2 ed. Curitiba: Juruá, 2013, p. 34.

A obra de Pacioli chamada *Summa de Aritmética, Geometria, Proporções e Proporcionalidades*, foi a primeira sobre Contabilidade a ser impressa. Essa obra marca o fim do período Medieval e inaugura o período Moderno. O objetivo do autor nessa obra foi, de forma prática, estabelecer o caminho para a organização da atividade comercial, apresentada em forma de três volumes mercantis: Borrador, Diário e Razão.⁷⁶

Em diversos pontos de sua obra Pacioli dá instruções utilizando o nome de Deus e sobre a conduta de um bom cristão católico. Eis alguns trechos: “Os verdadeiros católicos costumam assinalar os livros primeiro com a Santa Cruz, para afugentar o inimigo espiritual e toda a caterva que treme diante desse sinal, como se aprende antes mesmo de saber-se o alfabeto”⁷⁷. Ou, como corrobora esse tipo de pensamento: “Mas, sempre, sobretudo, primeiro, Deus e o próximo te estejam diante dos olhos e não faltes de ouvir a missa pela manhã, lembrando-te que por intermédio dela jamais se perde o caminho, nem pela caridade reduzem as riquezas”⁷⁸. E, reitera em outro trecho:

Procurais cristãos, antes de tudo, o reino dos Céus e depois as outras coisas temporais e espirituais facilmente conseguireis, posto que o vosso Pai celestial de vossas necessidades bem cuida: e isto admito te seja suficiente para o teu aprendizado do Inventário tão como para a elaboração dos demais documentos.⁷⁹

Pacioli, em seus escritos é categórico: “Igualmente com o nome de Deus iniciarás os registros do teu Diário”⁸⁰. “O Razão assinalará com uma cruz”⁸¹, entres outros trechos referenciados no livro.

A Igreja Católica realizou as Cruzadas com a finalidade de reconquista da Palestina e de recuperação do seu poder, tais movimentos proporcionaram grandes contribuições, especialmente relacionadas a área comercial e, por conseguinte, também em relação à Contabilidade, pois houve grande difusão do comércio; bem como mudanças nas formas de condução, por exemplo, da cobrança de juros e o aferimento de lucro, surgindo, então, o capitalismo⁸². Com o fim da Idade Média, decaimento do feudalismo, surge o capitalismo que contribuiu para a evolução da Contabilidade.⁸³

⁷⁶ JOCHEM, 2013, p. 36.

⁷⁷ SÁ, 2004, p. 75.

⁷⁸ SÁ, 2004, p. 71.

⁷⁹ SÁ, 2004, p. 72.

⁸⁰ SÁ, 2004, p. 80.

⁸¹ SÁ, 2004, p. 85.

⁸² SILVA, SANTOS; PEREIRA, 2017, p. 1099-1102.

⁸³ SILVA, SANTOS; PEREIRA, 2017, p. 1098.

No período Medieval a igreja já utilizava as técnicas contábeis com o objetivo de organizar seu patrimônio, ao qual denominava “Patrimônio de Cristo” e pelo qual os frades e o clero em geral, eram os responsáveis pelas escriturações.⁸⁴

A igreja era a única instituição que controlava a vida e a rotina da sociedade durante a Idade Média. Detentora de poder centralizado, disciplina rigorosa, hierarquia estruturada, atrelado a ideologia religiosa, propagou o seu poder milenar. Taylor, em sua obra *Uma Era Secular*, aponta que nesse tempo, era praticamente impossível não acreditar em Deus, porém, com a chegada da Idade Moderna abriram-se alternativas para que atualmente seja possível entender a crença em Deus como uma dentre inúmeras possibilidades. Para esse autor, a Reforma Protestante foi o que resultou desse processo de ‘desencantamento do mundo’. Assim, como descreveu Max Webber, um dos principais impulsionadores da secularização moderna.⁸⁵

Na época citada, essa relação de poder era possível e, praticamente única a ser exercida, pois, tinha-se uma sociedade na qual a economia era de subsistência, e ela era dividida em castas sociais, destacando a agricultura de pequeno porte⁸⁶. A autora, Daniele Hervieu-leger, em sua conceituada obra “O Peregrino e o Convertido”, explicita claramente a diferença entre um tempo e outro, cada qual com seus valores:

Passou a se analisar a religião na modernidade além do desencantamento weberiano, analisando que existe um processo de recomposição de crenças a nível individual, com um caráter fluído e disperso. A secularização dessas sociedades não se resume unicamente, já sabemos disso, ao encolhimento de uma esfera religiosa diferenciada. Ela se faz notar, igualmente, na disseminação dos fenômenos de crença.⁸⁷

Ou seja, essa estudiosa, introduz a discussão para fundamentar a relação entre a vida social e a vida religiosa no período pré-Moderno com sua tese com uma metáfora tendo por base os Pirineus, nos vales de Andorra, apontando para a centralidade da igreja em relação à sociedade local no pretérito, em discrepância com o panorama contemporâneo, onde prevalecem o comércio de varejo e o turismo de indivíduos impacientes em fazer gastos desenfreados. Esta outra atmosfera social propicia uma espécie de “nova catedral”:

O centro termolúdico que abriga, na verdade, a ‘catedral de aço e de cristal’, com suas piscinas quentes e frias, seus banhos egípcios, suas banheiras borbulhantes, suas saunas e suas salas de musculação, é com certeza, em certo sentido, um lugar

⁸⁴ JOCHEM, 2013, p. 26.

⁸⁵ TAYLOR, Charles. *Uma era secular*. Trad. Nélio Schneider e Luiza Araújo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010, p. 36.

⁸⁶ JOCHEM, 2013, p. 27.

⁸⁷ HERVIEU-LÉGER, Daniele. *O peregrino e o convertido – a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 25.

de culto: o culto do corpo, da forma física, da juventude permanentemente preservada, da saúde e da satisfação pessoal.⁸⁸

Ou seja, com essa abordagem nova Hervieu-Léger buscou, assim, recortar o entendimento daquilo que seria o campo especificamente religioso. Sua linha de pensamento indica para o fato de que “qualquer que seja a crença, ela pode ser objeto de uma formulação religiosa, desde que encontre sua legitimidade na invocação à autoridade de uma tradição.”⁸⁹

Dessa maneira, então, para essa autora, é possível acreditar em Deus de forma não religiosa; o que oferece à crença o status de religioso é a lógica do desenvolvimento, sendo obrigatória uma memória de grupo instituindo, desse modo, uma casta dos que creem.

Acerca das características da Idade Média, o controle da educação, por exemplo, sistematizada, incluindo a Contabilidade, era exercido pela igreja, que, devido as transformações, não conseguiu manter-se forte quando surgiram os ideais burgueses, especialmente aqueles inspirados no Renascimento. A Contabilidade, durante o período medieval, não ultrapassou os limites estabelecidos pela própria igreja, que a utilizava como instrumento de controle da riqueza acumulada, em detrimento da população, formada inclusive por escravos.⁹⁰

No ano de 1.119 d.C. foi criada a Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo, os templários, que também contribuíram e influenciaram a Contabilidade, além de oferecer segurança aos templos sagrados de Jerusalém, objetivo para o qual foram criados. Aos poucos os templários foram se apropriando de enormes riquezas, tornando-se uma das instituições mais ricas da época, verdadeiros bancos e casas de custódias. Apesar dos empréstimos de dinheiro a juros serem proibidos pela igreja, nesse caso a mesma não colocava objeção, permitindo assim, que até os reis recorressem à Ordem dos Templários para conseguir empréstimos com a finalidade de ajudar no funcionamento da máquina estatal.⁹¹

Sistemas de controles contábeis – avançados para a época – foram estabelecidos pelos templários, que registravam e controlavam seu patrimônio, utilizando-se das técnicas existentes, criando, assim, as principais raízes da Contabilidade Bancária, com métodos de controle e registros dos patrimônios especialmente para o sistema financeiro e casas de câmbio. Contribuíram também para a divulgação e aperfeiçoamento das partidas dobradas.⁹²

Segundo Sérgio de Iudícibus:

⁸⁸ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 16-20.

⁸⁹ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 26.

⁹⁰ JOCHEM, 2013, p. 29.

⁹¹ JOCHEM, 2013, p. 30-31.

⁹² JOCHEM, 2013, p. 31-32.

Após o surgimento inicial do método contábil, na Itália, provavelmente no século XIII ou XIV, de sua divulgação no século XV (obra de Frà Luca Pacioli), da disseminação da ‘escola italiana’ por toda a Europa, surge no século XIX um período que muitos denominam de científico, e ao qual preferimos chamar de romântico.⁹³

No século XVI destaca-se a obra *Indirizzo Degli Economi*, do monge beneditino Ângelo Pietra, que foi publicada em 1586, obra que buscou as razões dos conceitos e não apenas os registros dos fatos.⁹⁴

A Contabilidade, ao longo da história, tornou-se um instrumento a serviço de determinados grupos que buscavam manter o *status quo*, garantindo sua dominação sobre os outros, e apesar disso, esses grupos contribuíram para o aperfeiçoamento e evolução dessa ciência, como é o caso da religião⁹⁵. Moreira relaciona os principais autores católicos e suas contribuições para com a Contabilidade (Quadro 5).

Quadro 5. Autores clérigos e suas contribuições para a Contabilidade.⁹⁶

Nome	Obra	Contribuições
Luca Pacioli	Súmula de Aritmética, Geometria, Proporções e Proporcionalidade (<i>Summa de Arithmetica, Geometria, Proportioni et Proportionalitá</i>) (1494) – trata principalmente de Matemática. Traz um capítulo (tratado XI, do título IX) dedicado ao método contábil intitulado <i>Particularis de Computis et Scripturis</i> .	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro livro impresso que tratou de matéria contábil possibilitando ampla divulgação. • Apresentou o Método das Partidas Dobradas de forma profunda e estruturada, em italiano comum e de forma expositiva fácil; • Reconhecia a importância do conhecimento dos registros contábeis para o mercado.
Angelo Piétra	Indirizzo deli Economi (1856)	<ul style="list-style-type: none"> • Melhor qualidade técnica e intenção doutrinária; maior seriedade conceitual, apresentando um princípio de sistematização teórica e racional, oferecendo ao conhecimento contábil um caráter de objetividade; • Fez referências a aplicações bancárias, mercantis e patrimoniais e escreveu sobre previsões orçamentárias; • Analisou a particularidade dos conceitos de débito e crédito, valor, quantidade, preço e custo para a Contabilidade e um esboço de Plano de Contas; • Preocupação em não apenas expor como fazer os registros, mas também, em buscar as razões dos conceitos; • Foi o precursor dos princípios da competência e da prudência;

⁹³ IUDÍCIBUS, 2010, p. 17.

⁹⁴ BUESA, Natasha Y. A evolução histórica da contabilidade como ramo do conhecimento. *Revista Eletrônica Gestão e Negócios*, v. 1, n. 1, São Roque: UNISR, 2010. Disponível em: http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdfs/natasha_adm.pdf. Acesso em: 09 jul. 2020, p. 6.

⁹⁵ MOREIRA, 2014, p. 40.

⁹⁶ MOREIRA, 2014, p. 19.

Ludovico Flori	<i>Trattato del modo di tenere Il libro doppio domestico col suo esemplare</i> (1636)	<ul style="list-style-type: none"> ● Precursor da Escola Contismo; ● Precursor do princípio da prudência (prevenção pela previsão); ● Difusão da partida de múltiplos débitos e créditos.
----------------	---	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Essa autora ainda apresenta a escassez de pesquisas sobre religião e Contabilidade e que estudos internacionais ressaltam que a cultura é o determinante das práticas contábeis, sendo assim, se a religião afeta os valores culturais, então ela também influencia a Contabilidade.⁹⁷

Segundo Young, a cultura também é encontrada implicitamente nas atividades diárias de uma empresa. “A contabilidade também é afetada pelo estilo de vida religioso e pelas crenças dos profissionais contadores”⁹⁸. Ou seja, tanto os valores culturais de uma organização quanto a religião influenciam as práticas contábeis de diversas maneiras, portanto a influência da cultura na contabilidade é evidente.⁹⁹

1.3 A evolução da Contabilidade: distinções entre o modelo originário e o modelo moderno

A Contabilidade, segundo José Santos e Paulo Schmidt, remonta ao período pré-histórico, por volta de 10.000 a 5.000 a.C. tendo em vista que as primeiras fichas de barro foram encontradas em 8.000 a.C. na cidade de Uruk, Mesopotâmia.¹⁰⁰

O sistema contábil, nesse período, consistia no uso de fichas simples e complexas nas quais, utilizando-se de caracteres cuneiformes, fazia-se o controle de estoques de produtos agrícolas e animais. Com o início da contagem abstrata e escrita, surgiram os primeiros pictográficos.¹⁰¹

Por volta de 4.400 a.C., as fichas de barro se tornaram mais complexas tendo em vista a maior necessidade de controle em função da quantidade de itens patrimoniais. Logo após, em meados de 3.250 a.C., surgiram os envelopes (caixas) de barro que continham um selo (espécie de laço) que envolvia os envelopes nos quais as fichas eram guardadas.

⁹⁷ MOREIRA, 2014, p. 26.

⁹⁸ YOUNG, Meredith. *Cultural Influences on Accounting and its practices*. Senior Honor Thesis (Accounting) – Liberty University, Lynchburg, VA, 45 f., 2013. Disponível em: <https://digitalcommons.liberty.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1396&context=honors>. Acesso em: 02 ago. 2020, p. 34 [Tradução Livre].

⁹⁹ YOUNG, 2013, p. 43 [Tradução Livre].

¹⁰⁰ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 62.

¹⁰¹ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 62.

Posteriormente, os envelopes passaram a apresentar em suas superfícies as impressões de todas as fichas que continham em seus interiores.¹⁰²

No período de 3.100 a.C. a 1.000 d.C., houve grandes mudanças e evolução tais como: o início do controle patrimonial e utilização da escrita pictográfica e o início da numerologia e da contagem; desenvolvimento da escrita alfabética; surgimento das primeiras moedas; crise na Eurásia; invasão nômade; ascensão do islamismo; Cruzadas, cujo objetivo era expulsar os muçulmanos da Terra Santa; recuperação da Europa; início dos movimentos comerciais com as Cruzadas e as grandes navegações, entre outros.¹⁰³

Por volta de 1.100 ocorreu grande desenvolvimento econômico no Norte da Itália, o qual contribuiu para o surgimento do sistema de partidas dobradas, devido as oportunidades econômicas proporcionadas pelas Cruzadas, na época.¹⁰⁴

No método das partidas dobradas para cada débito deveria existir um crédito, e apesar de sua autoria ter sido atribuída ao Frei Luca Pacioli, em 1494, ressalta-se que por volta do ano de 1363 na Arábia e por volta do ano de 1250 a 1280 na Itália, já existiam sinais da utilização desse método contábil. A obra de Pacioli não se trata de uma obra específica de Contabilidade, porém uma parte do livro foi dedicada à Contabilidade e às partidas dobradas.¹⁰⁵

Pacioli, em seu livro, menciona que três coisas são mais importantes para quem deseja comerciar: Dinheiro, ser um bom contador e um ágil calculista, e ter todos os seus negócios organizados, com os débitos e créditos lançados corretamente. E, por esse entendimento é que Pacioli dedica um capítulo do Summa para ensinar o estritamente necessariamente para quem pudesse se interessar.¹⁰⁶

A seguir apresenta-se um quadro comparativo entre a contabilidade descrita no livro de Pacioli, o Summa, e a contabilidade dos dias atuais.

Quadro 6. Comparação entre a Contabilidade de 1494 e a Contabilidade de 2020.¹⁰⁷

	Summa 1494	Leis e Regulamentos atuais (2020)
Inventário	Escrito em folha ou livro separado; Relacionar os bens móveis e imóveis, por ordem de maior e valor e facilidade de serem perdidas, ficando assim, por último os imóveis	Deverão ser arrolados, com especificações que facilitem a sua identificação, as mercadorias, os produtos manufaturados, as matérias-primas, os produtos em fabricação e os bens em almoxarifado existentes na

¹⁰² SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 62-63.

¹⁰³ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 62-63.

¹⁰⁴ SANTOS; SCHMIDT; MACHADO, 2005, p. 63.

¹⁰⁵ JOCHEM, 2013, p. 37.

¹⁰⁶ SÁ, 2004, p. 64-65.

¹⁰⁷ SÁ, 2004, p. 64-139 [Adaptado].

	e posteriormente as dívidas; Devia conter o dia, ano, lugar e o nome do proprietário; Todo o inventário deveria ser levantado no mesmo dia. Incluía os bens e obrigações.	data do balanço patrimonial levantado ao fim de cada período de apuração. ¹⁰⁸
Memorial Borrador ou Costaneira	Deve ser anotado diariamente e em cada momento, tudo o que ocorrer nos negócios, de pequenos ou grandes valores, cada venda ou compra ou qualquer outro negócio, identificando de forma minuciosa quando e onde as coisas aconteceram; Identificar na capa do livro, o tempo/ou ano a que se refere e sua numeração sequencial. As folhas devem ser numeradas e por ordem cronológica.	Não há correspondente atualmente.
Diário	Deve conter sua identificação na capa e folhas rubricadas; Cada folha deve conter dia e ano a que se refere; Uso da expressão “POR” designando o(s) devedor(es), e da expressão “A” identificando o(s) credor(es);	Deve conter os termos de abertura e encerramento devidamente autenticados; Os lançamentos devem ser feitos diariamente, com clareza, individualização e caracterização do documento relativo a todas as operações da pessoa jurídica, em idioma e moeda nacionais. Emissão obrigatória. Pode ser utilizada a escrituração eletrônica. Obrigatório ser assinado por um contabilista. ^{109 110 111}
Razão	Deve conter sumário; Relacionar todos os devedores e credores; Identifica-se o ano, não sendo necessário a identificação do dia nas folhas, pois muitos dias se colocam em apenas uma, sendo o ano identificado em números romanos.	Exigido para a pessoa jurídica tributada com base no lucro real. Deve conter todos os lançamentos apresentados no livro diário, obedecendo a ordem cronológica. ¹¹²
Autenticação dos livros	Não era obrigatória, mas empregava confiança nos registros; Os livros deveriam conter: a moeda eleita para avaliação, encarregado	É obrigatória a autenticação do livro Diário ^{113 114 115} , livro de inventário. ¹¹⁶

¹⁰⁸ BRASIL. *Decreto nº. 9.580*, de 22 de novembro de 2018. Regulamenta a tributação, a fiscalização, a arrecadação e a administração do Imposto sobre a Renda e Proventos de Qualquer Natureza. Brasília: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/D9580.htm. Acesso em: 02 ago. 2020, Art. 276.

¹⁰⁹ BRASIL, 2018, Art. 273.

¹¹⁰ BRASIL. *Lei nº. 10.406*, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. Brasília: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10406.htm. Acesso em: 02 ago. 2020, Art. 1180-1185.

¹¹¹ CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE (CFC). *Resolução nº 2017/CTG 2001 (R3)* – Define as formalidades da escrituração contábil em forma digital para fins de atendimento ao Sistema Público de Escrituração Digital (SPED), 2017. Disponível em: [https://www2.cfc.org.br/sisweb/sre/detalhes_sre.aspx?codigo=2017/CTG2001\(R3\)](https://www2.cfc.org.br/sisweb/sre/detalhes_sre.aspx?codigo=2017/CTG2001(R3)). Acesso em: 02 ago. 2020, p. 1-4.

¹¹² BRASIL, 2018, Art. 274.

¹¹³ CFC, 2017, p. 3.

¹¹⁴ BRASIL, 2002, Art. 1181.

¹¹⁵ BRASIL, 2018, Art. 273.

¹¹⁶ BRASIL, 2018, Art. 275.

	pela escrituração, proprietário dos bens e dos livros, sinal que identifica o livro, quantidade de folhas, data da primeira folha etc.	
--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Na primeira parte do Tratado escrito por Pacioli, ele descreve sobre o inventário e os procedimentos relacionados a este. Pacioli diz que ao se iniciar o trabalho deve-se começar invocando o Santo nome do Senhor Deus. E isso deveria ser o início, a abertura da primeira folha do Inventário: “Em nome de Deus, em 8 de novembro de 1493, em Veneza”, foi dado como exemplo por Pacioli.¹¹⁷

Além disso, ainda dá instruções sobre a vida religiosa, como por exemplo, o de não deixar de ouvir a missa pela manhã, o de fazer a caridade em nome de Deus e que os cristãos deveriam procurar primeiramente o reino dos céus e depois conseguiriam as outras coisas temporais, e quem assim procedesse, teria o suficiente para o aprendizado do inventário, bem como para a elaboração dos demais documentos.¹¹⁸

O memorial Borrador, retratado por Pacioli, servia como um rascunho de anotação do fato ou acontecimento no momento em ocorresse evitando assim que os eventos se perdessem na memória, e posteriormente deveriam ser transferidos para o Livro Diário. O Borrador permaneceu sendo utilizado por muito tempo, e no início do século XX era utilizado como auxiliar, também chamado de Borrão, sendo que hoje já não se utiliza mais.¹¹⁹

Pacioli não reconhece o Balanço tal qual se tem atualmente. De acordo esse frei, os lucros e perdas deveriam ter seus saldos encerrados em contas de resultados e apresentados apenas no livro Razão, dispensado seu registro no livro Diário, e o saldo da conta de lucros e perdas deveria ser encerrado/registrado na conta capital.¹²⁰

Atualmente, a Lei 6.404/76 (Lei das Sociedades por Ações) em seu artigo 176 estabelece que ao final de cada exercício social, a companhia elaborará com base na escrituração mercantil as seguintes demonstrações financeiras: Balanço Patrimonial, Demonstração dos Lucros e Prejuízos Acumulados, Demonstração do Resultado do Exercício, Demonstração dos Fluxos de Caixa e Demonstração do Valor Adicionado, complementadas pelas Notas Explicativas.¹²¹

¹¹⁷ SÁ, 2004, p. 65.

¹¹⁸ SÁ, 2004, p. 71-72.

¹¹⁹ SÁ, 2004, p. 152-154.

¹²⁰ SÁ, 2004, p. 178-179.

¹²¹ BRASIL. *Lei n.º 6.404*, de 15 de dezembro de 1976. Dispõe sobre as Sociedades por Ações. Brasília: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6404consol.htm. Acesso em: 02 ago. 2020.

De acordo com o CPC (Comitê de Pronunciamento Contábil) nº 26, cada demonstração e respectivas notas explicativas devem ser devidamente identificadas e apresentarem as seguintes informações: Nome da Entidade e se pertence a um grupo de entidades; data de encerramento do período a que se refere a demonstração; a moeda de apresentação; o nível de arredondamento usado na apresentação dos valores das demonstrações contábeis.¹²²

No Balanço, as contas são classificadas de acordo com o grupo ao qual pertençam, com o objetivo de facilitar o conhecimento e análise da situação financeira da empresa, sendo composto por Ativo, Passivo e Patrimônio Líquido. As contas do Ativo são apresentadas em ordem decrescente de grau de liquidez, sendo dividido em Ativo Circulante e Ativo Não Circulante que é composto por ativo realizável a longo prazo, investimentos, imobilizado e intangível. No passivo as contas são classificadas em Circulante e Passivo Não Circulante, observando a ordem crescente de exigibilidade. Já o Patrimônio Líquido é dividido em capital social, reservas de capital, ajustes de avaliação patrimonial, reservas de lucros, ações em tesouraria e prejuízos acumulados.¹²³

A Demonstração do Resultado deve apresentar: O total do resultado do período e outros resultados abrangentes; Receitas; Custos, Tributos, Despesas, Resultado Líquido do Período, entre outros¹²⁴. Assim como a Demonstração dos Fluxos de Caixa objetiva proporcionar informações sobre a capacidade da entidade em gerar caixa e equivalentes de caixa, e as necessidades da entidade para utilizar esses fluxos de caixa, informações essas que podem ser utilizadas pelos usuários das demonstrações para auxiliar as tomadas de decisões. Essas informações são divididas em três fluxos: das operações, dos financiamentos e dos investimentos^{125 126}. Já a Demonstração do Valor Adicionado evidencia o valor da riqueza gerada pela companhia, a sua distribuição entre os elementos que contribuíram para a geração dessa riqueza, tais como empregados, financiadores, acionistas, governo e outros, bem como a parcela da riqueza não distribuída¹²⁷. No que diz respeito a Demonstração dos Lucros e Prejuízos Acumulados apresentará toda movimentação ocorrida nessa conta, ou seja, o saldo do início do período, os ajustes de exercícios anteriores, as reversões e transferências de reservas, o lucro líquido do exercício, dividendos entre outros.¹²⁸

¹²² CPC, 2011, p. 17.

¹²³ BRASIL, 1976, Art. 178.

¹²⁴ CPC, 2011, p. 24.

¹²⁵ CPC, 2011, p. 32.

¹²⁶ BRASIL, 1976, Art. 188.

¹²⁷ BRASIL, 1976, Art. 188.

¹²⁸ BRASIL, 1976, Art. 186.

As Notas Explicativas resumidamente devem apresentar informações sobre a elaboração das demonstrações contábeis, bem como quaisquer outras informações que não tenham sido apresentadas nas demonstrações, informações essas que sejam relevantes para a compreensão das demonstrações¹²⁹. Tais Notas são de forma simples diferenças entre, como era a Contabilidade descrita no Livro Summa de Pacioli de 1494 e a Contabilidade de 2020. Não foi o objetivo aqui detalhar todas as demonstrações e outros detalhes, mas apenas evidenciar um pouco do progresso obtido pela contabilidade, e que muito se deve a esse período a Pacioli, quando publicou seu livro, permitindo, assim, a divulgação da contabilidade, com suas técnicas e possibilitando sua aplicação e estudos posteriores.

Diante do exposto eis que se tem uma questão: Os movimentos religiosos também influenciaram no desenvolvimento da economia? Para isso é prudente verificar a relação dos movimentos religiosos no desenvolvimento do capitalismo sob a ótica de Max Weber e sua definição do Espírito do Capitalismo apresentado em seu livro a “Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”.



¹²⁹ CPC, 2011, p. 32.

2 ECONOMIA E PROTESTANTISMO, SEGUNDO MAX WEBER

Neste capítulo aborda-se brevemente a biografia sobre Max Weber. Em seguida, analisou-se o “Espírito do Capitalismo” segundo esse mesmo autor em seu livro a *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Finalmente, evidenciou-se a relação dos movimentos religiosos com o desenvolvimento do capitalismo.

No momento em que se deu a Reforma Protestante, esta contribuiu em grande parte para a difusão da Contabilidade, uma vez que os protestantes tinham que fugir da perseguição da Igreja Católica, e, sendo assim, levavam os conhecimentos contábeis para outras terras.¹³⁰

Max Weber, em seu livro, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, disse “A confissão ‘reformada’, em comparação com outras confissões, parece que favoreceu francamente o desenvolvimento do espírito capitalista.”¹³¹.

2.1. Max Weber

Max Emil Maximilian Weber nasceu em 21 de abril de 1864 na cidade de Erfurt, capital do Estado da Turíngia, que fica localizado na região central da Alemanha. Seus pais, Max Weber e Helene Fallenstein tinham ligação com o Protestantismo e, portanto, sua formação também foi influenciada pelos seus pais. Participou no *Evangelischer Social-Kongress* (Congresso Social Evangélico), na *Verein für Sozialpolitik* (Associação para a Política Social), organizações que reagem contra o excesso de industrialização na Alemanha e realizavam pesquisas sobre problemas sociais.¹³²

Weber foi fortemente influenciado pelas companhias intelectuais presentes em sua casa e pelas viagens que a família fazia. Desde cedo foi um jovem precoce com relação aos seus estudos. Preferia os livros aos esportes e, no começo da adolescência já desenvolvia interesses intelectuais próprios. Aos 13 anos escreveu seus primeiros ensaios históricos e aos 15 anos já lia como os especialistas. Fazia críticas aos colegas de estudos pelo gosto vulgar que estes apresentavam ao lerem tolices contemporâneas. Também estendia suas críticas aos

¹³⁰ MOREIRA, 2014, p. 23.

¹³¹ WEBER, 2004, p. 37.

¹³² PEREIRA, Jesus M. Um breve comentário sobre a Sociologia urbana de Max Weber. *Sociabilidades Urbanas* – Revista de Antropologia e Sociologia, v. 2, n. 5, p. 39-54, julho de 2018. Disponível: <http://www.cchla.ufpb.br/sociabilidadesurbanas/>. Acesso em: 16 out. 2020, p. 40.

professores; o que lhe gerava ausência de um sentimento de profundo respeito por estes. Seus companheiros de estudos o consideravam um “fenômeno”.¹³³

O jovem Weber fazia críticas aos discursos políticos da época. Trocava cartas com um primo que era mais velho e aluno da Universidade de Berlim, a respeito das decisões políticas do governo. Sua mãe, que lia as cartas sem seu conhecimento, se preocupava com o fato de o filho estar se distanciando dela intelectualmente. Weber, mesmo tão jovem, aprendera que as palavras e atos não devem ser tomados pelo seu valor aparente e que se desejasse chegar à verdade deveria buscar o conhecimento direto na fonte. E isso já se refletia, quando na época de sua preparação para a Crisma, decidiu aprender hebraico para que pudesse ler o texto original do Antigo Testamento.¹³⁴

Também fazia parte das preocupações de sua mãe a indiferença religiosa que Weber demonstrava. Helene, com uma piedade profunda e pessoal, sofreu com o mundanismo de sua vida familiar, e pela atmosfera farisaica e complacente criada pelo marido. Aos poucos, durante a adolescência de Weber, os pontos de discussão com a mãe sobre assuntos relevantes foram diminuindo. Mas isso não significou que ele se aproximou do pai, pelo contrário, também se afastou deste. Weber era respeitoso, mas rebelou-se contra a autoridade dos mais velhos. Não demonstrava interesse por atividades frívolas e nem pela monótona rotina escolar, como tão pouco pela insignificância intelectual de seus professores.¹³⁵

Ao concluir seus estudos pré-universitários, em 1882, Weber era dotado de talento excepcional, porém seus professores atestaram sua falta de interesse pela rotina e duvidavam de sua maturidade moral. Aos 17 anos Weber continuava carecendo do devido respeito pela autoridade.¹³⁶

Entrou para o curso de Direito, seguindo as pegadas do pai, mas também estudou uma vasta quantidade de matérias culturais, como História, Economia e Filosofia. Por influência de um primo mais velho, da parte de sua mãe, que estudava Teologia, participou das polêmicas teológicas e filosóficas de sua época. Começou a participar ativamente da sociedade de duelos e aprendeu a se sair bem nesses, com também com a bebida. Aos poucos contraiu dívidas as quais não se livrou durante toda a fase em que esteve em Heidelberg.¹³⁷

¹³³ WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982, p. 16.

¹³⁴ WEBER, 1982, p. 17.

¹³⁵ WEBER, 1982, p. 18.

¹³⁶ WEBER, 1982, p. 18-19.

¹³⁷ WEBER, 1982, p. 19.

Weber escreveu, recordando-se dos seus anos de Heidelberg: “O treinamento habitual para a agressão altaneira, na fraternidade de duelo e como oficial, teve sem dúvida uma forte influência sobre mim. Eliminou a timidez e insegurança de minha adolescência.”¹³⁸.

Após três semestres de estudos em Heidelberg, Weber, que estava com 19 anos, se transferiu para Estrasburgo para prestar um ano de serviço militar. Weber jamais praticava exercícios físicos e o seu serviço militar com seu treinamento foi-lhe muito difícil. Também não lhe agradava renunciar a seus interesses intelectuais.¹³⁹

Quando chego a casa, habitualmente vou deitar-me cerca das 9 horas. Não consigo dormir, porém, pois os meus olhos não estão cansados e o lado intelectual do homem não está sendo utilizado. O sentimento, que começa pela manhã e aumenta no decorrer do dia, de mergulhar lentamente na noite de uma estupidez abismal é, na realidade, o mais desagradável de tudo.¹⁴⁰

Weber, para contornar esse sentimento, começou a usar álcool à noite, o que lhe causava ressaca no dia seguinte. Conseguia realizar as tarefas físicas, porém sem se destacar nelas. Sempre se rebelava contra o desperdício de tempo exigido para domesticar seres pensantes e transformá-los em máquinas que atendessem a ordens com precisão automática.¹⁴¹

Apesar disso, conseguiu sua patente de oficial, e admitiu que o corpo trabalha com maior precisão quando todo o pensamento é eliminado. Era estimado pelos seus superiores e conquistou o respeito dos seus subordinados. Em 1884, terminou o ano de serviço militar e aos 20 anos, reiniciou os estudos universitários em Direito.¹⁴²

Ao final dos seus estudos, Weber começou a trabalhar nos tribunais de Berlim e frequentava salas de conferências dos juristas eminentes da época. Concentrou seus estudos na histórica econômica e jurídica, num ponto de intersecção em que se confundiam. Sua tese de doutorado foi sobre a história das companhias de comércio durante a Idade Média. Em 1890, Weber realizou seu segundo exame de Direito, habilitando-se para o Direito Comercial, Alemão e Romano.¹⁴³

Em 1892, Marianne Schnitger, sobrinha-neta de Max Weber, tinha 21 anos e foi para Berlim para estudar. Marianne era filha de médico. Acabou se enamorando de Weber e os dois se casaram em 1893. Após o casamento, Weber exerceu a profissão de professor bem-sucedido em Berlim, ocupando a cadeira de Economia na Universidade. Passava quase 20

¹³⁸ WEBER, 1982, p. 20.

¹³⁹ WEBER, 1982, p. 20.

¹⁴⁰ WEBER, 1982, p. 20.

¹⁴¹ WEBER, 1982, p. 20.

¹⁴² WEBER, 1982, p. 21.

¹⁴³ WEBER, 1982, p. 22.

horas em sala de aula. Também participava dos exames oficiais para advogados e muitos outros trabalhos. Realizava estudos especiais para grupos privados de reforma, bem como era consultado pelas repartições governamentais.¹⁴⁴

Weber se sobrecarregava de trabalho se dedicando a ele até altas horas da noite. Após insistência de Marianne, para que descansasse, ele respondia: “Se não trabalhar até uma hora, não posso ser professor”¹⁴⁵.

Em sua aula inaugural na Universidade, denominada “O Estado Nacional e a Política Econômica”, Weber causa espanto em alguns, devido o teor de seu discurso. Em 1896, aceita uma cátedra em Heidelberg.¹⁴⁶

O pai de Max Weber morreu em 1897, pouco depois de uma séria discussão, na qual Max defendeu calorosamente a mãe contra o que lhe pareciam imposições autocráticas. Mais tarde, passou a considerar sua explosão hostil contra o pai como um ato culposo, que jamais poderia ser reparado. Durante o verão seguinte, os Webers viajaram para a Espanha e, ao retornarem, Max começou a ficar febril e doente com uma enfermidade psíquica. Parecia estar melhor quando teve início o ano acadêmico, mas em fins do semestre do outono voltou a adoecer, devido a tensão, remorso, esgotamento e ansiedade. Para a sua enfermidade, essencialmente psiquiátrica, os médicos receitaram água fria, viagens e exercícios. Ainda assim, Weber continuou experimentando a insônia de uma tensão interior.¹⁴⁷

Após esse período, Weber passou a sofrer de depressões severas, alternadas com fases maníacas de intenso trabalho intelectual e viagens, oscilando entre o colapso neurótico, viagens e trabalho.¹⁴⁸ A esse respeito Weber escreve:

Essa enfermidade tem suas compensações. Abriu-me o aspecto humano da vida, que mamãe costumava não perceber em mim. E isto em proporções anteriormente desconhecidas para mim. Eu poderia dizer, com John Gabriel Borkman, que “uma mão gelada libertou-me”. Nos anos passados minha disposição enfermeira expressou-se num interesse fanático pelo trabalho científico, que me parecia um talismã [...] Recordando, isto me parece bastante claro. Sei que, são ou enfermo, já não serei mais o mesmo. A necessidade de me sentir esmagado sob um monte de trabalho acabou. Agora, quero acima de tudo viver minha vida humanamente e ver meu amor tão feliz quanto me for possível torná-la. Não acredito que venha a realizar menos do que antes em minha usina interna, decerto, sempre em proporção à minha condição, cuja melhoria permanente exigirá, de qualquer modo, muito tempo e repouso.¹⁴⁹

Weber tentava continuar lecionando, porém em uma dessas tentativas seus braços e costas ficaram temporariamente paralisados, mesmo assim ele concluiu o semestre. Weber estava esgotado, sua cabeça cansada, qualquer esforço mental lhe prejudicava o organismo,

¹⁴⁴ WEBER, 1982, p. 23.

¹⁴⁵ WEBER, 1982, p. 24.

¹⁴⁶ WEBER, 1982, p. 24.

¹⁴⁷ WEBER, 1982, p. 24.

¹⁴⁸ WEBER, 1982, p. 25.

¹⁴⁹ WEBER, 1982, p. 25.

especialmente os discursos. Demonstrava irritação e impaciência e considerava sua condição como parte de sua sorte. Tudo a sua volta sempre fora direcionada para o pensamento, desde sua adolescência, e, no entanto, agora, qualquer esforço intelectual o prejudicava. “Quando tentava examinar suas notas de aula, as palavras se baralhavam, confusamente, ante os seus olhos. “Esses sintomas persistiram durante os anos de 1898 e 1899, sendo-lhe concedida uma licença remunerada. Em 1899 internou-se numa casa de saúde para doentes mentais.”¹⁵⁰

Após três anos e meio de severa enfermidade, Weber volta, em 1902, para Heidelberg e retoma o trabalho, conseguindo aos poucos, voltar a ler livros e publicações profissionais. Porém existiam repetidos retrocessos, o que o impedia de retornar às suas funções magistrais totalmente. Weber então solicita o cargo de professor-titular, o que lhe foi concedido ficando, desse modo, como livre docente. Após quase cinco anos sem produzir, Weber consegue escrever um comentário sobre um livro. Começa deste momento em diante uma nova fase de produção, retratando os problemas do método em Ciências Sociais. Ele demonstrava sofrimento por receber dinheiro da Universidade sem estar trabalhando adequadamente, sentia que um homem que trabalha é um homem completo e por isso se forçava a trabalhar.¹⁵¹

Viajou para vários lugares durante o ano de 1903. Sentia nervosismo e decepção com suas próprias insuficiências, além de ter atritos com seus colegas docentes e com a situação política do país, lhe despertando o desejo de voltar as costas à Alemanha para sempre. Ainda em 1903, atua na direção do *Archiv Für Sozialwissenschaft und Sozialpoliti*, revista que acabou se tornando de grande destaque na publicação de Ciências Sociais na Alemanha até ser fechada pelos nazistas.¹⁵²

Na maioria das vezes, o desenvolvimento econômico é explicado como consequência de fatores associados a sistemas políticos, educação, recursos naturais, dentre muitos. Todavia, no decorrer da passagem histórica, diversos pesquisadores miram na religião como um fator de expressiva influência para economias inteiras. Weber, como primeiro sociólogo a desenvolver um estudo ligado ao tema religião e economia, fez a identificação daquilo que chamou de "ética econômica das religiões universais", levando em conta cinco religiões: o confucionismo, o hinduísmo, o budismo, o cristianismo e o islamismo. Para ele, não se trata de expor a teologia moral de tais credos, porém, de compreender os encadeamentos pragmáticos e psicológicos que tiveram um papel relevante nos impulsos práticos das atividades econômicas. Tal vínculo entre o teor das religiões e o desenvolvimento econômico

¹⁵⁰ WEBER, 1982, p. 25-26.

¹⁵¹ WEBER, 1982, p. 27.

¹⁵² WEBER, 1982, p. 27-28.

de uma sociedade são, por diversas vezes, indiretos, visto que termina sendo influenciado por outras instituições que existem nessa mesma sociedade. Weber mostrou que cada religião possuía uma implicação na conduta econômica dos indivíduos, e tais inferências divergiam em especial no modo de apresentação da “doutrina da salvação”, a qual as religiões faziam seus fiéis acreditar.

Assim, em 1904, Weber, produzindo ativamente sobre problemas econômicos e sociais, publicou a primeira parte de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Ao ser convidado a participar de um Congresso de Artes e Ciências nos Estados Unidos. Foi tomado de um certo entusiasmo, pois ficou fortemente impressionado com as proporções dos desperdícios, especialmente de vida humana, sob o capitalismo americano. Em uma carta¹⁵³ direcionada a sua mãe Weber relata:

Depois do trabalho, os operários freqüentemente [sic] têm de viajar horas para chegar à sua casa. A estrada de ferro está falida há anos. Como sempre, um depositário, que não tem interesse em apressar a liquidação, administra seus negócios; por isso não são comprados vagões novos. Os carros velhos constantemente enguiçam, e cerca de 400 pessoas por ano morrem ou ficam aleijadas em desastre. Segundo a lei, cada morto custa à companhia cerca de 5.000 dólares, pagos à viúva ou herdeiros, e cada aleijado custa cerca de 10.000 dólares, pagos ao próprio. Tais indenizações são devidas enquanto a companhia não adotar certas medidas de precaução. Calculou-se que as 400 mortes por ano custam menos do que as tais precauções necessárias. E, por isso, a companhia não as adota.¹⁵⁴

O que mais se destacou para Weber na América foi o papel da burocracia numa democracia. Também se interessou pelos problemas trabalhistas, a questão da imigração e os problemas da administração política, ou seja, todas as expressões do “espírito capitalista”. Segundo Max Weber, “as seitas protestantes pareciam ter, ali, seu maior âmbito de manifestações e na sua esteira floresceram as associações seculares, cívicas e ‘voluntárias’”. Ali uma federação política de estados havia levado a uma união “voluntária” de imensos contrastes. De volta à Alemanha, Weber terminou a segunda parte de *A Ética Protestante*.¹⁵⁵

Na Primeira Guerra Mundial, Weber que estava com 50 anos, e no período de agosto de 1914 até o outono de 1915, foi comissionado como oficial disciplinar e econômico, no posto de capitão, ficando encarregado de organizar e administrar nove hospitais na área de Heidelberg, tendo, assim, a oportunidade de vivenciar um conceito central de sua sociologia: a burocracia.¹⁵⁶

¹⁵³ WEBER, 1982, p. 28.

¹⁵⁴ WEBER, 1982, p. 29.

¹⁵⁵ WEBER, 1982, p. 30-33.

¹⁵⁶ WEBER, 1982, p. 36.

Em 1918, após 19 anos longe da sala de aula, apresenta suas primeiras aulas sob o título: “Uma crítica positiva de concepção materialista da história”. Apresentou sua Sociologia das Religiões Mundiais e da Política. Ainda continuava tomando remédios para dormir, em função de grande ansiedade. Várias universidades ofereceram cargos permanentes a ele, os quais ele recusou a todos, exceto a de Munique, em 1919. Suas últimas conferências foram publicadas como História Econômica e Geral. Em 1920 Weber adoeceu de pneumonia e, em consequência, faleceu em junho de 1920.¹⁵⁷

Max Weber pertenceu a uma geração de professores de preocupações universais, e há condições sociológicas definidas para a erudição que ele evidenciava. Uma dessas condições era a educação ginasial, que no caso de Weber o equipou de tal modo que as línguas indo-germânicas constituíram apenas dialetos de um instrumento lingüístico [sic]. (Ele tinha, ainda, conhecimento de hebraico e russo suficiente para a leitura.) Um ambiente familiar intelectualmente estimulante deu-lhe uma vantagem inicial, possibilitando-lhe uma combinação incomum de matérias especializadas. Ao ser aprovado no exame de Direito, seus conhecimentos faziam dele também um bom economista, historiador e filósofo.¹⁵⁸

Também tinha grande conhecimento de literatura de Teologia. Todo o volume de trabalho exercido por Weber só foi possível graças a sua posição de professor em uma universidade alemã, que na época as carreiras universitárias davam tempo para a pesquisa, enquanto um professor americano se via sobrecarregado pelo ensino. Também não havia naquele período pressão para publicação rápida de trabalhos. Colaborando com isso, Weber também recebeu uma herança que o livrou de qualquer preocupação séria com o dinheiro. Sendo assim, Weber tinha a liberdade de estudar assuntos diversos, e se adentrar neles.¹⁵⁹

Embora pessoalmente irreligioso — em suas próprias palavras, “religiosamente não-musical” — gastou, apesar disso, grande parte de sua energia intelectual estabelecendo os efeitos da religião sobre a conduta e a vida do homem. Talvez não seja irrelevante, sob esse aspecto, repetir que sua mãe e a família dela eram profundamente religiosas e que em seus dias de estudante Weber tivera contato íntimo com amigos e parentes que sofriam de estados religiosos e psíquicos extraordinários. Tais experiências lhe causaram profunda impressão. Não é preciso dizer que ele desprezava o cristianismo convencional de “igreja”, mas ainda assim tinha piedade e condescendência por aqueles que, na tragédia política e no desespero pessoal, sacrificavam seus intelectos em busca do refúgio do altar.¹⁶⁰

Weber se destacou na política e como um dos últimos “professores políticos” que fizeram contribuição de importância para a ciência. Mesmo apaixonado pela política alemã, ele buscava separar o seu papel de cientista do seu papel de publicista. Apesar de ser considerado exímio professor, Weber se sentia deslocado na academia e se sentia mais à

¹⁵⁷ WEBER, 1982, p. 37-38.

¹⁵⁸ WEBER, 1982, p. 38.

¹⁵⁹ WEBER, 1982, p. 38.

¹⁶⁰ WEBER, 1982, p. 39.

vontade na plataforma política. “Muitos de seus amigos consideravam essa dedicação sincera ao seu trabalho, o *pathos* e dignidade evidentes de sua posição, o vigor e a agudez de seu discurso como fenômenos religiosos. Não obstante, sua obra dificilmente será compreendida sem a apreciação de sua posição de desencanto frente às questões religiosas”¹⁶¹

Durante seus estudos sobre o judaísmo antigo, em 1916 e 1917, comoveu-se profundamente pelas analogias que viu entre a situação dos povos hebreus antigos e da Alemanha moderna. O paralelo não estava apenas na situação pública e histórica; na personalidade de muitos profetas e em seus estados compulsivos irregulares e psíquicos, particularmente em Jeremias, Weber viu características que lhe pareciam assemelhar-se às suas. Ao ler trechos do manuscrito para a sua mulher, esta comoveu-se ao compreender imediatamente que tal estudo constituía uma análise indireta do autor.¹⁶²

Para se compreender a biografia de Weber é importante examinar as tensões e questões psíquicas que ele vivia. Uma linha de raciocínio acredita que a doença de Weber era hereditária, outra linha atribui a enfermidade como algo puramente funcional, e, nesse caso, pode-se atribuir como causa de suas dificuldades: pessoais e familiares, ou a seus relacionamentos e contextos públicos¹⁶³. A vida de Weber ilustra a relação de um homem com a autoridade de político e de que forma essa relação pode ser modelada pelo convívio familiar.¹⁶⁴

O desenvolvimento econômico é muitas vezes explicado como decorrência de fatores associados a sistemas políticos, recursos naturais, educação, entre outros. Porém, no decorrer da evolução histórica, Weber, como outros tantos sociólogos, aponta a religião como um fator de grande influência para economias inteiras.¹⁶⁵

Weber foi o primeiro a desenvolver um estudo ligado ao tema religião e economia (*The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*, publicado em 1905). Nesse estudo, Weber identificou o que chamou de "ética econômica das religiões universais", levando em conta cinco religiões: o budismo, o hinduísmo, o confucionismo, o islamismo e o cristianismo.

De acordo com diversos autores, a Economia da Religião estuda e tem por objetivo a compreensão do comportamento religioso dos indivíduos a partir da *Teoria da Escolha Racional*. O conceito de Escolha Racional pode ser entendido como aquela que maximiza a utilidade do ser humano, segundo os seus objetivos. O comportamento religioso pode ser

¹⁶¹ WEBER, 1982, p. 40-41.

¹⁶² WEBER, 1982, p. 42.

¹⁶³ WEBER, 1982, p. 43.

¹⁶⁴ WEBER, 1982, p. 46.

¹⁶⁵ WAIZBORT, Leopoldo. Apresentação: Max Weber hoje. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 9-18, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702012000100001. Acesso em: 18 out. 2020, p. 14.

definido como aquele adotado pelo indivíduo através de ritos, penitências, práticas devocionais etc., para atingir seus objetivos alicerçados em suas crenças religiosas.¹⁶⁶

Assim, a Economia da Religião difere daquelas abordagens que buscam estudar, cientificamente, a religião, como por exemplo, a Psicologia, a Sociologia e Antropologia da Religião, as quais suas abordagens investigam o comportamento religioso do indivíduo e têm por fundamento premissas diferentes daquelas da Escolha Racional e tendem a ressaltar questões dessemelhantes.

A Tese da Secularização, que aponta, por exemplo, que as transformações religiosas são respostas a mudanças do lado da demanda como consequência da modificação de gostos, tendências histórico-culturais, preferências. Já a Teoria da Escolha Racional garante o contrário, ou seja, sustenta que as alterações religiosas surgem das alterações da oferta religiosa. Essas modificações estariam relacionadas, principalmente, ao grau de regulação do mercado religioso pelo governo, o que iria se refletir na pluralidade e na magnitude da competição religiosa existente entre os produtores de religião nesse mercado. Demanda que já seria caracterizada pela estabilidade dos gostos religiosos. Com esse foco, a Escolha Racional trocou o eixo de estudo científico da religião, nas Ciências Sociais para o lado da oferta religiosa, passando a ser chamada de o “Novo Paradigma.”¹⁶⁷

A possibilidade de secularização não exclui a abordagem da Economia da Religião, porém o seu método de estudo do comportamento religioso foca esta temática sob um específico ponto de vista. Um dos seus conceitos estruturais é o de *commodity* religiosa, que significa, de acordo com Iannaccone, um termo designado para identificar a religião como um objeto de opção, envolvendo bens e serviços religiosos passíveis de serem produzidos e consumidos pelos agentes inseridos no mercado religioso.¹⁶⁸

O objeto de interesse da economia da religião é responder a uma série de questões, entre elas: Como as pessoas produzem *commodities* religiosas e como estas podem ser diferenciadas das *commodities* seculares? Por que as *commodities* religiosas são, de modo geral, produzidas e consumidas coletivamente? Por que as *commodities* religiosas não são, em diversas situações, negociadas monetariamente? Quais são os custos diretos e indiretos de diferentes religiões e de diferentes práticas religiosas? São essas algumas das questões com as quais a economia da religião tenta responder.

¹⁶⁶ CORREIA, Ronaldo Z. *Reflexões sobre economia e religião: seus principais pensadores e a Igreja Católica brasileira*. 93f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-05022004-102744/pt-br.php>. Acesso em: 10 set. 2020, p. 42.

¹⁶⁷ OLIVEIRA; CORTES; BALBINOTTO NETO, 2011, p. 813.

¹⁶⁸ OLIVEIRA; CORTES; BALBINOTTO NETO, 2011, p. 813.

É extremamente importante ressaltar também que a Economia da Religião é diferente da chamada Economia Religiosa. A primeira tem por objetivo elucidar o comportamento religioso do indivíduo, possuindo por base as premissas econômicas; já a segunda toma a sua autoridade de escritos como sacros, como a Bíblia Sagrada, a Torá e o Alcorão para fundar e defender ou criticar o comportamento econômico.¹⁶⁹

Podendo ser compreendida como um empreendimento de cunho positivo, a economia da religião, busca, assim, explicar o modo de ser do comportamento religioso, e não como deveria ser, transpassa conceitos da economia para fazer entender a religião. Por outro lado, a economia religiosa, que pode ser compreendida como um empreendimento normativo, diferentemente da economia da religião, desloca princípios das religiões para explicar a economia e tenta demonstrar como esta deveria ser com base na interpretação de princípios religiosos. Seus estudiosos são teólogos, economistas e filósofos, que possuem como interesse primordial a avaliação do impacto de políticas econômicas segundo os preceitos religiosos.

Assim, como já citado, a questão que eternamente perpassa as pesquisas acerca do crescimento econômico tem sido, ao longo do tempo, a causa de que algumas nações são mais ricas do que outras. Segundo o World Bank¹⁷⁰, em uma pesquisa do ano de 2018, em 2016, o Produto Interno Bruto (PIB) em paridade de poder de compra (PPC), *per capita*, dos Estados Unidos equivalia a 4,79 vezes ao da África do Sul, 3,79 vezes ao do Brasil e 1,87 vezes ao de Portugal; desde então, inúmeros autores procuram explicar os parâmetros que apontam para o crescimento econômico.

Uma das mais relevantes contribuições para essa questão aconteceu com o trabalho inicial de Solon¹⁷¹, que o baseou sobre a importância do capital fixo. Depois, diversos autores, tais como Schultz¹⁷² e Becker¹⁷³ passaram a apontar a importância do fator de produção capital humano. Somado aos modelos de crescimento tradicionais, resultados experimentais de Huntington¹⁷⁴, Landes¹⁷⁵ e os de Inglehart¹⁷⁶, os quais demonstram que estudos sobre o

¹⁶⁹ OLIVEIRA; CORTES; BALBINOTTO NETO, 2011, p. 815.

¹⁷⁰ WORLD BANK. GDP per capita, PPP (current international \$). Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.P.CD?view=chart>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

¹⁷¹ SOLOW, Robert M. A Contribution to the Theory of Economic Growth. *The Quarterly Journal of Economics*, vol. 70, no. 1, p. 65-94. JSTOR, 1956. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1884513>. Acesso em: 20 out. 2020.

¹⁷² SCHULTZ, Theodore W. Investment in Human Capital. *The American Economic Review*, vol. 51, no. 1, p. 1-17. JSTOR, 1961. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1818907>. Acesso em: 20 set. 2020

¹⁷³ BECKER, Gary S. Investment in Human Capital: A Theoretical Analysis. *Journal of Political Economy*, v. 70, n. 5, part. 2, p. 9-49, out. 1962. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1086/258724>. Acesso em: 11 ago. 2020.

¹⁷⁴ HUNTINGTON, Samuel P. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Schuster, 1996, p. 367.

¹⁷⁵ LANDES, David S. *The Wealth and Poverty of Nations: Why some are so Rich and some so Poor*. London: W. W. Norton & Company, 1998, p. 676.

desenvolvimento econômico precisariam levar em consideração condições culturais, porque, com certeza, têm relação com o crescimento econômico e tratam tais características com parcimônia, honestidade e vontade de trabalhar.

Embora tenha sido baseada, a Economia da Religião, nos trabalhos já citados, tornou-se um campo científico apenas quando as técnicas estatísticas se tornaram possível de se aferir as hipóteses determinadas por esses estudiosos, o que aconteceu depois da Segunda Guerra Mundial, e, posteriormente, foram aplicadas em estudos sociais¹⁷⁷. A importância atribuída neste estudo prático ao Brasil vem em consequência da relevante alteração no campo religioso assistido nos últimos anos, em que a proporção de protestantes cresceu 15,55 pontos percentuais, sendo 3,06 pontos percentuais dos protestantes tradicionais e 12,49 pontos percentuais dos protestantes pentecostais¹⁷⁸. Já em relação ao número de católicos, este declinou em 24,10 pontos percentuais¹⁷⁹. Com base nos arcabouços teóricos sobre a importância da religião para os aspectos culturais e econômicos, sugeridos por Smith¹⁸⁰, Laveleye¹⁸¹ e Weber¹⁸², somada a alteração assistida no Brasil, procura-se a resposta ao impacto da alteração do campo religioso brasileiro sobre o crescimento econômico do país.¹⁸³

À luz dessa contextualização a hipótese estabelecida aponta que a ética protestante é, de modo geral, um motor de propulsão, positivo, para o crescimento econômico¹⁸⁴. Ainda por cima, a evolução do Pentecostalismo tem o poder de modificar a moral pessoal, a política, a economia e a cultura, somando, dessa maneira, para a ascensão do poder aquisitivo dos indivíduos.¹⁸⁵

¹⁷⁶ INGLEHART, Ronald.; BAKER, Wayne E. Modernization, Cultural Change, and the Persistence of Traditional Values. *American Sociological Review*, vol. 65, no. 1, p. 19-51. JSTOR, 2000. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2657288>. Acesso 20 jul. 2020.

¹⁷⁷ McLEARY, Rachel M. *The Oxford Handbook of the Economics of Religion*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 432.

¹⁷⁸ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Anuário Estatístico do Brasil 2016*. v. 76. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_2016.pdf. Acesso em: 10 de mar. 2021, p. 457.

¹⁷⁹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2010: Resultados gerais da amostra*. 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/99/cd_2010_resultados_gerais_amostra.pdf. Acesso em: 10 março. 2021.

¹⁸⁰ SMITH, Adam. *The theory of moral sentiments*. Penguin Classics; Anniversary edição (26 janeiro 2010). Londres: Penguin Classics, 2010, p. 544.

¹⁸¹ LAVELEYE, Emilio de. *Do Futuro dos Povos Católicos: Estudo de Economia Social*. 2 ed. Tradução por Dr. Miguel Vieira Ferreira. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985, p. 98.

¹⁸² WEBER, 2004, p. 238.

¹⁸³ ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL (ATLAS). *Dados para o Brasil*. [On-line]. [s.d.]. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

¹⁸⁴ WEBER, 2004, p. 238.

¹⁸⁵ FENN, Richard K. *Tongues of Fire: The Explosion of Protestantism in Latin America* By David Martin. *Theology Today*, 48(1), p. 102-108. Oxford, Basil Blackwell, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/004057369104800122>. Acesso em: 10 set. 2020, p. 352.

2.2 O “Espírito do Capitalismo”, segundo Max Weber

O que, verdadeira e concretamente, é o capitalismo, seria um sistema ou uma ética? Em que momento da história ele surgiu? Quem deu origem a quem? Estes são alguns dos questionamentos que Max Weber tentou encontrar as respostas. De fato, ele encontrou hipóteses compatíveis. No primeiro instante, a bem da verdade, é que Weber observou uma significativa diferença entre as culturas ocidental e oriental, que depois, conduziria para as respostas para suas investigações. Simbolicamente, ter-se-ia o Ocidente com sua procura pela racionalização universal da verdade, caminhando para o lado esquerdo do plano; em compensação, o Oriente estaria andando para o lado direito do plano, com sua busca contempladora. O aspecto principal, é que também Weber ressaltou que o capitalismo ocidental demonstrara diferenças em relação ao oriental. Ou seja:

Ao estudarmos qualquer problema da história universal, o produto da moderna civilização européia [sic] estará sujeito à indagação de quais combinações de circunstâncias se pode atribuir o fato de na civilização ocidental, e só nela, terem aparecido fenômenos culturais que, como queremos crer, apresentam uma linha de desenvolvimento de significado e valor universais.¹⁸⁶

A primeira ideia que Weber isola, é a que pressupõe que o capitalismo é a exacerbação pela busca de lucro, próximo da ganância e da ambição. Como resultado, você não é capitalista apenas por consumir imoderadamente determinados produtos, o fato de você querer rotular-se com roupas de grife e carros de luxo, não lhe faz um capitalista de verdade. Conforme Weber¹⁸⁷ diz: "a ganância ilimitada de ganho não se identifica, nem de longe, com o capitalismo, e menos ainda com seu 'espírito'". Mas então, o que é o capitalismo? O primeiro vestígio que Weber deixa sobre a definição de capitalismo, está codificado na seguinte afirmação: "o capitalismo, pode eventualmente se identificar com a restrição, ou pelo menos com uma moderação racional desse impulso irracional."

Segundo Weber, o desenvolvimento do capitalismo foi fortemente influenciado pelo Protestantismo.

Basta uma vista de olhos pelas estatísticas ocupacionais de um país pluriconfessional para constatar a notável frequência de um fenômeno por diversas vezes vivamente discutido na imprensa e na literatura católicas bem como nos congressos católicos da Alemanha: o caráter predominantemente protestante dos proprietários do capital e empresários, assim como das camadas superiores da mão-

¹⁸⁶ WEBER, 2004, p. 3.

¹⁸⁷ WEBER, 2004, p. 5.

de-obra qualificada, notadamente do pessoal de mais alta qualificação técnica ou comercial das empresas modernas.¹⁸⁸

A participação dos protestantes na propriedade de capital e nas direções dos postos de trabalhos, assumindo funções mais elevadas é evidente e seu percentual de participação é alto, e isso pode ser atribuído em parte aos altos investimentos na educação e a posse de riqueza hereditária¹⁸⁹. Weber faz a seguinte constatação:

Justamente um grande número das regiões mais ricas do Reich, mais favorecidas pela natureza ou pelas rotas comerciais e mais desenvolvidas economicamente, mas, sobretudo, a maioria das cidades ricas, haviam se convertido ao protestantismo já no século XVI, e os efeitos disso ainda hoje trazem vantagens aos protestantes na luta econômica pela existência.¹⁹⁰

Apesar de se discutir de que a maior participação dos protestantes nos postos de direção se deve ao seu patrimônio e recursos financeiros herdados, existem fenômenos que demonstram que essa evidência também é confirmada por outros fatores. A diferença, por exemplo, entre a espécie de ensino superior oferecido pelos pais católicos e os protestantes, nos quais se observa “que a porcentagem de católicos entre os alunos e os bacharelados dos estabelecimentos de ensino ‘superior’ fique no geral consideravelmente aquém de sua cota no total da população deve-se em boa parte as diferenças de patrimônio herdadas”¹⁹¹. E mesmo entre os bacharelados católicos, o percentual dos que se formam e se dedicam aos estudos técnicos e profissões comerciais, é menor do que o percentual de protestantes. Já os cursos humanísticos têm a preferência dos católicos e esse fenômeno não se explica pela diferença de fortunas, mas sim pelo reduzido interesse dos católicos pela aquisição capitalista.¹⁹²

Também se observa que os protestantes se direcionam em maior número para as fábricas, ao contrário dos católicos que se dedicam mais aos trabalhos manuais, tendo assim mais acesso e oportunidade de ocupar os cargos de direções mais altos nos postos administrativos.¹⁹³

Nesses casos, a relação de causalidade repousa sem dúvida no fato de que a peculiaridade espiritual inculcada pela educação, e aqui vale dizer, a direção conferida à educação pela atmosfera religiosa da região de origem e da casa paterna, determinou a escolha da profissão e o subsequente destino profissional. [...]. Resta, isso sim, o fato de que os protestantes [...] seja como camada dominante ou dominada, seja como maioria ou minoria, mostraram uma inclinação específica para o racionalismo econômico que não pôde e não pode ser igualmente observada entre

¹⁸⁸ WEBER, 2004, p. 29.

¹⁸⁹ WEBER, 2004, p. 30.

¹⁹⁰ WEBER, 2004, p. 30.

¹⁹¹ WEBER, 2004, p. 32.

¹⁹² WEBER, 2004, p. 32.

¹⁹³ WEBER, 2004, p. 32-33.

os católicos, nem numa nem noutra situação. A razão desse comportamento distinto deve, pois, ser procurada principalmente na peculiaridade intrínseca e duradoura de cada confissão religiosa, e não (somente) na (respectiva) situação exterior histórico-política.¹⁹⁴

Weber faz uma consideração, mesmo que superficial, sobre a oposição entre o Catolicismo e o Protestantismo, no qual para o Catolicismo, de acordo com seus mais elevados ideais, os fiéis deveriam ser educados para terem uma indiferença maior pelos bens deste mundo. E, assim tem-se do lado protestante a crítica a essa concepção, e do lado católico replica-se com a acusação de “materialismo”, o qual seria a consequência da secularização de todos os conteúdos da vida.¹⁹⁵

O Protestantismo francês conservou por muito tempo esse caráter, que foi a marca das igrejas calvinistas em geral, e por isso ele pode ter sido um dos principais portadores do desenvolvimento industrial e capitalista da França. O Calvinismo, na época da propagação da Reforma, não estava ligado a uma classe particular em algum país, porém uma característica era a representação dos monges e os industriais (comerciantes, artesãos) entre os adeptos. Para os espanhóis o Calvinismo era uma heresia e que ele “fomentava o espírito comercial.”¹⁹⁶

Ao falar sobre o Espírito do Capitalismo, Weber faz referência a Benjamin Franklin e afirma: “O que se ensina aqui não é apenas ‘perspicácia nos negócios’ – algo que de resto se encontra com bastante frequência – mas é um *ethos*¹⁹⁷ que se expressa, e é precisamente nesta qualidade que ele nos interessa.”¹⁹⁸

Na terra natal de Benjamin Franklin (o Massachusetts) o “espírito do capitalismo” (no sentido por nós adotado) existiu incontestavelmente antes do “desenvolvimento do capitalismo” [...] e que esse “espírito capitalista” permaneceu muito menos desenvolvido, por exemplo, nas colônias vizinhas - os futuros estados sulistas da União - muito embora estas últimas tivessem sido criadas por grandes capitalistas com finalidades mercantis, ao passo que as colônias da Nova Inglaterra tinham sido fundadas por razões religiosas por pregadores e intelectuais em associação com pequeno-burgueses, artesão e yeomen.¹⁹⁹

Mesmo antes dos escritos de Benjamin Franklin, o “impulso aquisitivo” não era desconhecido ou pouco desenvolvido em épocas pré-capitalistas e tão pouco que a cobiça fosse menor fora do capitalismo burguês do que dentro da esfera especificamente capitalista.

¹⁹⁴ WEBER, 2004, p. 33-34.

¹⁹⁵ WEBER, 2004, p. 34.

¹⁹⁶ WEBER, 2004, p. 35-37.

¹⁹⁷ *Ethos*: conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região. In: SROUR, Robert H. *Poder, Cultura e Ética nas organizações*. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2005, p. 307.

¹⁹⁸ WEBER, 2004, p. 45.

¹⁹⁹ WEBER, 2004, p. 48-49.

Pelo contrário, o que se observa é uma forma extraordinariamente mais aguçada e em particular menos escrupulosa.²⁰⁰

A diferença entre o “espírito capitalista” e o pré-capitalista não está no grau de desenvolvimento de qualquer impulso pecuniário e aqueles que se entregaram a esse impulso sem reservas não eram os representantes do “espírito capitalista” da qual se originou como fenômeno de massa. Esse ganho desmedido e sem vínculo com alguma norma de conduta sempre existiu, mas o que importa no estudo de Weber é o “espírito capitalista” movido pelos princípios religiosos.²⁰¹

Weber faz alusão a Lutero e o conceito de vocação apresentado por este, ao falar sobre a palavra alemã *Beruf* e o termo inglês *calling*, aos quais ele atribui uma conotação religiosa, como sendo uma missão dada por Deus. Os povos predominantemente católicos, assim como os da Antiguidade clássica, ignoram essa palavra empregada no sentido de uma posição de vida, de um ramo de trabalho definido, no entanto ela está presente em todos os povos predominantemente protestantes.²⁰²

E assim como o significado da palavra, assim também – como é amplamente sabido – a ideia é nova, e é um produto da Reforma. [...] Uma coisa antes de mais nada era absolutamente nova: a valorização do cumprimento do dever no seio das profissões mundanas como o mais excelso conteúdo que a auto-realização [sic] moral é capaz de assumir. Isso teve por consequência inevitável a representação de uma significação religiosa do trabalho mundano de todo dia e conferiu pela primeira vez ao conceito de *Beruf* esse sentido.²⁰³

Para as denominações protestantes o único meio de viver que agrada a Deus é exclusivamente cumprindo com os deveres intramundanos e por isso mesmo se torna a sua “vocação profissional”. Essa ideia, de qualificação moral da vida profissional mundana, se desenvolveu durante a primeira década da atividade reformadora de Lutero, no entanto é importante lembrar que não cabe atribuir a Lutero um parentesco íntimo com o “espírito capitalista”, mas tão somente o de ter num primeiro momento, apresentado fortes contrastes com a concepção católica, a ênfase moral e o prêmio religioso para o trabalho intramundano no quadro de profissões. A forma como a ideia de “vocação” se desenvolveu foi em decorrência das formas de piedade que se desdobraram dali em diante em cada uma das igrejas saídas da Reforma.²⁰⁴

²⁰⁰ WEBER, 2004, p. 49-50.

²⁰¹ WEBER, 2004, p. 50.

²⁰² WEBER, 2004, p. 71.

²⁰³ WEBER, 2004, p. 72.

²⁰⁴ WEBER, 2004, p. 72-75.

O objetivo de Weber era esclarecer o impacto que os motivos religiosos, dentre outros, tiveram na trama do desenvolvimento da nossa cultura. Para isso ele questionava quais influências ocorreram devido ao influxo da Reforma, porém deixando claro que não estava afirmando que o “espírito capitalista” surgiu exclusivamente desses influxos, pois antes mesmo que ocorresse a Reforma, já havia o capitalismo. O que ele buscava era averiguar se, e até que ponto, esses influxos religiosos contribuíram para a expansão deste “espírito” pelo mundo, e, por conseguinte, quais aspectos concretos da cultura são derivados desse processo²⁰⁵. Para tanto, no decorrer da pesquisa foi analisado as suas conclusões e como isso influenciou o escopo da nossa pesquisa.

Max Weber afirmou:

Os portadores históricos do protestantismo ascético (no sentido em que a expressão é usada aqui) são essencialmente de quatro espécies: 1. O calvinismo, na forma que assumiu nas principais regiões [da Europa ocidental] sob sua dominação, particularmente no decorrer do século XVII; 2. O pietismo; 3. O metodismo; 4. As seitas nascidas do movimento anabatista.²⁰⁶

E relata que esses movimentos não eram isolados uns dos outros e nem totalmente separados das igrejas protestantes não ascéticas.

Dentre esses movimentos, destaca-se o Calvinismo, pois, para este, o trabalho seria exclusivamente para aumentar a glória de Deus e por analogia o trabalho numa profissão que está a serviço da vida intramundana da coletividade também apresenta esse caráter. O “amor ao próximo” se expressaria primeiramente no cumprimento da missão vocacional-profissional.²⁰⁷

Para falar sobre o Protestantismo ascético, Weber foca em um dos seus representantes: Richard Baxter.

De maneira mais nítida que em Calvino, que não via na riqueza dos pastores um obstáculo a sua performance, mas, ao contrário, enxergava aí um aumento plenamente desejável de seu prestígio e permitia a eles investirem suas posses lucrativamente com a única condição de evitarem o escândalo, aqui a ascese parece se dirigir contra toda ambição de ganho em bens temporais. E essas objeções eram de fato levadas a sério - basta um exame mais acurado para captar-lhes o sentido e o contexto éticos, decisivos. Efetivamente condenável em termos morais era, nomeadamente, o descanso sobre a posse, o gozo da riqueza com sua consequência de ócio e prazer carnal, mas antes de tudo o abandono da aspiração a uma vida “santa”. E é só porque traz consigo o perigo desse relaxamento que ter posses é reprovável. O “descanso eterno dos santos” está no Outro Mundo; na terra o ser humano tem mais é que buscar a certeza do seu estado de graça, “levando a efeito, enquanto for de dia, as obras daquele que o enviou”. Ócio e prazer, não; só serve a

²⁰⁵ WEBER, 2004, p. 82.

²⁰⁶ WEBER, 2004, p. 87.

²⁰⁷ WEBER, 2004, p. 99.

ação, o agir conforme a vontade de Deus inequivocamente revelada a fim de aumentar sua glória. A perda de tempo é, assim, o primeiro e em princípio o mais grave de todos os pecados. Nosso tempo de vida é infinitamente curto e precioso para “consolidar” a própria vocação. Perder tempo com sociabilidade, com “conversa mole”, com luxo, mesmo com o sono além do necessário à saúde - seis no máximo oito horas - é absolutamente condenável em termos morais. Ainda não se diz aí, como em Franklin, que “tempo é dinheiro”, mas a máxima vale em certa medida em sentido espiritual: o tempo é infinitamente valioso porque cada hora perdida é trabalho subtraído ao serviço da glória de Deus. Sem valor, portanto, quando não diretamente condenável, é também a contemplação inativa, ao menos quando feita às custas do trabalho profissional. Pois ela é menos agradável a Deus do que o fazer ativo de sua vontade na vocação profissional. Além do que, domingo existe é para isso mesmo, e, de acordo com Baxter, são sempre os ociosos em sua profissão que não acham tempo para Deus nem sequer quando é hora.²⁰⁸

O trabalho seria o objetivo fim para a vida, prescrito por Deus, sendo assim nem mesmo aos homens de posses seria permitido comer sem trabalhar, pois, se ele não precisa do trabalho para suprir suas necessidades, deve realizá-lo com o fim de cumprir o mandamento de Deus ao qual deve obediência tanto o rico quanto o pobre.²⁰⁹

Em relação à riqueza, ela só era reprovável quando o seu fim era somente para atender aos desejos do homem, quando ela servia para o desempenho do dever vocacional, era não somente moralmente lícita, mas até mesmo um mandamento.²¹⁰

O ser humano não passa de um administrador dos bens que lhe dispensou a graça de Deus e, como o servo da parábola bíblica, deve prestar contas de cada centavo [que lhe foi confiado], e é no mínimo temerário despende uma parte deles para um fim que tem validade não para a glória de Deus, mas para a fruição pessoal. [...] A ideia da obrigação do ser humano para com a propriedade que lhe foi confiada, à qual se sujeita como prestimoso administrador ou mesmo como “máquina de fazer dinheiro”, estende-se por sobre a vida feito uma crosta de gelo. Quanto mais posses, tanto mais cresce - se a disposição ascética resistir a essa prova - o peso do sentimento da responsabilidade não só de conservá-la na íntegra, mas ainda de multiplicá-la para a glória de Deus através do trabalho sem descanso. Mesmo a gênese desse estilo de vida remonta em algumas de suas raízes à Idade Média como aliás tantos outros elementos do espírito do capitalismo [moderno], mas foi só na ética do protestantismo ascético que ele encontrou um fundamento ético consequente. Sua significação para o desenvolvimento do capitalismo é palpável.²¹¹

Essa forma de agir acabou por diminuir o consumo, especialmente dos artigos de luxo, e liberou o enriquecimento, rompendo as cadeias que cerceavam a questão do lucro ao encará-lo como diretamente querido por Deus.²¹²

Ao se confrontar a redução do consumo e a liberação da obtenção de lucro, tem-se como resultado a acumulação de capital devido a coerção ascética à poupança. Segundo

²⁰⁸ WEBER, 2004, p. 143-144.

²⁰⁹ WEBER, 2004, p. 144-145.

²¹⁰ WEBER, 2004, p. 148.

²¹¹ WEBER, 2004, p. 155.

²¹² WEBER, 2004, p. 155.

Weber, “Qual terá sido a magnitude desse efeito naturalmente escapa a um cálculo mais exato.”²¹³

A ascese protestante ao conceber o trabalho como vocação profissional, e muitas vezes como o único meio de uma pessoa se certificar do estado de graça, e ao interpretar a atividade lucrativa do empresário também como vocação profissional, fomentou a produtividade do trabalho no sentido capitalista da palavra. Logo, tratar o trabalho como uma “vocação profissional” tornou-se tão característico para o trabalhador moderno, como, para o empresário, a correspondente vocação para o lucro.²¹⁴

Para Max Weber, “Um dos elementos componentes do espírito capitalista [moderno], e não só deste, mas da própria cultura moderna: a conduta de vida racional fundada na ideia de profissão como vocação, nasceu - como queria demonstrar essa exposição - do espírito da *ascese cristã*.”²¹⁵

O puritano queria ser um profissional - nós devemos sê-lo. Pois a ascese, ao se transferir das celas dos mosteiros para a vida profissional, passou a dominar a moralidade intramundana e assim contribuiu [com sua parte] para edificar esse poderoso cosmos da ordem econômica moderna ligado aos pressupostos técnicos e econômicos da produção pela máquina, que hoje determina com pressão avassaladora o estilo de vida de todos os indivíduos que nascem dentro dessa engrenagem - não só dos economicamente ativos - e talvez continue a determinar até que cesse de queimar a última porção de combustível fóssil.²¹⁶

Weber conclui sua obra falando que “A tarefa seria muito mais a de mostrar a significação que o racionalismo ascético, apenas a florado no presente esboço, teve para o conteúdo da ética *político-social*, ou seja, para o modo de organização e de funcionamento das comunidades sociais, desde o conventículo até o Estado.”²¹⁷

Sob a ótica das hipóteses sobre as práticas econômicas, Weber diferenciava fundamentalmente dois grupos: o que separa as religiões que valorizam a ação no mundo diário; a exemplo do Protestantismo, e os que têm uma atitude negativa para com este mundo e incentivam o distanciamento ou a indiferença em relação a ele, a exemplo do budismo.

São raras as pesquisas modernas para este tema, onde não é fácil quantificar algo como as crenças religiosas ou comparar as estatísticas sobre elas entre as nações. Entretanto,

²¹³ WEBER, 2004, p. 157.

²¹⁴ WEBER, 2004, p. 162-163.

²¹⁵ WEBER, 2004, p. 164.

²¹⁶ WEBER, 2004, p. 165.

²¹⁷ WEBER, 2004, p. 166.

um estudo realizado pelo Instituto Gallup em 114 países²¹⁸, mostrou que o grau de religiosidade de uma sociedade tem grande impacto na economia dela. No estudo foi possível considerar que para os países menos ricos do mundo, com renda per capita de US\$ 2.000 ou menor, a proporção da amostra que considera ser a religião importante em suas vidas diárias é de 95%. Já para os países menos pobres, com renda per capita superior a US\$ 25.000, é de 47%.

Os fazeres religiosos ocasionam *trade-off*²¹⁹, onde tempo e recursos que poderiam ser gastos com produção econômica estariam sendo direcionados para causas religiosas, trabalhos nos templos, participação em cultos, peregrinações etc. De acordo com a Sociologia, é a pobreza que facilita a expansão da religião, não seria a religião que determinaria a penúria de uma nação, porém a penúria de um país que facilitaria a expansão dos núcleos religiosos.

Observa-se que uma religião pode afetar diretamente o que seus seguidores recebem. Nos Estados Unidos, por exemplo, evangélicos e fundamentalistas tendem a possuir taxas de poupança menores do que membros de outras religiões, visto que têm maiores famílias e fazem maiores contribuições financeiras para suas igrejas.

A religião predominante, no Brasil, e com maior influência na economia é o Catolicismo, entretanto esta vem perdendo força. Sua decadência é notada desde os primeiros dados censitários (1872), e em 1990, exacerbada.²²⁰

A forma como o Protestantismo ascético contribuiu para o “espírito do capitalismo” e seu desenvolvimento, ao considerar a vocação, o trabalho mundano, o lucro como o fim determinado por Deus aos seres humanos.

2.3. A influência dos movimentos religiosos no desenvolvimento do capitalismo

Considerando-se o contexto histórico e o debate intelectual da virada do século XIX para o século XX, Weber considerava os aspectos não racionais da ação humana, o que de certa forma permitiu-lhe reconhecer o poder da consciência religiosa. Para ele as crenças religiosas era um “sistema de significados” a ser compreendido a partir dos sentidos atribuídos pelos próprios sujeitos. Weber se interessava pela relação entre doutrina e conduta,

²¹⁸ MATO GROSSO DO SUL. Observatório Econômico. *A Economia explicada pela religião, de Marx Weber*. Sindifiscal/MS, 2009. Disponível em: <https://www.observatorioeconomico.ms.gov.br/a-economia-explicada-pela-religiao-de-marx-weber/>. Acesso em: 28 jul. 2020.

²¹⁹ Ato de escolher uma coisa em detrimento de outra.

²²⁰ IBGE – *Censo Demográfico IBGE – 1890, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000*. CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e micro dados do IBGE. Elaboração Observatório Econômico Sindifiscal/MS.

buscando compreender as relações entre os interesses materiais e ideais com as crenças religiosas.²²¹

Para Weber “as ações e decisões humanas se pautam no sentido que ele atribui a elas e às ações dos outros. Assim “o homem social é dotado de comportamento significativo” e é responsável perante a história por seus atos”. Estudava o surgimento do capitalismo burguês na Europa Ocidental e durante esse estudo se interessou também pela religião e sua relação com o capitalismo.²²²

Weber, em seus estudos, busca entender a diferença existente entre o capitalismo ocidental e outras formas de capitalismo, para ele essa diferença não está no impulso para o ganho ou a ânsia de lucro, o mais alto possível, pois esse desejo sempre existiu em todas as espécies e condições de pessoas. E foi no ocidente que ele observa variações do capitalismo que ele não viu em nenhum outro lugar. Ele destaca dois atributos existentes apenas no capitalismo ocidental: 1. A formação de um mercado de trabalho formalmente livre; e 2. O uso da contabilidade racional. O que interessa a Weber, nesses estudos, são as origens desse capitalismo burguês e sua organização racional do trabalho.²²³

De acordo com o pensamento weberiano, o capitalismo moderno pode ser caracterizado como um vasto complexo de instituições interligadas que trabalham com base na prática econômica racional do que na especulativa. Compreende, particularmente, empresas que operam com inversão de capitais a longo prazo; em uma oferta voluntária de trabalho, no sentido jurídico da palavra; em uma divisão de trabalho planejada no interior das empresas e em uma distribuição das funções de produção entre umas e outras mediante o funcionamento de uma economia de mercado.²²⁴

No seu livro, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Weber investiga os princípios éticos que formam a base do capitalismo, o que seria o seu “espírito”. Esses princípios seriam encontrados na teologia protestante, mais especificamente na teologia calvinista. Então, partindo dessa hipótese, a conduta religiosa do Protestantismo teria afinidade com a maneira de agir econômica, que realiza um lucro sistemático e racional.²²⁵

O Protestantismo, ao valorizar o trabalho profissional colocando como meio de salvação do homem, opõe-se à concepção cristão medieval, a qual exigia o desprendimento dos bens materiais e considerava o trabalho uma maldição, devendo o homem trabalhar o

²²¹ MACHADO, Maria das D. C. História das Ciências Sociais da Religião. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (Orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013, p. 205.

²²² MACHADO, 2013, p. 206.

²²³ CATANI, Afrânio M. *O que é Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2017, p. 7-9.

²²⁴ CATANI, 2017, p. 9.

²²⁵ CATANI, 2017, p. 9.

mínimo necessário apenas para sua sobrevivência, e se possível livrar-se do trabalho para se dedicar à oração e contemplação da vida.²²⁶

No Luteranismo a palavra vocação se tornou sinônimo de profissão, e o homem foi chamado por Deus para desempenhar no mundo, seu trabalho e sua profissão. No Calvinismo, mais especificamente, o trabalho tem uma valorização religiosa, e os gozos e prazeres deste mundo deveriam ser renunciados, privando-se de todas as coisas que não são estritamente necessárias para sua subsistência.²²⁷

Junto à valorização positiva do trabalho está também presente no espírito calvinista uma valorização positiva da riqueza criada por esse trabalho. Todavia, essa riqueza criada não deve ser consumida nem gozada e, tampouco, deve ser economizada, no sentido de haver entesouramento. A riqueza criada deve ser reinvestida, deve servir de estímulo para que sejam criadas novas formas de trabalho.²²⁸

O capitalismo seria a junção desses princípios teológico e éticos, nas quais através do trabalho o homem encontra um meio de conquistar sua salvação. Essa ideia gera no modo de produção capitalista, o conceito de que o importante é trabalhar para gerar riqueza, mas não para o desfrute pessoal, mas sim para gerar trabalho novamente. E é sobre essa ideia que se criou a imagem do empresário moderno, que acumula capital, gera riqueza, e consequentemente contribui para o enriquecimento da nação e o bem-estar geral.²²⁹

Segundo a interpretação de Weber, o objetivo do capitalismo é, sempre e em todo lugar, aumentar a riqueza alcançada, aumentar o capital. [...] E é justamente nesse ponto que é possível observar, de acordo com a concepção de Weber, as estreitas relações existentes entre as aspirações religiosas do calvinismo e as aspirações mundanas do capitalismo.²³⁰

O que interessava a Weber não era a acumulação produtiva ou a institucionalização do trabalho assalariado, mas as transformações ocasionadas pelos segmentos sociais que tiveram importante papel na constituição do capitalismo racional, quais sejam as classes burguesas médias e baixas em ascensão. E esse interesse o direcionou para a relação entre as ideias e os interesses individuais, especialmente entre a doutrina do Protestantismo ascético e a conduta dos burgueses.²³¹

Weber se empenhou em entender as crenças religiosas e entendia ser necessário conhecer o *éthos* racional da conduta para explicar o surgimento do capitalismo moderno. Ou

²²⁶ CATANI, 2017, p. 9-10.

²²⁷ CATANI, 2017, p. 10-12.

²²⁸ CATANI, 2017, p. 12.

²²⁹ CATANI, 2017, p. 12-13.

²³⁰ CATANI, 2017, p. 13.

²³¹ MACHADO, 2013, p. 210.

seja, na forma de conduta ética proporcionadas pelas religiões envolvendo bens de salvação.²³²

No caso específico do Puritanismo,

Tal conduta era certo modo de vida metódico, racional que - dentro de determinadas condições - preparou o caminho para o espírito do capitalismo moderno. As recompensas eram atribuídas a quem se provava perante Deus, no sentido de alcançar a salvação [...] e provar-se aos homens no sentido de manter a posição social dentro das seitas puritanas. Ambos os aspectos foram mutuamente suplementares e funcionaram no mesmo sentido: ajudaram o nascimento do espírito do capitalismo moderno, seu *éthos* específico – o *éthos* da classe média burguesa.²³³

Para Weber, não são “as ideias que governam diretamente a conduta humana, mas sim os interesses materiais e ideais. Muito frequentemente, as imagens mundiais criadas pelas ideias determinaram, qual manobreiros, os trilhos pelos quais a ação foi levada pela dinâmica dos interesses.”²³⁴

Para esse autor, os homens “são influenciados pela religião em razão de suas expectativas mundanas e não porque tenham qualquer preocupação com as grandes ideias religiosas”. Assim, tanto as crenças como as concepções religiosas deveriam ser analisadas considerando suas articulações com as atividades cotidianas e práticas dos grupos sociais a que pertencem.²³⁵

As religiões projetam ideais de conduta que podem variar entre si, porém somente o Judaísmo e o Protestantismo ascético desenvolveram uma ética religiosa de ação intramundana e por isso Weber defendia que o Judaísmo teve um papel importante no desenvolvimento da matriz cultural ocidental.²³⁶

Anterior a Reforma Protestante, a economia feudal e manual era regida pela Igreja Católica, porém a economia capitalista começa a crescer e isso coloca o industrial, que trabalhava para ter lucro, em conflito com a igreja. O surgimento do movimento da Reforma, composto por protestantes, luteranos, anabatistas, calvinistas, enfim todos os descontentes com a igreja favoreceram a nova ordem social e econômica que estava surgindo, pois, a proximidade com o capitalismo e seus ideais era grande.²³⁷

Por outro lado, tem-se a figura dos burgueses, que desejosos pelo crescimento dos seus negócios, uniram-se aos reformistas para divulgar as ideias que favoreciam aos objetivos do

²³² MACHADO, 2013, p. 210.

²³³ WEBER, 1982, p. 368-369.

²³⁴ WEBER, 1982, p. 323.

²³⁵ MACHADO, 2013, p. 210.

²³⁶ MACHADO, 2013, p. 211.

²³⁷ JOCHEM, 2013, p. 39-40.

capitalismo comercial crescente. Ao legitimar a obtenção do lucro, o movimento reformista se comprometeu com os objetivos do capitalismo.²³⁸

Não é possível dissociar a figura do empreendedor de seu contexto, sendo assim a economia é influenciada pelo comportamento religioso. A associação do ambiente religioso e a atividade econômica tiveram início com Weber que constatou a contribuição e participação dos protestantes na fundação do sistema capitalista.²³⁹

Weber constatou em sua obra “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo” que os grupos pertencentes à religião protestante, sejam eles proprietários de capital, empresários ou trabalhadores, eram mais prósperos que os não protestantes. Logo, o desenvolvimento social e econômico é influenciado pela opção religiosa da população, e a Reforma Protestante foi o principal gatilho para a transição da economia ao capitalismo.²⁴⁰

Na Reforma Protestante está a base do espírito do capitalismo moderno, pois ela criou um novo significado para vocação, atribuindo como uma missão, um dever, um serviço ao qual é atribuído uma conotação espiritual. Porém, além disso, a Reforma Protestante também elabora tipos de conduta moral capazes de mudar o modo social.²⁴¹

Dentre as formas de Protestantismo ascético, tem-se o Calvinismo no qual a finalidade principal do homem é glorificar a Deus através de suas ações cotidianas, dando ao trabalho o sentido sagrado de agradar a Deus, ou seja, o trabalho salva, pois, dignifica a Deus.²⁴²

Alguns elementos de conduta religiosa, decorrentes da Reforma Protestante, são formadores do que seja o *ethos* do capitalismo. A conduta de um espírito pautado na concepção de que Deus vocaciona seus escolhidos dando-lhes aptidões específicas para que, religiosamente, aceitem seu dom e trabalhem como agrado a Deus e, dessa maneira, prosperem, pois a riqueza, quando revestida desse caráter espiritual, simboliza a proximidade e a benção de Deus, bem como a comprovação da salvação eterna. Esse espírito, para Weber, é o *ethos* - o código de costumes sociais e morais - que favoreceu o que ele conceitua como capitalismo moderno, observado por ele no início do século XX nos Estados Unidos da América.²⁴³

Alguns ramos do Protestantismo, como Calvinismo, Pietismo, Metodismo e Anabatista contribuíram significativamente para a economia ocidental moderna, ao

²³⁸ JOCHEM, 2013, p. 41.

²³⁹ NOGUEIRA, Nathalia J. A teoria da prosperidade aplicada ao campo do empreendedorismo. *Anais [...]* Congresso de Administração, Sociedade e Inovação – CASI 2016, p. 4908-4920. Juiz de Fora (MG): UFJF, 2017. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/anais/CASI.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020, p. 4918.

²⁴⁰ NOGUEIRA, 2017, p. 4908.

²⁴¹ SILVA JUNIOR, Nilson da. Uma análise do Neopentecostalismo a partir da ética protestante e o espírito do capitalismo. *Ciberteologia* – Revista de Teologia & Cultura, Ano VIII, n. 40, 2012. Disponível em: https://ciberteologia.com.br/images/edicoes/pdf/edicao_20200709233159.pdf. Acesso em: 08 out. 2020, p. 8.

²⁴² SILVA JUNIOR, 2012, p. 9-10.

²⁴³ SILVA JUNIOR, 2012, p. 12-13.

abençoarem o lucro e ensinarem aos fiéis que o trabalho é a razão de ser do homem, sua vocação tornando-o assim, como atividade religiosa.²⁴⁴

Weber não tinha a pretensão de analisar princípios econômicos, religiosos ou sociais, mas sim descrever a motivação religiosa por trás de um fenômeno social e econômico. Ou seja, que as condutas religiosas seriam capazes de contribuir para o desempenho econômico daquele momento histórico. Apesar de outros fatores como a Contabilidade racional, a matemática, administração, entre outros, terem contribuído para o desenvolvimento econômico, Weber ressalta que as questões religiosas e éticas foram as que mais contribuíram e sem as quais este impulso econômico moderno não existiria.²⁴⁵

Weber então faz a constatação de um problema que seria a posição dominante dos protestantes na vida econômica alemã. Ao se utilizar de bases estatísticas Weber consegue mostrar a maior representatividade de filhos de famílias protestantes em relação a católicos, nas escolas superiores. E que os católicos não apresentam interesse pelas atividades econômicas. Weber também apresenta uma relação entre o espírito comercial e piedade cristã presente em algumas tendências protestantes, em especial no Pietismo e no Calvinismo.²⁴⁶

A atividade comercial e industrial foi fortemente influenciada pelos protestantes que enriqueceram e contribuíram com o crescimento de muitos bancos privados na Suíça, pois estes surgiram da necessidade que os protestantes tinham de transferir suas posses para o exterior, em decorrência da perseguição que sofreram pelo Rei da França, no século XVII.²⁴⁷

Uma pesquisa realizada por Bernardelli, Gomes e Michelon, na qual se objetiva identificar se a ética protestante, introduzida pelas religiões evangélicas, é um fator que contribui para o desenvolvimento econômico no Brasil. Os resultados encontrados pelos autores indicam que a ética protestante favorece o desenvolvimento do capitalismo e que a presença protestante contribuiu positivamente com o fator econômico.²⁴⁸

Weber condenava a vida contemplativa e segundo ele, os protestantes foram os principais responsáveis pelo sucesso material dos países protestantes, destacando ainda, que os protestantes estavam mais inseridos nas atividades econômicas que os católicos, e isso é

²⁴⁴ JOCHEM, 2013, p. 42.

²⁴⁵ SILVA JUNIOR, 2012, p. 5.

²⁴⁶ POLLAK, Michael. Max Weber: elementos para uma biografia sociointelectual (parte II). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 85-113, out. 1996. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200004. Acesso em: 06 out. 2020, p. 102.

²⁴⁷ JOCHEM, 2013, p. 43.

²⁴⁸ BERNARDELLI, Luan V.; GOMES, Carlos E.; MICHELLON, Ednaldo. Religião e Desenvolvimento Econômico: Uma análise para o Brasil à luz do Catolicismo e do Protestantismo. *Revista de Economia Mackenzie*, v. 11, n. 3, p. 164-186, São Paulo, SP, jul. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/320307016>. Acesso em: 23 out. 2020, p. 178.

corroborado pela preferência que este tinha pelos ginásios humanísticos, enquanto aqueles optavam por estudos técnicos voltados para ocupações comerciais e industriais.²⁴⁹

Conforme a riqueza pessoal passa a ser justificada pela moral e ética religiosa, livre da condenação do acúmulo de riquezas, aumenta a importância do Protestantismo para o desenvolvimento econômico.²⁵⁰

A relevante ligação entre o espírito empresarial e as organizações religiosas seria uma marca dos organismos religiosos emergentes atualmente no Brasil. O ambiente de estagnação econômica das chamadas décadas perdidas (1980 e 1990) teria facilitado a procura por modalidades novas de realização pessoal e inserção produtiva – filantrópica, não remunerada – para lidar com as dificuldades materiais observadas em meio a crescentes taxas de desemprego e de precarização do trabalho. As opções por novas demandas religiosas são relacionadas a choques sociais e econômicos adversos, dessa maneira é possível entender o fenômeno do crescimento de congregações pentecostais e dos sem religião pelo aspecto teratológico dele.

Pesquisa realizada por Roberto Barros e Rachel McCleary, em 2002, demonstrou que a religião estabelece um efeito notável sobre as economias em desenvolvimento. O estudo aferiu os efeitos da relação entre a doutrina da salvação e os reflexos na economia, sob o ponto de vista de cada uma das quatro maiores religiões no mundo (Cristianismo, Hinduísmo, Islamismo e Budismo). Após a análise de cada uma das doutrinas, os pesquisadores chegaram a duas conclusões: 1) As quatro creem que a riqueza é algo positivo; já a pobreza negativa, e com isso todas incentivam o crescimento econômico; 2) Sob a tese do maniqueísmo religioso, as que enfatizam a crença da existência do inferno acabam incentivando aspectos que estimulam o crescimento econômico; enquanto as religiões que enfatizam a crença no céu e minimizam a abordagem do inferno contribuem menos para a economia.²⁵¹

Entretanto, essa mesma pesquisa mostrou que quanto maior as idas às igrejas o crescimento econômico tende a ser menor, porque os indivíduos irão dedicar mais de seu tempo a tarefas religiosas e menos a tarefas econômicas. Barro e MacCleary apontam que:

²⁴⁹ SOUZA, Nilson L. Z. *Religião e desenvolvimento: uma análise da influência do catolicismo e protestantismo no desenvolvimento econômico da Europa e América*. 2007. 98 f. Dissertação (Mestrado em Economia do Desenvolvimento) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3940>. Acesso em: 23 out. 2020, p. 48.

²⁵⁰ SOUZA, 2007, p. 56.

²⁵¹ BARRO, Robert J.; MCCLEARY, Rachel M. *Religion and political economy in an international panel*. National Bureau of Economic Research, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.3386/w8931>. Acesso em: 10 ago. 2020.

Apesar de a religiosidade tender a se reduzir com o desenvolvimento econômico, a forma como isso se dá depende das dimensões do desenvolvimento econômico. Por exemplo, a religiosidade está positivamente relacionada com o nível de educação e negativamente relacionada com o nível de urbanização. O aumento da expectativa de vida e a redução na fertilidade são aspectos que se relacionam inversamente com o nível de frequência às igrejas, mas não parece ter associação nenhuma com o nível de crença religiosa.²⁵²

A conclusão do estudo aponta, por fim, que na medida em que a renda de uma sociedade aumenta a religiosidade diminui, todavia, a afirmação não é definitiva devido a outras variáveis de difícil mensuração. A pesquisa mostrou que o crescimento econômico está positivamente correlacionado com as crenças religiosas, especialmente as referentes à doutrinação do céu e inferno, todavia, negativamente às idas à igreja.

Desse modo, então, nota-se que a religião é uma das muitas razões que incidem diretamente nas atividades econômicas. Mas é difícil pesquisar sobre o impacto da religião nas variáveis macroeconômicas, em função da dificuldade em afirmar o que causa o quê. Ou seja, o crescimento econômico altera a religiosidade ou são as práticas religiosas que têm um efeito no crescimento econômico.

Sendo assim, qual a interrelação entre o capitalismo, a Contabilidade e o Protestantismo? É essa ligação que se pretende demonstrar no Capítulo 3, relacionando a Contabilidade com o Protestantismo e com o capitalismo.

²⁵² BARRO; McCLEARY, 2002, p. 40.

3 O PROTESTANTISMO E SUA CORRELAÇÃO COM A CONTABILIDADE

O Capítulo 3 buscou identificar de que forma o Protestantismo contribuiu na difusão e crescimento da contabilidade após a Reforma Protestante, relacionando o desenvolvimento do capitalismo com a Contabilidade e a contribuição da religião no desenvolvimento de ambos.

A Igreja Católica tornou-se ilimitadamente poderosa durante a Idade Média, passando a intervir nos setores econômicos e políticos e amealhou abundantes somas em terras e dinheiro, com apoio do sistema feudal. A Igreja Católica, na verdade, era uma das bases mais fortes desse sistema. Entre as muitas instituições da Era Medieval, a Igreja, sem dúvida, representava o maior poder na Europa, mais que as políticas e as econômicas. Concretamente era a grande “senhora feudal”. O seu poder, especialmente o político, poderia ser comparado com o da autoridade Real. O poder e as riquezas que a Igreja possuía incomodavam a classe da nova nobreza e os proprietários rurais capitalistas, ambos com interesses nas terras do clero.

Assim, a Igreja Católica se apartava de seus ensinamentos e desabava em negação, a ponto de comercializar indulgências²⁵³, causa direta da objeção de Martinho Lutero, que deu início à Reforma Protestante.

A consequente ampliação dos poderes econômicos e políticos e o desenvolvimento do comércio da burguesia tornavam retrógrado o discurso da Igreja Católica Romana, porque pregava “ser mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no reino dos céus”, por um lado, e por outro, lucrava – pois ficava com parte do lucro auferido “pecaminosamente”²⁵⁴ – com a comercialização da venda das indulgências.

A Igreja de Roma possuía um discurso, que, veementemente, condenava a cobiça, e, sua prática contradizia sua pregação. Todavia, para o burguês que enriquecera comprando barato ou até mesmo roubando e vendendo com uma larga margem de lucro, além de cobrar juros altíssimos, não era nada atrativo ver-se obrigado a partilhar sua riqueza com o clero; tão contraditório entre atitudes e pregação. Não lhe era agradável também ouvir intermináveis sermões, os quais ameaçavam com as penas do inferno, a quem não abandonasse a conduta da usura²⁵⁵. Aos ricos burgueses mais agradável era ouvir de um sacerdote que toda a sua fortuna era um sinal divino da sua predestinação para a salvação eterna, sua condição de opulência era

²⁵³ Venda de indulgências: perdão de qualquer pecado mediante pagamento à igreja de determinada quantia.

²⁵⁴ Venda de indulgências: perdão de qualquer pecado mediante pagamento à igreja de determinada quantia.

²⁵⁵ Usura: cobrança indevida de juros.

uma característica para ser um “escolhido” por Deus. Desse modo, é compreensível que as nações mais ricas e desenvolvidas do mundo capitalista sigam a religião protestante.

Somado a isso, outros fatores concorreram para que fosse estimulada a Reforma Protestante, como o fato de a igreja declarar sua contestação no que dizia respeito a acumulação capitalista, ainda que acumulasse quantias exorbitantes. Sem demora a burguesia ascendente passou a precisar de uma religião que a perdoasse pelo pecado da acumulação. A reforma luterana beneficiou a grande burguesia e a nobreza feudal.

Adicionado a tais fatores, existia a questão de que o sistema feudal estava substituindo as monarquias nacionais que iniciavam a despertar no povo sentimentos de pertencimento e colocar a Nação e o Rei acima dos poderes da Igreja e do poderoso clero. Todas as ocorrências citadas fermentaram o Renascimento: a necessidade do surgimento e concretização do Protestantismo.²⁵⁶

O movimento da Reforma Protestante foi um conflito nascido no interior da Igreja Cristã: a parte que protestou passou a ser tratada, posteriormente, como Igreja Protestante, ao passo que a Igreja Cristã, para validar e confirmar sua posição, motivada pelos protestos, se assumiu, dentro dos princípios de sua tradição – Igreja Católica Apostólica Romana. Seu lugar de nascimento foi na Alemanha e terminou por dividir parte da comunidade cristã da Europa, originando o Protestantismo. A Reforma foi ardentemente apoiada pelos príncipes alemães, que queriam romper com a Igreja Católica e com o Imperador Carlos V.

É no período medieval que diversas inovações na Contabilidade foram introduzidas pela Igreja e pelos governos locais. Todavia é apenas na Itália que surge o termo Contabilidade. Na época, estudavam-se câmbio, pesos e medidas, técnicas matemáticas etc., tornando o ser humano mais evoluído em conhecimentos financeiros e comerciais.²⁵⁷

Na verdade, a Contabilidade, praticamente, surgiu contígua à própria história da civilização, estando unida às primeiras manifestações de necessidade social de proteção à posse de perpetuação e interpretação do que está acontecendo com os seus bens materiais e a necessidade de registros do comércio. Segundo os cientistas, ela é tão antiga, há aproximadamente 2.000 anos a.C. Mas, antes que o ser humano criasse a escrita e o cálculo, inventou a maneira de inscrição mais primitiva que é a artística. Desta forma, o homem

²⁵⁶ MENDONÇA, Ligia Bahia. *Educação Jesuítica: marcas do primeiro projeto educacional brasileiro*. Rio de Janeiro, UNESA, 2006.

²⁵⁷ REIS, Aline de J.; SILVA, Selma L.; SILVA, Cleide C. A. A história da contabilidade no Brasil. *Revista Unifacs*, v. 11, n. 1, 2007. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/view/299/247>. Acesso em: 20 ago. 2020.

primitivo, com a utilização de sua arte, passou a ressaltar a riqueza patrimonial em sua posse, através de inscrições nas paredes das grutas e pedaços de ossos.

Pedaços de ossos de rena forma encontrados em razoável quantidade no sul da França e muitas grutas conservam ainda, em países da Europa e no Brasil, inscrições sobre objetos e animais. O desenho do animal ou da coisa representava a natureza da utilidade que o homem primitivo havia conquistado e guardava; os riscos que quase sempre se seguiam ao desenho da coisa ou objeto denunciavam a quantidade existente.²⁵⁸

3.1 Relação do capitalismo com a Contabilidade

O monge alemão Martin Lutero, no ano de 1517, deu início à defesa da fé como principal elemento para a salvação do ser humano, e terminou por romper com a Igreja Católica no ano de 1519. Ao não aceitar a autoridade do Papa, Martin Lutero protestava também contra a venda de indulgências, especialmente desfavorável aos perdões dados pelo Papa e o afrouxamento dos costumes do clero. Assim, Martin Lutero, o protestante, recebeu o apoio de diversos camponeses e nobres. Desse modo, conseguiu a substituição da autoridade eclesiástica pela autoridade estatal, a dissolução das ordens monásticas, a revogação do celibato clerical e a secularização dos bens da igreja pela nobreza. A pregação de Lutero encontrou terreno fecundo nos territórios em que os nobres queriam se apoderar das terras da Igreja Católica.

O Protestantismo abraça a teoria da predestinação, que acredita que Deus concede a salvação a um número diminuto de escolhidos e, daí, o ser humano deve buscar o lucro por meio da vida regrada e do trabalho. Dessa maneira a religião protestante, portanto, não considera as proibições contidas na Bíblia, em especial a usura, tão enfaticamente, condenadas pelo Catolicismo. A partir disso, surge a identificação do pensamento protestante com o capitalismo.

As enormes transformações que começaram a se passar na igreja católica foram incentivadas mediante a eclosão e expansão do Protestantismo. Uma das principais consequências da semente plantada por Lutero no centro da cristandade foi a difusão de suas ideias, de forma incontrolável, por cada canto da Europa Central, onde estavam localizados grande parte dos nobres que tinham interesses em subtrair os bens da igreja e os burgueses enriquecidos. Lutero possuía uma maneira bem própria de propagandear o pensamento de salvação da alma: para o perdão dos pecados existia a necessidade de se sentir reconciliado e

²⁵⁸ SÁ, 2004, p. 22.

em comunhão com Deus já nessa vida, para que não passasse para o mundo dos mortos como devedor, e assim, fosse compensado com a salvação

A Contabilidade é considerada instrumento indispensável para o controle econômico, desse modo ela surge como área de conhecimento de caráter útil para o desenvolvimento da sociedade. Assim, Iudicius aponta que:

A contabilidade é uma ciência essencialmente utilitária, no sentido de que responde, por mecanismos próprios, a estímulos dos vários setores da economia. Portanto, entender a evolução das sociedades, em seus aspectos econômicos, dos usuários da informação contábil, em suas necessidades informativas, é a melhor forma de entender e definir os objetivos da Contabilidade.²⁵⁹

Para compreender os objetivos da Contabilidade, quanto à informação, é vital que se observe a evolução econômica das sociedades. Lopes de Sá diz que: “A Contabilidade nasceu com a civilização e jamais deixará de existir em decorrência dela; talvez, por isso, seus progressos quase sempre tenham coincidido com aqueles que caracterizaram os da própria evolução do ser humano.”²⁶⁰

Assim, a sociedade viu-se obrigada a adquirir serviços de prestação de contas com o surgimento do sistema econômico capitalista e, conseqüentemente, buscou por informações contábeis propícias às novas necessidades. Portanto, a Contabilidade tem sido unida ao sistema capitalista por alguns historiadores ligados à área da Economia, os quais argumentam que o processo de escrituração contábil por meio das partidas dobradas tem sido essencial ao desenvolvimento e evolução do capitalismo.²⁶¹

O conceito de Contabilidade racional, citado por Weber entre 1904 e 1905, traz a hipótese de que esta observação pode estar associada ao amadurecimento de conceitos e metodologias contábeis daquela época, ou, nas palavras dele:

A moderna organização racional das empresas capitalistas não teria sido possível sem dois outros fatores importantes em seu desenvolvimento: a separação dos negócios da moradia da família, fato que domina completamente a vida econômica e, estritamente ligada a isso, uma contabilidade racional.²⁶²

A questão da separação entre a residência da família e os negócios nada mais é do que o princípio fundamental da Contabilidade, na atualidade chamado de princípio da entidade, conceito que pressupõe que a vida pessoal dos proprietários e os negócios não devem estar juntos.

²⁵⁹ IUDÍCIBUS, 2010, p. 44.

²⁶⁰ SÁ, Lopes de. *História geral e das doutrinas da contabilidade*. São Paulo: Atlas, 1997, p. 15.

²⁶¹ SCHMIDT, Paulo; SANTOS, José Luiz dos. *História do pensamento contábil*. São Paulo: Atlas, 2006. v.8 (Coleção Resumos de Contabilidade).

²⁶² WEBER, 2004, p. 7.

Uma pista evidente, acerca da racionalidade da Contabilidade, expressada por Weber, sobre a consolidação do método das partidas dobradas como ferramenta ou mecanismo contábil essencial com o objetivo de solucionar os vários problemas que surgiram no período de Pós-Revolução Industrial. A partir da consolidação da economia no sistema capitalista, a interpretação e o conhecimento do andamento econômico da organização empresarial, tais questões teriam a responsabilidade das respostas pela Contabilidade. “O capitalismo sem a mensuração do lucro é tão inconcebível como seriam os jogos Olímpicos sem os registros dos resultados dos esportes”²⁶³ (tradução nossa).

Para o detentor do capital, o conceito de lucro é primordial e, diante da complexidade do ambiente industrial especialmente, isso não é fato simples de ser definido numa atividade empresarial, a qual exige rigoroso controle sobre as dinâmicas produtivas para o discernimento dos custos de fabricação. Ou seja, desconhecendo os gastos gerais de fabricação por cada coisa produzida, não há como determinar o lucro.

Para utilizar os critérios, para definir parâmetros de apropriação e de distribuição dos gastos de produção, a Contabilidade precisa considerar as características produtivas, como por exemplo, a produção em série, por encomenda. Para o sistema capitalista, o lucro é o produto de seu investimento, resultado dos empenhos financeiro e econômico gastos, nos quais são amealhados os dividendos que remuneram o capital investido.

Marx, ao descrever as várias partes nas quais se divide a mais-valia, ele define como lucro a parcela não remunerada do trabalho abrangida no valor total da mercadoria “a mais-valia, ou seja, aquela parte do valor total da mercadoria em que se incorpora o sobretrabalho, ou trabalho não remunerado, eu chamo lucro”²⁶⁴. Como o lucro está visceralmente unido ao capitalismo em sua concepção, a Contabilidade tem como destino somar para equacionar o problema de aferição na busca de conferir e determinar seu valor. No prefácio da edição brasileira de *O Capital*, Jacob Gorender e Paul Singer apontam que “a produção industrial moderna, sejam os países capitalistas ou socialistas, é tecnicamente impraticável sem Contabilidade”²⁶⁵.

Assim, se torna quase impossível pensar o que seria do capitalismo com a ausência da escrituração contábil pelo método das partidas dobradas: ambos os fenômenos estão ligados tão intimamente como estão a forma e o conteúdo. Para o desenvolvimento e crescimento da

²⁶³ IJIRI, Yuji. *Theory of Accounting Measurement*. New York: American Accounting Association, 1975.

²⁶⁴ MARX, Karl. *Salário, preço e lucro* [Junho 1865]. Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000077.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020, p. 21.

²⁶⁵ GORENDER, Jacob; SINGER, Paul. Prefácio. In: MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 40.

Economia capitalista foi essencial a contribuição da Contabilidade, enquanto forma de escrituração por meio das partidas dobradas.²⁶⁶

Como área de conhecimento que interage nas relações sociais, a Contabilidade tem recursos que tornam possível a pesquisa transdisciplinar na esfera e interesse das Ciências Sociais. Trata-se de ferramenta útil que pode somar com as demandas de informações econômico-financeiras relacionadas ao setor empresarial que, por sua vez, produz informações que influenciam as relações econômicas, sociais e religiosas. O Balanço Patrimonial, por exemplo, para a elaboração do principal relatório contábil, lança mão da equação matemática. Tal método, por diversas vezes, causa confusão em relação à Contabilidade, que é considerada como ciência exata.

A Contabilidade dá uma essencial contribuição para o desenvolvimento e desempenho do regime econômico capitalista, para elucidar as relações de interesse entre os seres humanos que estão envoltos nas organizações empresariais que, como seres sociáveis, procuram soluções para suas expectativas e seus conflitos. E os dados de caráter econômico-financeiro são vitais para uma boa harmonia, por assegurarem uma relação de confiança e segurança para os indivíduos envolvidos. E, em função da complexidade social, colocada no universo contemporâneo, e suas demandas na dinâmica de gerenciamento, decisão e competitividade das organizações/instituições, ressalta que o poder não mais se limita ao domínio e manipulação dos meios políticos, materiais e institucionais. Cada vez mais, o poder é mais definido e contextualizado a partir do controle e da gestão sobre o imaterial, seja das informações e do conhecimento delas decorrentes, seja por precisar se observar as especificidades do mercado, de cada contexto, dos seres humanos em geral ou das organizações.²⁶⁷

Do mesmo modo em que se muda a base da produção aparece um modelo emergente e as organizações nele colocadas ressentem-se de tecnologias gerenciais e físicas que ocasionem ter controle de seu principal fator de produção: a capacidade de gerar conhecimento e a conversão deste saber em benefícios para os seres humanos, a sociedade e as organizações. Neste entendimento, uma investigação sobre a Contabilidade – considerada como ferramenta atuante de prestação de contas dentro das organizações –, seria muito favorável se atrelada a uma abordagem baseada no Pensamento Complexo, e, dessa maneira, poderia somar para elucidar vários aspectos da dinâmica organizacional, como esclarece Oliveira Júnior:

²⁶⁶ RIAHI-BELKAOUI, Ahmed. *Accounting Theory*. London: Thomson Learning, 2004, p. 12.

²⁶⁷ RIAHI-BELKAOUI, 2004.

O uso da Teoria da Complexidade para a compreensão da dinâmica organizacional requer o entendimento dos conceitos que a fundamentam. Não é no fato de haver muitas variáveis no ambiente de negócios e de ser impossível conhecer e controlar todas elas que está a relação com caos e complexidade²⁶⁸.

Este posicionamento pressupõe que se o saber e o controle fossem praticáveis, seria possível orientar, estimar e prever com precisão o comportamento dos sistemas organizacionais. Kelm, em sua pesquisa, somou para reinserir a multidimensionalidade do relacionamento da Contabilidade com a dinâmica organizacional, a partir do reconhecimento de que o saber contábil se coloca na área das Ciências Sociais. O autor apresenta:

um conjunto de paradigmas ligados às Ciências Sociais que, de modo simplificado, podem ser entendidos como filtros conceituais de visualização da realidade social estabelecida. Do reconhecimento da existência destes filtros perceptivos pode-se, então, estabelecer um conjunto de repercussões sobre a ação do contador e como cada disciplina do conhecimento contábil pode ser explorada.²⁶⁹

Ao discutir o saber contábil atado à qualificação do profissional de Contabilidade (o contador), Kelm buscou estender as fronteiras de formação e ação, tidas de caráter ambivalente da própria Contabilidade que, em dadas circunstâncias, passa a possuir o papel de ciência positiva e, em outros momentos, apenas consegue assegurar sua efetividade tendo por referência a perspectiva humanista da realidade social. Ainda de acordo com este autor, tal debate intenciona subsidiar igualmente a opção dos métodos de investigação e:

são absolutamente decorrentes dos conceitos ontológicos e epistemológicos do pesquisador. Ou seja, estabelecido o caráter majoritariamente humanista de determinada abordagem, excluem-se os métodos de investigação de origem positiva, como aqueles de relacionamento causal, sendo a recíproca verdadeira.²⁷⁰

Na moderna conjuntura das organizações e instituições, examinada a clareza quanto ao objeto de investigação da Contabilidade, a atuação do contador é impelida, de forma sensível, no sentido de ser aumentada. Por isso é preciso, em várias condições, buscar contribuições de outras áreas do saber, tais como da Sociologia, da Psicologia, do Direito, das Ciências Sociais, das Ciências das Religiões entre outras, para fortalecer as condições de eficiência das partículas sociais e, deste modo, intensificar os benefícios sociais da ação do contador.

²⁶⁸ OLIVEIRA JÚNIOR, Ézio. *Contribuições dos Conceitos da Teoria da Complexidade e de Auto-Organização para o entendimento do Processo Estratégico das Organizações segundo a Escola de Configuração*. Dissertação (Mestrado em Administração). Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10923/1141>. Acesso em: 11 out. 2020, p. 51.

²⁶⁹ KELM, Martinho L. *Conhecimento Contábil no Contexto das Ciências Sociais e a Investigação Científica. Desenvolvimento em Questão*, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 119–148, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/92>. Acesso em: 19 ago. 2020, p. 145.

²⁷⁰ KELM, 2004, p. 145.

Assim, ao ser admitido o princípio de célula social na técnica de investigação contábil, afere-se o comprometimento, natural e espontâneo, da Contabilidade ao observar a organização de modo orgânico, dentro da conjuntura em que adquirir os resultados monetários não pode ser considerado único elemento possível de mensuração de sua efetividade e eficácia. Tal análise deve levar em conta todos os relacionamentos e eventos ocorridos em cada etapa do ambiente social no qual a organização está inserida.²⁷¹

Ao procurar a relação e o entendimento entre o concreto – representado pelo ambiente físico onde os fatos ocorrem –, e as pessoas – que propicia o acontecer –, a Contabilidade, sem dúvida, passa a ser caracterizada como Ciência Social por primazia e assume, obrigatoriamente, as particularidades que são atribuídas à sua natureza.²⁷²

A vocação social da Contabilidade está evidenciada por diversos fatores e também por seu objeto de investigação como ciência. Todavia, pode-se ainda possibilitar diversas discussões e inúmeros debates sobre a amplitude e as peculiaridades do papel específico do contador, dentro da dinâmica das organizações. Como explica Xavier:

a origem do pensamento contábil e seu desenvolvimento primitivo podem promover um adequado arcabouço teórico e prático que nos permite classificá-la como ciência, indo além, ligando a contabilidade a sua função social, função que catalisou seu surgimento. Identificando seu provável surgimento e expondo hipóteses que validam sua finalidade, canalizamos-nos para a definição do conceito da ciência contábil, sua complexidade, seu aspecto amplo e sua relação fundamental com os anseios sociais, permeando as escolas do pensamento contábil, definindo seu objeto de estudo e seus objetivos, chegando à conclusão que ela está inserida no campo das ciências sociais, precisamente faz parte das ciências sociais aplicadas, formando, juntamente com a Administração e a Economia, o grupo das ciências gerenciais.²⁷³

Assim, conclui-se que a Contabilidade está conectada à Sociologia quanto à análise e interpretação dos fenômenos sociais investigados na Sociologia das Organizações. É nesse sentido que se pode dizer que a Contabilidade também se insere no contexto da Sociedade Capitalista, e, portanto, torna-se objeto de estudo da Sociologia Geral.

3.2 A Contabilidade no Contexto das Ciências Sociais e do Pensamento Complexo

O sistema capitalista, desde o seu surgimento, esteve atado à Igreja cristã, e esta sempre esteve às voltas com os problemas do grupo humano – a sociedade. O objetivo principal da Igreja faz muito tempo, deixou de ser o de oferecer apenas acalento espiritual,

²⁷¹ XAVIER FILHO, Jose L. Julião. *Ciências Contábeis: Uma Ciência Social Aplicada?* Pernambuco: Sebrae Biblioteca On Line, abril, 2006.

²⁷² XAVIER FILHO, 2006.

²⁷³ XAVIER FILHO, 2006, p. 1.

conectando-a, portanto, fortemente a questões políticas e econômicas. Evidentes e incontáveis são as transformações sofridas pelas crenças religiosas ao longo da história e do desenvolvimento do ser humano em sociedade. Da mesma maneira, palpável e visível vem sendo a sua influência na vida social e econômica.²⁷⁴

Para o Protestantismo, diferentemente do Catolicismo, o único modo aceitável de viver para Deus, é através do trabalho. Segundo sua posição social, o cumprimento das tarefas impostas ao indivíduo, é o meio de aproximação do ser humano para com Deus. O trabalho ocupa não apenas lugar de extrema importância, como é o objetivo da vida.

Pois o eterno descanso da santidade “encontra-se no outro mundo, na terra, o homem deve estar seguro do seu estado de graça”, trabalhar o dia todo em favor do que lhe foi destinado. Não é, pois o ócio e o prazer, mas apenas a atividade que serve para aumentar a glória de Deus, de acordo com a inequívoca manifestação da sua vontade.²⁷⁵

O sistema capitalista em que Weber fundamenta sua análise é o capitalismo moderno, o qual privilegia a preocupação com o investimento para o crescimento. Norteia-se nas expectativas de lucro através das relações de troca.

De acordo com Weber, a Reforma Protestante não aconteceu tendo como alvo influenciar o capitalismo, ou o seu aparecimento, mas, na verdade, sua tese prevê que o Protestantismo tenha influenciado positivamente no desenvolvimento do capitalismo. Weber menciona um feixe de aspectos defendidos pelo Protestantismo, e não pelo Catolicismo, que teve enorme influência no “espírito capitalista”, dentre eles, pode-se citar: o desejo infinito de melhorar financeiramente, o cuidado com os bens materiais, a poupança, a vocação como estímulo para especialização da mão de obra, e diversos outros, citados em sua obra constantemente.

O trabalho, para os trabalhadores de origem protestante, é indispensável para a existência, ou seja, não é o trabalho que possibilita vida ao ser humano, mas sim, é este que vive para trabalhar. Já o Catolicismo, por seu turno, condena os lucros, juros, a cobiça, e seus seguidores não se sentem obrigados a trabalhar além do extremamente preciso para sua sobrevivência. O católico da Idade Média vivia apenas o seu dia presente, trabalhava somente para comer. Trabalhadores e artesãos católicos não possuíam interesse em ocupar cargos melhores em suas profissões, menos ainda em se qualificar e se aperfeiçoar em suas técnicas. Viviam com o ínfimo que ganhavam e quando este pouco lhes faltava, ficavam a esperar da caridade alheia.

²⁷⁴ WEBER, 2004.

²⁷⁵ WEBER, 2004, p. 143.

O que existe, de modo geral, é uma grande tendência dos protestantes para o racionalismo econômico, condição esta que não é encontrada entre os católicos. Weber ilustra muito bem essa ideia quando aponta que

O católico é mais sossegado; dotado de menos impulso aquisitivo, prefere um traçado de vida o mais possível seguro, mesmo que com rendimentos menores, a uma vida arriscada e agitada que eventualmente lhe trouxesse honras e riquezas. Diz por gracejo a voz do povo: “bem comer ou bem dormir, há que escolher”. No presente caso, o protestante prefere comer bem, enquanto o católico quer dormir sossegado.²⁷⁶

O monge alemão Martin Lutero, defensor da fé como elemento principal para a salvação do indivíduo, terminou por romper com a Igreja Católica em 1519 a partir da negação da autoridade do Papa. Lutero protestava contra a venda de indulgências, contra os perdões concedidos pelo Papa, e o relaxamento dos costumes pelo clero. Lutero recebeu o apoio de muitos camponeses e nobres, conseguindo assim a dissolução das ordens monásticas, a revogação do celibato clerical, a secularização dos bens da igreja pela nobreza, e a substituição da autoridade eclesiástica pela autoridade estatal. Assim, esse monge, encontrou terreno fértil à sua pregação nas regiões em que era interessante aos nobres se apoderarem das terras da Igreja Católica.

A semente plantada por Lutero teve como uma das principais consequências a difusão de suas ideias como um rastro de pólvora por toda a Europa Central, local onde estava concentrada a maior parte dos burgueses enriquecidos e dos príncipes que tinham interesses em subtrair os bens da igreja. As ideias luteranas tinham um meio bem próprio de alcançar a salvação da alma: para o perdão dos pecados existia a necessidade de se sentir reconciliado e em comunhão com Deus já nessa vida, para que não passasse para o outro mundo em débito, e dessa maneira, fosse compensado com a salvação.

João Calvino, outro dos principais líderes da Reforma, um francês que viveu entre 1509 e 1564. Também acreditava que o povo, e não apenas os reis e bispos deveriam participar das decisões políticas e religiosas. Tais ideias influenciaram seus seguidores na França, Inglaterra, Escócia e Países Baixos. O Calvinismo, desde meados do século XVII era a corrente protestante mais numerosa da Inglaterra. Era dividida em facções, sendo as mais importantes, os chamados “*Huguenotes*”, que eram os adeptos franceses do Protestantismo, e os puritanos, representados especialmente pela média burguesia, contrária ao Estado absolutista e as religiões oficiais anglicanas, que limitavam o direito de propriedade, fazendo com que os puritanos assumissem uma postura de oposição mais radical. O Puritanismo é a

²⁷⁶ WEBER, 2004, p. 34.

seita mais rigorosa na aplicação de princípios morais, e que pretendia interpretar melhor que quaisquer outros, o sentido literal das Escrituras.

Outra facção calvinista era a dos “presbiterianos”, marcados por um comportamento mais moderado, que aceitava o Estado absolutista, já que sua composição social majoritária era formada pela alta burguesia e por latifundiários favorecidos pelo Estado. Os “anabatistas” constituíam o grupo calvinista mais radical. Eram socialmente formados por camponeses e artesãos pobres que combatiam o Estado, reivindicando a devolução de terras e o sufrágio universal. Além de perseguidos pelo Estado anglicano, eram discriminados pelos puritanos que consideravam a pobreza como expressão da falta de graça divina. “Deus criou vasos para a salvação e vasos para a danação eterna. Se a Mão de Deus estiver sobre a tua cabeça tu serás beneficiado aqui na terra com muita saúde e prosperidades. Por esse indício compreenderás que estás predestinado a salvação” (João Calvino).²⁷⁷

Para Calvino, não era Deus que existia para servir aos homens, mas sim os homens que existiam para servir a Deus. Assim, os seguidores de Calvino terminavam por voltar cada minuto de suas vidas ao trabalho, para que conseguissem provar por meio de suas posses, o quanto eram bem-vistos por Deus, e o quanto estava garantida sua salvação eterna. Era também o trabalho profissional sem descanso que concedia ao homem a autoconfiança de ser um escolhido de Deus, apenas o trabalho serviria para terminar com a dúvida religiosa e oferecia a certeza do estado de graça.

O Calvinismo, portanto, oferecia uma doutrina adequada à burguesia capitalista, o que fez com que fosse conhecido como a Religião do Capitalismo. Essa definição deu-se pelo fato de que defendia o empréstimo de dinheiro a juros, considerava a pobreza como sinal do desfavor divino e valorizava o trabalho, o que ia ao encontro dos anseios da burguesia, que tinha no trabalho, o elemento essencial para o acúmulo do capital. O significado da Reforma não foi tanto o de dominação da igreja, mas a troca de uma forma até então em uso, por outra; extremamente confortável, que mais existia no papel do que na prática, por outra, que influenciava a vida das pessoas como um todo. A dominação calvinista controlava o indivíduo como um todo, a ponto de ser quase insuportável, porém, no entanto, as classes burguesas dos países economicamente desenvolvidos, suportaram e passaram a defender.²⁷⁸

Mais tarde, o Calvinismo, tornou-se popular em países como Escócia, Holanda e EUA, o que gerou a fama de tais povos como sendo sovinas, nada generosos, e interessados apenas

²⁷⁷ FERREIRA, Franklin. *O Movimento Puritano e João Calvino*. Fides Reformata, São Paulo, Vol. IV. N. 1, janeiro-julho, p. 27-40, 1999.

²⁷⁸ FERREIRA, 1999.

no dinheiro. De acordo com Max Weber, o Calvinismo foi a fé em torno do qual giraram os países desenvolvidos (Holanda, Inglaterra, França e Alemanha) e as grandes lutas políticas e culturais do século XV e XVI. É o Calvinismo a primeira ética cristã que deu ao trabalho um caráter religioso.²⁷⁹

O desenvolvimento do capitalismo prosseguiu de maneira impossível de refreá-lo, a partir de quando começaram a surgir e alcançar algum desenvolvimento várias empresas, que conseguiam isso, devido à concentração e centralização de capitais. Surgiam então, fusões e incorporações, fazendo nascer os monopólios, o que dava início à fase do capitalismo financeiro e monopolista.

Não apenas os proprietários do capital e das empresas eram seguidores do Protestantismo, mas também a mão de obra mais qualificada, isso acontecia em quase toda a parte onde se desenvolveu o capitalismo. Desde o século XVI, a grande maioria das cidades ricas tinham se convertido ao Protestantismo. E seus seguidores, os protestantes, demonstraram desde o princípio uma forte inclinação ao racional, mais especificamente ao racionalismo econômico, o que não era verificado entre os católicos mesmo quando estes eram a maioria, ou quando apresentavam supremacia econômica.²⁸⁰

O fato descrito acima, misturado ao de que a participação majoritária dos protestantes na propriedade do capital e nas posições de liderança das renomadas indústrias e da maioria da área comercial, além da participação dos católicos, se deve a razões históricas, e são, observa-se, conseqüências de fenômenos sociais. A esmagadora maioria dos protestantes em tais postos de trabalho representa efeitos dessa população ser a possuidora do capital, ter tido uma educação mais cara e estendida por mais tempo, e, atualmente, ainda está ligada a riquezas provenientes de heranças. Ou, nas palavras de Weber:

Por outro lado, impõe-se o fato de os protestantes (especialmente em alguns de seus ramos que serão discutidos mais adiante), tanto como classe dirigente quanto como classe dirigida, seja como maioria, seja como minoria, ter demonstrado tendência específica para o racionalismo econômico, que não pode ser observada entre os católicos em qualquer uma dessas situações. A razão dessas diferentes atitudes deve, portanto, ser procurada no caráter intrínseco permanente de suas crenças religiosas, e não apenas em suas temporárias situações externas na história e na política.²⁸¹

Há, aqui, um fato que é importante ser colocado em relevância, o chamado espírito do trabalho, ou do progresso, que não era, naquela época do surgimento do sistema capitalista, o mesmo que é atualmente. O Protestantismo dos primórdios, o de Calvino ou de Lutero, não

²⁷⁹ FERREIRA, 1999.

²⁸⁰ WEBER, 2004.

²⁸¹ WEBER, 2004, p. 33.

tinha elo com o desenvolvimento econômico, ou com o que se conhece por progresso. Para ser encontrada alguma ligação entre o espírito protestante de antigamente e o capitalismo moderno, deve-se observar traços puramente religiosos. É preciso estudar as diferenças e peculiaridades encontradas nos pensamentos religiosos e nas diversas manifestações da religião cristã.

Junto a toda essa passagem do sistema capitalista ao longo dos tempos, a Contabilidade também evoluiu conforme as necessidades sociais; acompanhando as demandas da sociedade, oferecendo informações de caráter qualitativo, embora utilizando a matemática como instrumento quantitativo para mensuração monetária, e não somente as Ciências Sociais.

Tratamos a Contabilidade como ciência social, já que ela é um produto do meio, acompanhando as mudanças sociais, a evolução do homem. Não é, ao contrário do que muita gente pensa, uma ciência quantitativa, embora utilize em larga escala os métodos quantitativos, tendo como principais instrumentos a matemática e a estatística.²⁸²

Em função das abrangências e dos desfechos nas relações sociais dos quais a Contabilidade participa, pesquisas no âmbito das Ciências Sociais podem ser bastante positivas, porque a Contabilidade detém a função de entender e explicar os mecanismos de acumulação das riquezas; promover o controle e prestar contas. Dessa maneira, a formação na Contabilidade exige conhecimento em várias áreas.²⁸³

As ciências sociais aplicadas constituem uma área do conhecimento e de atuação profissional multivalente, cuja formação conjuga o domínio de várias disciplinas, entre as quais se situam a administração e as ciências contábeis, que vêm adquirindo crescente importância no contexto da sociedade, uma vez que, por meio da contínua interação entre ciência e técnica, produzem conhecimentos que, aplicados às organizações, tratam de conduzi-las ao alcance dos objetivos visados.²⁸⁴

Tal premissa deixa claro que os autores mostram a necessidade de o contador conhecer outras disciplinas, compreender outros contextos e outras formas de produção do conhecimento, especialmente aqueles voltados para as organizações, sejam elas com ou sem fins lucrativos, de interesse privado ou público.

²⁸² MARION, José C. Reflexões sobre a contabilidade mental. *RBC: Revista Brasileira de Contabilidade*, Brasília, v. 37, n. 172, p. 77-89, 2008. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001689373>. Acesso em: 10 jan. 2021, p. 4.

²⁸³ DIEHL; TATIM, 2004.

²⁸⁴ DIEHL, Astor A.; TATIM, Denise C. *Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas: Métodos e Técnicas*. São Paulo: Prentice Hall, 2004, p. 36.

Kelm²⁸⁵, em sua pesquisa, aponta algumas características do relacionamento das Ciências Sociais com a Contabilidade. A primeira é a que envolve o caráter eminentemente histórico das Ciências Sociais. Assim como a estática patrimonial – não obstante constituir-se num recorte histórico delimitado – reflete a trajetória da entidade e das ações de seus dirigentes, as Ciências Sociais, normalmente, são sempre analisadas a partir de uma configuração espacial e histórica específica.

A segunda característica a ser ressaltada é o fato de que não é apenas o investigador que fornece sentido a seu trabalho intelectual. São os indivíduos, os grupos e as sociedades que dão significado e intencionalidade a suas ações e construções, considerando que as estruturas sociais não são mais que ações objetivadas, ou seja, o nível de consciência histórica das Ciências Sociais está referenciado ao nível de consciência histórica social.²⁸⁶

A terceira característica é que existe, nas Ciências Sociais, identidade entre o sujeito e o objeto. Nesse setor, a pesquisa trabalha com seres humanos que, por razões culturais, de faixa etária, classe, ou qualquer outra razão, têm substrato comum de identidade com o pesquisador, tornando-os comprometidos solidariamente.²⁸⁷

A quarta característica das Ciências Sociais é sua natureza ideológica, não isenta de observações, percepções e valores dos indivíduos ou do pesquisador. Na Contabilidade essa característica pode ser observada na análise e na avaliação das organizações e instituições; ou nos processos de avaliação de intangíveis como, por exemplo, um caso de investigação sobre o impacto do valor de determinada marca na projeção do fluxo de caixa futuro de uma organização, que inclui diversas percepções e considerações do avaliador. Tal condição prenunciadora da Contabilidade é destacada por Franco:

Nisso está o fundamento científico da Contabilidade – na possibilidade de previsão dos efeitos gerados por determinados fenômenos patrimoniais. A análise, a comparação e a interpretação desses efeitos dão-lhe capacidade de previsão e, conseqüentemente, fundamento científico inquestionável.²⁸⁸

Assim, a Contabilidade poderá lançar mão de um conjunto de técnicas e métodos mensuráveis e auferíveis, todas as vezes em que o processo de verificação de análise for prospectivo e exigir o uso de expectativas, com relação ao ambiente e do próprio relacionamento da sociedade com a célula social, nas quais opiniões e interpretações poderão

²⁸⁵ KELM, 2004.

²⁸⁶ FRANCO, Hilário. Paradigmas da teoria contábil. *Revista Brasileira de Contabilidade*. Brasília, n. 5, p. 52-63, jun./1997.

²⁸⁷ FRANCO, 1997.

²⁸⁸ FRANCO, 1997.

divergir entre os profissionais ou em relação às percepções de possíveis mudanças do contexto.

Do mesmo modo que a Resolução do Conselho Federal de Contabilidade Nº 750/93 anuncia o Princípio da Prudência – que tem por objetivo limitar a ação diante de possibilidades e alternativas e incertas –, são tais as percepções do contador, com relação às repercussões das decisões sobre o desempenho futuro da célula social e/ou comunidade religiosa, que poderiam, em determinadas condições, divergir sobre certo parecer ou diagnóstico, de sucesso ou não, a respeito de uma alternativa de investimento sem que isto demonstre falta de capacidade técnica de um ou outro profissional. Outra vez Franco aponta:

Quanto às Ciências Sociais, entre as quais as Ciências Econômicas (das quais a Contabilidade faz parte), elas dependem do comportamento do ser humano, imprevisível, em face de seu livre-arbítrio. Daí a dificuldade de certas previsões, pois estas estarão sempre condicionadas à conduta humana.²⁸⁹

A ação produzida pela Contabilidade, apesar de envolver um conjunto de técnicas e procedimentos comumente retratados de modo quantitativo, tem grande apelo qualitativo em sua verdadeira essência. Exemplo disso pode ser observado na pesquisa de Frago e Ribeiro Filho²⁸ em que o objetivo consistiu em avaliar se, no Brasil, doutores em Contabilidade que tenham currículo interdisciplinar – que possuem formação em Contabilidade e em outras áreas de conhecimento, tais como Economia, Administração, Sociologia, vivenciam com mais intensidade o processo de pesquisa do que aqueles formados apenas em Contabilidade (graduação, mestrado e doutorado).

A amostra com perfil interdisciplinar mostrou-se mais consistente e atuante no processo de pesquisa ao longo do tempo. Isto dá validade a questão de que “as inquietações, que geram os problemas de pesquisa, também são constantes.”²⁹⁰

Notou-se, na pesquisa, que o perfil de formação em outras áreas de conhecimento soma como vantagem, para que os acadêmicos adaptem e ampliem seu olhar em relação à realidade social do entorno do profissional de Contabilidade.

A princípio, observa-se uma determinada incapacidade de incorporar a complexidade da vida social em modelos científicos. Contudo, isso não significa que o pensamento complexo não seja, ou não possa ser devidamente incorporado à dinâmica de ação da Contabilidade.

²⁸⁹ FRANCO, 1997, p. 61.

²⁹⁰ FRAGOSO, Adriana R.; RIBEIRO FILHO, José Francisco. Um Estudo Aplicado sobre o Impacto da Interdisciplinaridade no Processo de Pesquisa dos Doutores em Contabilidade no Brasil. *Anais [...] IV Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul, Florianópolis, Brasil, dez./2004*. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/35572>. Acesso em: 20 ago. 2020, p. 104.

As Ciências Sociais têm instrumentos, teorias e argumentos capazes de se aproximar da complexidade, levando em conta expressões humanas presentes, processos, sujeitos e representações, e com certeza a Contabilidade possui condições de incorporar tal pressuposto em suas análises.

Desde criança é ensinado a todos os seres humanos a pensar e raciocinar em um comportamento quase que exato em relação a eventos e fatos do cotidiano, ou complexos, que os cercam, sejam estes fenômenos de ordem cultural, natural ou social, para Morin:

Nosso modo de conhecimento subdesenvolveu a aptidão de contextualizar a informação e integrá-la em um conjunto que lhe dê sentido. Submersos na superabundância de informações, para nós, fica cada vez mais difícil contextualizá-las, organizá-las, compreendê-las.²⁹¹

Os indivíduos são orientados a crer que para cada ação há uma reação e que os motivos e as consequências dos acontecimentos se mostram de maneira linear e isolada da conjuntura maior e abrangente. Conseqüentemente há indução do raciocínio sobre as circunstâncias que os cercam ou sobre o ato de refletir que eles mesmos fazem parte do problema, da paisagem e talvez da solução.

A evolução nasceu bem antes da noção de complexidade. A complexidade surgiu na linguagem comum pouco depois da Segunda Guerra Mundial e levou cerca de 30 anos para ganhar legitimidade integral. “O surgimento do conceito de complexidade e das ciências do complexo é talvez o fato mais essencial no centro da grande mutação que hoje vivemos. Ela tem duas histórias: uma na cultura humana, outra na natureza física.”²⁹²

O fundamento da tese de Halévy, considerada na obra *A Era do Conhecimento: princípios e reflexões sobre a Noética do século XXI*, é que a época atual é de ruptura. A maioria dos indícios os quais ele indica o fim da modernidade e aponta para a nova fase da humanidade que poderia ser a Era Noética, momento o qual o indivíduo percebe que sua função no cosmos é a de construir a camada de conhecimentos.

As ponderações que esse autor utilizou para conceber o conceito de noética são fundamentadas na complexidade e na evolução. A ciência atual se apoia num conhecimento simples e linear e a humanidade começa a se dar conta de que o conhecimento é complexo como todos os sistemas universais. O pesquisador apresenta uma realidade que precisa ser

²⁹¹ MORIN, Edgar. *A Via para o Futuro da Humanidade*. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, p. 183.

²⁹² HALÉVY, Marc. *A Era do Conhecimento: princípios e reflexões sobre a Noética do século XXI*; tradução Roberto Leal. São Paulo: Ed. Unesp, 2010, p. 54.

construída, porque os conceitos de verdade e imutabilidade foram desmantelados. E enumera transformações que pressupõe necessitam ser realizadas para que a Era Noética evolua.

Conceitos como os de ética, política, sistema econômico, forma de pensamento, sugerem que toda a forma de sociedade que conhecemos irá se transformar “não há nada preestabelecido, nada de imutável, nada de absoluto, pois tudo se transforma, pois tudo se cria o tempo todo, pois nada é permanente.”²⁹³

De acordo com o Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano²⁹⁴ o Pensamento Complexo é uma larga tendência antirreducionista, que se desenvolveu em várias áreas da pesquisa científica. E, essa atitude da epistemologia complexa, concretiza-se como tendência a ressaltar, na observação dos fenômenos, os aspectos de descontinuidade, contradição, multiplicidade, não linearidade e aleatoriedade, ao invés de reduzir sua emergência, como na clássica atitude científica, para a qual tais condições eram concebidas como elementos de perturbação. Morin lembra que:

A inteligência parcelada, compartimentada, mecanicista, disjuntiva e reducionista rompe o complexo do mundo em fragmentos disjuntos, fraciona os problemas, separa o que está unido, torna unidimensional o multidimensional. É uma inteligência míope que acaba por ser normalmente cega. Destrói no embrião as possibilidades de compreensão e de reflexão, reduz as possibilidades de julgamento corretivo ou da visão a longo prazo. Por isso, quanto mais os problemas se tornam multidimensionais, maior é a incapacidade de pensar sua multidimensionalidade; quanto mais a crise progride, mais progride a incapacidade de pensar a crise; mais os problemas se tornam planetários, mas eles se tornam impensáveis. Incapaz de considerar o contexto e o complexo planetário, a inteligência cega torna-se inconsciente e irresponsável.²⁹⁵

A inquietação relevante do Pensamento Complexo está focada para a compreensão dos fenômenos como um todo, sobre as regras gerais e o comportamento, para se evitar as causalidades aparentes; e de modo a observar as partes e enxergar nelas a representação do todo; a separar e a ligar os elementos do problema. Para Morin:

A fragmentação e a compartimentalização do conhecimento em disciplinas não comunicantes tornam inapta a capacidade de perceber e conceber os problemas fundamentais e globais. A hiperespecialização rompe o tecido complexo do real, o primado do quantificável oculta a realidade afetiva dos seres humanos.²⁹⁶

²⁹³ HALÉVY, 2010, p. 55.

²⁹⁴ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

²⁹⁵ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; Rev. Téc. Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000, p. 43.

²⁹⁶ MORIN, 2013, p. 183.

Morin alerta ainda que, o modo de conhecimento fragmentado, mutilado, produz ignorâncias globais e direciona para ações mutilantes às quais se ajustam as seguintes limitações:

Do *reducionismo*, que reduz o conhecimento das unidades complexas aos dos elementos supostamente simples que as constituem; Do *binarismo*, que decompõe tudo em verdadeiro/falso, ou seja, o que existe é parcialmente verdadeiro ou parcialmente falso, ou simultaneamente verdadeiro e falso; Da *causalidade linear*, que ignora os circuitos retroativos; Do *maniqueísmo*, que não enxerga senão oposição entre bem e mal.²⁹⁷

Segundo Mariotti²⁹⁸, a Complexidade não é um conceito teórico. É um fato da vida. Condiz com a multiplicidade, com o entrelaçamento e à ininterrupta interação da infinidade de fenômenos e sistemas que consistem no mundo natural. Não importa o quanto se possa tentar, não se consegue reduzir essa multidimensionalidade a explicações simplórias, regras rígidas, fórmulas simplificadoras ou esquemas fechados de ideias.

O pensamento complexo só pode ser entendido, tal qual a complexidade, por um sistema de pensamento flexível, aberto e abrangente. Configurando-se, o pensamento complexo, como uma nova visão de mundo, que aceita e busca entender as transformações ininterruptas do real, e não tem o objetivo de negar a incerteza, a aleatoriedade e a multiplicidade, mas, sim, coabitar com elas. Halévy explica que:

Um sistema é complexo quando seu todo é mais que a soma das partes. E quanto mais complexo, mais seu todo supera de longe as partes e mais se torna autônomo e imprevisível, porque escapa cada vez mais dos determinismos mecânicos. Enfim, a importância crescente das propriedades emergentes, independentes dos materiais que compõem o sistema complexo, implica a preponderância da informação (da “forma”) sobre a matéria (a “substância”): toda complexificação é também uma desmaterialização. Complexidade e densidade da informação são sinônimos.²⁹⁹

Dessa maneira, torna-se “impossível estabelecer um receituário das regras do método complexo. Em primeiro lugar, torna-se imperativo superar a matriz sociocêntrica e androcêntrica presente das ditas ciências humanas”³⁰⁰. Existe um desafio colocado sobre a necessidade de reorganizar o processo do saber:

Ele parece sinalizar a necessidade de civilizar as ideias, para que seja possível reorganizar o processo de conhecimento, dar novo sentido à tríade indivíduo-sociedade-espécie e, finalmente, perceber que sociedade, cultura, cerebralização são verso e reverso do processo da humanização. A co-presença das múltiplas

²⁹⁷ MORIN, 2013, p. 184.

²⁹⁸ MARIOTTI, Humberto. *Pensamento complexo: suas aplicações a liderança, à aprendizagem e ao desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Atlas, 2007.

²⁹⁹ HALÉVY, 2010, p. 11.

³⁰⁰ CARVALHO, Edgard de Assis. Edgar Morin, um pensador para o Brasil. *Revista Eletrônica Ponto-e-vírgula*, 5, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/14060>. Acesso em: 20 ago. 2020, p. 53.

expressões do imaginário e do real, da subjetividade e da objetividade, da razão e da desrazão dão corpo e sintonia às diversificações complexas de um processo histórico que, há milhões de anos, nada mais faz do que explicitar a unidialidade do sapiens-demens.³⁰¹

Assim, a partir de diversos autores, o pensamento complexo se estabeleceu, dentro de várias áreas de conhecimento, e demonstrou ser uma teoria apta a caminhar entre tão diferentes assuntos tais como a Antropologia, a Biologia, a Sociologia e, mais recentemente, pelas ciências da Gestão e da Educação, embora para essas duas últimas o desenvolvimento da teoria tenha sido muito vagaroso.³⁰²

O ser humano, tanto ao longo de sua história quanto no decorrer de sua existência, tenta incessantemente instituir relações entre os saberes. Querer reunir os saberes não acarreta o desenvolvimento da transdisciplinaridade homogeneizadora, porém leva a situá-los com precisão uns em relação aos outros em função de suas alteridades epistemológicas, históricas e antropológicas.³⁰³

A solução não está na transdisciplinaridade. É preciso permutar o pensamento que disjunta por um que religa. E essa religação requisita que a causalidade unilinear e unidirecional seja trocada pela causalidade em circuito, multirreferencial. Requer também que a rigidez da lógica clássica seja reparada por uma dialógica, capaz de criar as noções, simultaneamente, complementares e antagônicas, e de que o saber da integração das partes num todo seja concluído pelo conhecimento da integração do todo no interior das partes, apontam Morin e Hessel.³⁰⁴

³⁰¹ CARVALHO, 2009, p. 55.

³⁰² BENJAMIM JUNIOR, Valdomiro. *Teoria da Complexidade e Contabilidade: Estudo da Utilização da Aprendizagem Baseada em Problemas como Abordagem Complexa no Ensino da Contabilidade*. 257p. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-09022012-202258/pt-br.php>. Acesso em: 11 ago. 2020.

³⁰³ MORIN, Edgar. *A Religação dos Saberes: o Desafio do Século XXI*. Trad. e notas Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 558.

³⁰⁴ MORIN, Edgar; HESSEL, Stéphane. *O caminho da esperança*. Trad. Edgard Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 51-52.

CONCLUSÃO

A religião é uma atividade relevante na vida dos seres humanos, e o Protestantismo e o Catolicismo movimentam consigo uma grande vivência cultural e histórica. Max Weber em seu livro “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” traz duas visões diferentes sobre o mesmo campo: os católicos vêem o trabalho como uma forma de sustento, remissão de pecados e desenvolvimento, enquanto já os protestantes enxergam o trabalho como uma maneira de adorar a Deus e distanciar-se do pecado. Ao visualizar todo esse contexto teórico, o objetivo desta dissertação foi o de investigar a ligação e a contribuição do Protestantismo para com a evolução da Contabilidade, segundo Max Weber e, se na sociedade contemporânea, existia diferença entre a visão de trabalho para católicos e protestantes – ainda sob a ótica de Max Weber – tentou-se, para tanto, utilizar o método de pesquisa de revisão bibliográfica. Concluiu-se, portanto, que na atual sociedade, além de ambos os grupos terem semelhanças quanto à visão do trabalho, para eles, o trabalho é importante para o sustento, mas, também, é um meio de se desenvolverem e alcançarem a satisfação profissional, confirmando assim a tese de Weber para os protestantes, mas que diverge um pouco sobre a visão de trabalho para os católicos, e, ao longo da história, a Contabilidade tem tido, para a organização material, desta parte imaterial, relevante importância.

Não se pode negar a contribuição que o movimento do Protestantismo serviu às intenções da burguesia capitalista, embora existam análises que difiram desse pensamento. Pelo menos em duas questões cruciais ele age como importante força revolucionária que se ordena ao projeto burguês de poder. Um diz respeito à quebra de hegemonia da Igreja Católica, que possuía enorme poder, e não tinha intenção em dividi-lo com mais uma classe social, a recém surgida burguesia e seus sonhos de liberalismo. Outro, de transformações doutrinárias e filosóficas, corroborando a ideologia do capital, altera o princípio de que riqueza, antes de ser um pecado, passa a ser sinal distintivo da graça de Deus (Calvinismo). A quebra da hegemonia da Igreja, pela Reforma, libera grandes populações de seu jugo, que agora com a licitude de se cultivar riquezas, incentivará um mercado de transações que expandirá as relações capitalistas em escala exponencial. Adicionam-se a tudo isso algumas medidas que a Revolução Francesa implantou e deixou como modelo, entre elas o sequestro das terras da Igreja e a destituição de seu poderio.

Constatou-se, porém, pela observação e pela experiência, que pesquisas com a intenção de incentivar o tratamento da Contabilidade dentro do arcabouço das Ciências Sociais são escassas. A maioria dos pesquisadores se propõe a investigar temas – cujo teor de

contribuição da Contabilidade alcança apenas questões relacionadas ao desempenho empresarial e mercantil das organizações – com ênfase em pesquisa de caráter quantitativo.

A Contabilidade, conclui-se por meio deste relatório final de pesquisa que ela não deve ter por fim a fragmentação do conhecimento a condição tal que apenas poucos pesquisadores possam entendê-la. Este saber deve ser cada vez mais facilitado e colocado à disposição da sociedade e dos agentes que precisam das informações de modo a possibilitar a compreensão das transformações do patrimônio, composto pelos bens, direitos e obrigações de uma entidade, e das relações sociais que este pode influenciar.

Percebemos que muito se tem feito à procura de normas e princípios que cumpram com a necessidade de interpretação do fluxo de capital investido nas atividades empresariais, sociais e religiosas.

A Contabilidade, no final da segunda década do século XXI, pode ser considerada como a linguagem dos negócios. Cumpre aos profissionais conhecedores e criadores das práticas estabelecidas adotarem posição de mediadores entre os acionistas ou quotistas proprietários e os interesses sociais, nos quais a Contabilidade se propõe a somar com suas leituras e interpretações.

Analisada e observada sob o crivo das Ciências Sociais, a Contabilidade, facilita o processo de entendimento a ser estabelecido entre os grupos de interesse que dependem de informações mensuradas e confiáveis, fundamentadas em métodos e práticas que possam ser interpretados, absorvidos e consumidos com a devida segurança proposta por suas demandas de trabalho e sua investigação científica.

Por estar no rol da Ciência Humana, ao fim da pesquisa, cremos – após a revisão bibliográfica feita – que o papel fundamental da Contabilidade necessita ser o de servir como instrumento de medição e mediação capaz de interagir não apenas sob o aspecto quantitativo, porém abordando o aspecto qualitativo das relações humanas e sociais, que são afetadas diretamente pela prestação de contas nas mais diversas áreas da sociedade.

Assim, a procura pela interdisciplinaridade se faz cada vez mais necessária em todas as áreas do saber, porque promove o ambiente propício ao desenvolvimento das ciências, interligando o homem como protagonista de um contexto criativo e muito inovador, sem barreiras ou limites pré-estabelecidos que isolem ou desunam o saber em inacessíveis fragmentos.

Tal experiência é motivadora e gratificante: pesquisar e observar o comportamento da Contabilidade no contexto das ciências não exatas, tais como, por exemplo, as Sociais e a das Ciências das Religiões, nos pareceu, por fim, uma ação que promete produzir resultados e

inovadoras contribuições, corroborando e respondendo positivamente, portanto, com a hipótese que norteou esse trabalho.

Assim, eclodem alternativas novas para uma visão renovadora e investigativa. Rompe-se o paradigma fragmentado e reducionista. Descortinam-se horizontes nunca dantes visto como novas possibilidades de enriquecer o saber científico e somar para o bem-estar e o desenvolvimento do ser humano.

O imbricamento da religião com a Contabilidade tem sua trajetória em tempos remotos; alguns autores ressaltam que o período histórico da Idade Média merece destaque e pode ser um demonstrativo desse indicador. Sua proposta formativa de religiosos, seu formato de poder centralizador, pautada em uma hierarquia bem delineada e em uma disciplina rigorosa apontam indicativos que tais instrumentos serviram de base para o aprimoramento e a utilização da prática dos controles patrimoniais e de uma gestão com tendência para a sustentabilidade financeira do Cristianismo, tanto em sua vertente Católica quanto a Protestante.

A contribuição do Frei Luca Pacioli para a evolução da Contabilidade reafirma a estreita ligação entre a religião e essa ciência³⁰⁵. Conhecido como um sistematizador da Contabilidade, este religioso, ao publicar, em 1494, sua famosa obra de coleção de conhecimentos de Aritmética, Geometria, proporção e proporcionalidade, destacando em um capítulo a Teoria contábil do Débito e Crédito, com o seu método de escrituração, revolucionou, se mantendo eficiente e em uso atualmente.³⁰⁶

E, sem dúvida, as religiões ligadas ao Cristianismo ofereceram sua contribuição, dando enorme impulso para a evolução da Contabilidade, especialmente a sua porção mais antiga enquanto instituição religiosa: o Catolicismo que, ao longo dos tempos, foi considerada uma entidade organizacional que possuía elevado índice de riqueza; seu patrimônio era constituído por bens e terras de naturezas distintas. Em função dos seus enormes recursos, surgiu a necessidade de controlar seu patrimônio e, por intermédio do crescimento da influência da mesma, a Contabilidade aumentou seu processo de evolução, tornando-se uma essencial ferramenta de controle patrimonial.³⁰⁷

A Contabilidade exerce um papel essencial para o controle patrimonial de uma instituição/organização, além de oferecer informações preponderantes que auxiliam na tomada de decisões. "A finalidade da Contabilidade é manter o registro e o controle do

³⁰⁵ SÁ, 2004.

³⁰⁶ SÁ, 2004.

³⁰⁷ MOREIRA, 2014.

patrimônio das entidades, com o fim de fornecer informações e interpretações sobre a composição e as variações desse patrimônio.”³⁰⁸

No que se refere aos elaboradores da Contabilidade, se faz necessário enfatizar que as instituições religiosas possuem algumas particularidades; apesar disso, o papel da escrituração contábil se faz presente. Delaméa³⁰⁹ salienta que a Contabilidade Eclesiástica tem várias questões complexas que a tornam um desafio aos profissionais. Essas peculiaridades estão na estrutura organizacional, funcional, jurídica e patrimonial de uma instituição religiosa. Tais minúcias, ao longo dos anos, vêm dificultando a Contabilidade e a administração dos bens das instituições religiosas.

Desse modo, cremos que, ao concluir esse estudo, a tônica do discurso deve ser a de encontrar novas metodologias e instrumentos de interpretação das relações humanas e suas implicações nos diversos ambientes, áreas e contextos de atuação dos seres humanos como, por exemplo, o econômico, o político, o religioso e o social.

A Contabilidade é complexa por definição, por causa do seu relacionamento transdisciplinar com o Direito, a Matemática, a Economia, a Administração, a Ciência Social. Ou seja, é uma definição de ciência no plural, em que essa própria natureza complexa facilita a compreensão e permite a quebra dos paradigmas epistemológicos existentes entre as diversas formas de atuação e aplicação das Ciências Contábeis, que elaboram as práticas e o conhecimento contábeis, propiciando a condição metodológica de analisar o todo sem reduzi-lo em fragmentos dispersos e desconectados.

Os resultados obtidos na pesquisa desta dissertação mostraram que é possível seguir nessa direção e considerar horizontes novos para as Ciências das Religiões e, desse modo, estabelecer um diálogo comum, que possa somar a novas possibilidades de investigação acadêmica, que precisam do tratamento de variáveis específicas, e que consigam produzir conhecimento mais amplo, compreensível e acessível ao conjunto da sociedade.

Por causa da carência de material observada a partir deste relatório de pesquisa de conclusão de Mestrado, voltado para a temática "Contabilidade e religião", indicou haver incipiência de literatura na exploração do assunto, especialmente no âmbito da pesquisa científica. Em função disso, este estudo se justifica por sua contribuição para a rara literatura existente, já que as produções científicas que se refiram à relação entre religião e Contabilidade podem realçar a importância da religião no processo de evolução dessa ciência.

³⁰⁸ MARQUES, Wagner. *Contabilidade geral I*. Paraná: Vera Cruz, 2010, p. 63-64.

³⁰⁹ DEMALÉA, Elenita. *Contabilidade eclesiástica: algumas questões operacionais*. São Paulo: Loyola, 2001.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ANTUNES, Maria T. P.; GRECCO, Marta C. P.; FORMIGONI, Henrique; MENDONÇA NETO, Octavio R. A adoção no Brasil às normas internacionais de contabilidade IFRS: o processo e seus impactos na qualidade da informação contábil. *Revista de Economia & Relações Internacionais*, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 5-19, 2012. Disponível em: https://www.fAAP.br/pdf/faculdades/economia/revistas/ciencias-economicas/revista_economia_20.pdf. Acesso em: 04 ago. 2020.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL (ATLAS). *Dados para o Brasil*. [online]. [s.d.]. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- BARRO, Robert J.; McCLEARY, Rachel M. *Religion and political economy in an international panel*. National Bureau of Economic Research, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.3386/w8931>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- BECKER, Gary S. Investment in Human Capital: A Theoretical Analysis. *Journal of Political Economy*, v. 70, n. 5, part. 2, p. 9-49, out. 1962. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1086/258724>. Acesso em: 11 ago. 2020.
- BENJAMIM JUNIOR, Valdomiro. *Teoria da Complexidade e Contabilidade: Estudo da Utilização da Aprendizagem Baseada em Problemas como Abordagem Complexa no Ensino da Contabilidade*. 257p. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-09022012-202258/pt-br.php>. Acesso em: 11 ago. 2020.
- BERNARDELLI, Luan V.; GOMES, Carlos E.; MICHELLON, Ednaldo. Religião e Desenvolvimento Econômico: Uma análise para o Brasil à luz do Catolicismo e do Protestantismo. *Revista de Economia Mackenzie*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 164-186, jul. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/320307016>. Acesso em: 23 out. 2020.
- BRASIL. *Decreto nº. 9.580*, de 22 de novembro de 2018. Regulamenta a tributação, a fiscalização, a arrecadação e a administração do Imposto sobre a Renda e Proventos de Qualquer Natureza. Brasília: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/D9580.htm. Acesso em: 02 ago. 2020.
- BRASIL. *Lei nº. 10.406*, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. Brasília: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10406.htm. Acesso em: 02 ago. 2020.
- BRASIL. *Lei nº. 6.404*, de 15 de dezembro de 1976. Dispõe sobre as Sociedades por Ações. Brasília: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6404consol.htm. Acesso em: 02 ago. 2020.

BUESA, Natasha Y. A evolução histórica da contabilidade como ramo do conhecimento. *Revista Eletrônica Gestão e Negócios*, São Roque, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdfs/natasha_adm.pdf. Acesso em: 09 jul. 2020.

CARVALHO, Edgard de Assis. Edgar Morin, um pensador para o Brasil. *Revista Eletrônica Ponto-e-vírgula*, 5, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/14060>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CATANI, Afrânio M. *O que é Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2017.

COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS (CPC). *Pronunciamento Técnico CPC 26 (R1): Apresentação das Demonstrações Contábeis – Correlação às Normas Internacionais de Contabilidade – IAS 1 (IASB – BV 2011)*. São Paulo: FACPC, 2011. Disponível em: http://static.cpc.aatb.com.br/Documentos/312_CPC_26_R1_rev%2014.pdf. Acesso em: 28 jul. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE (CFC). *Resolução nº 2017/CTG 2001 (R3) – Define as formalidades da escrituração contábil em forma digital para fins de atendimento ao Sistema Público de Escrituração Digital (SPED)*, 2017. Disponível em: [https://www2.cfc.org.br/sisweb/sre/detalhes_sre.aspx?codigo=2017/CTG2001\(R3\)](https://www2.cfc.org.br/sisweb/sre/detalhes_sre.aspx?codigo=2017/CTG2001(R3)). Acesso em: 02 ago. 2020.

CORREIA, Ronaldo Z. *Reflexões sobre economia e religião: seus principais pensadores e a Igreja Católica brasileira*. 93f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-05022004-102744/pt-br.php>. Acesso em: 10 set. 2020.

DEMALÉA, Elenita. *Contabilidade eclesiástica: algumas questões operacionais*. São Paulo: Loyola, 2001.

DIEHL, Astor A.; TATIM, Denise C. *Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas: Métodos e Técnicas*. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FENN, Richard K. Tongues of Fire: The Explosion of Protestantism in Latin America By David Martin. *Theology Today*, Oxford, v. 48, n. 1, p. 102-108., 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/004057369104800122>. Acesso em: 10 set. 2020.

FRAGOSO, Adriana R.; RIBEIRO FILHO, José Francisco. Um Estudo Aplicado sobre o Impacto da Interdisciplinaridade no Processo de Pesquisa dos Doutores em Contabilidade no Brasil. *Anais [...] IV Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul*, Florianópolis, Brasil, dez./2004. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/35572>. Acesso em: 20 ago. 2020.

FRANCO, Hilário. Paradigmas da teoria contábil. *Revista Brasileira de Contabilidade*. Brasília, n. 5, p. 52-63, jun./1997.

GORENDER, Jacob; SINGER, Paul. Prefácio. In: MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

HALÉVY, Marc. *A Era do Conhecimento: princípios e reflexões sobre a Noética do século XXI*; tradução Roberto Leal. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. *O peregrino e o convertido – a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

HUNTINGTON, Samuel P. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Schuster, 1996.

IJIRI, Yuji. *Theory of Accounting Measurement*. New York: American Accounting Association, 1975.

INGLEHART, Ronald.; BAKER, Wayne E. Modernization, Cultural Change, and the Persistence of Traditional Values. *American Sociological Review*, v. 65, n. 1, p. 19-51. JSTOR, 2000. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2657288>. Acesso em: 20 jul. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Anuário Estatístico do Brasil 2016*. v. 76. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_2016.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2010: Resultados gerais da amostra*. 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/99/cd_2010_resultados_gerais_amostra.pdf. Acesso em: 10 março. 2021.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. *Teoria da Contabilidade*. São Paulo: Atlas, 2010.

JOCHEM, Laudelino. *Contabilidade uma visão crítica da Evolução Histórica*. 2 ed. Curitiba: Juruá, 2013.

KELM, Martinho L. Conhecimento Contábil no Contexto das Ciências Sociais e a Investigação Científica. *Desenvolvimento em Questão*, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 119–148, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/92>. Acesso em: 19 ago. 2020.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A. *Metodologia Científica*. 7 Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LANDES, David S. *The Wealth and Poverty of Nations: Why some are so Rich and some so Poor*. London: W. W. Norton & Company, 1998.

LAVELEYE, Emilio de. *Do Futuro dos Povos Católicos: Estudo de Economia Social*. 2 ed. Tradução por Dr. Miguel Vieira Ferreira. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

MACHADO, Maria das D. C. História das Ciências Sociais da Religião. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (Orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.

MARION, José C. Reflexões sobre a contabilidade mental. *RBC: Revista Brasileira de Contabilidade*, Brasília, v. 37, n. 172, p. 77-89, 2008. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001689373>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MARIOTTI, Humberto. *Pensamento complexo: suas aplicações a liderança, à aprendizagem e ao desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Atlas, 2007.

MARQUES, Wagner. *Contabilidade geral I*. Paraná: Vera Cruz, 2010.

MARX, Karl. *Salário, preço e lucro* [junho 1865]. Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000077.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MATO GROSSO DO SUL. Observatório Econômico. *A Economia explicada pela religião, de Marx Weber*. Sindifiscal/MS, 2009. Disponível em: <https://www.observatorioeconomico.ms.gov.br/a-economia-explicada-pela-religiao-de-marx-weber/>. Acesso em: 28 jul. 2020.

McLEARY, Rachel M. *The Oxford Handbook of the Economics of Religion*. New York: Oxford University Press, 2011.

MENDONÇA, Ligia Bahia. *Educação Jesuítica: marcas do primeiro projeto educacional brasileiro*. Rio de Janeiro, UNESA, 2006.

MOREIRA, Maria V. F. *Contribuição da Religião na Evolução História da Contabilidade: Percepção dos alunos de Ciências Contábeis da cidade de Campina Grande – PB*. 2014. 48f. Monografia (Graduação em Ciências Contábeis) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/6794>. Acesso em: 15 out. 2020.

MORIN, Edgar. *A Religação dos Saberes: o Desafio do Século XXI*. Trad. e notas Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MORIN, Edgar. *A Via para o Futuro da Humanidade*. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; Rev. Téc. Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar; HESSEL, Stéphane. *O caminho da esperança*. Trad. Edgard Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MOURA, Eduardo L. R. *A contabilidade na idade antiga: uma revisão bibliográfica*. 2016. 20f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2016. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/11851>. Acesso em: 18 out. 2020.

NOGUEIRA, Nathalia J. A teoria da prosperidade aplicada ao campo do empreendedorismo. *Anais [...] Congresso de Administração, Sociedade e Inovação – CASI 2016*, p. 4908-4920. Juiz de Fora (MG): UFJF, 2017. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/anais/CASI.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

OLIVEIRA JÚNIOR, Ézio. *Contribuições dos Conceitos da Teoria da Complexidade e de Auto-organização para o entendimento do Processo Estratégico das Organizações segundo a Escola de Configuração*. Dissertação (Mestrado em Administração). Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10923/1141>. Acesso em: 11 out. 2020.

OLIVEIRA, Kallyse P. S.; LUZ, Janayna R. M.; MOREIRA, Maria V. F.; MELO, Lúcia S. A. Contribuição da Religião Católica na Evolução Histórica da Contabilidade: Percepção dos Alunos de Ciências Contábeis da Cidade de Campina Grande – PB. *Anais [...] XIII Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade*, jul. 2016. Disponível em: <https://congressousp.fipecafi.org/anais/16UspInternational/301.pdf>. Acesso em: 11 out. 2020.

OLIVEIRA, Lívio L. S.; CORTES, Renan X.; BALBINOTTO NETO, Giácomo. A economia da religião e seus fundamentos: teste de um modelo de escolha religiosa. *Estud. Econ.*, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 811-840, dez. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612011000400006. Acesso em: 18 set. 2020.

PEREIRA, Jesus M. Um breve comentário sobre a Sociologia urbana de Max Weber. *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, v. 2, n. 5, p. 39-54, julho de 2018. Disponível: <http://www.cchla.ufpb.br/sociabilidadesurbanas/>. Acesso em: 16 out. 2020.

POLLAK, Michael. Max Weber: elementos para uma biografia sociointelectual (parte II). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 85-113, out. 1996. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200004. Acesso em: 06 out. 2020.

REIS, Aline de J.; SILVA, Selma L.; SILVA, Cleide C. A. A história da contabilidade no Brasil. *Revista Unifacs*, v. 11, n. 1, 2007. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/view/299/247>. Acesso em: 20 ago. 2020.

RIahi-BELKAoui, Ahmed. *Accounting Theory*. London: Thomson Learning, 2004.

RIBEIRO FILHO, José F.; LOPES, Jorge; PEDERNEIRAS, Marcleide (Orgs.). *Estudando teoria da contabilidade*. São Paulo: Atlas, 2009.

SÁ, Antônio L. *Luca Pacioli: um mestre do renascimento*. 2 ed. rev. e ampl. Brasília: Fundação Brasileira de Contabilidade, 2004.

SÁ, Lopes de. *História geral e das doutrinas da contabilidade*. São Paulo: Atlas, 1997

SANTOS, José L.; SCHMIDT, Paulo. *História do pensamento contábil*. São Paulo: Atlas, 2008.

SANTOS, José L.; SCHMIDT, Paulo; MACHADO, Nilson P. *Fundamentos da teoria da contabilidade*. São Paulo: Atlas, 2005.

SCHMIDT, Paulo; SANTOS, José Luiz dos. *História do pensamento contábil*. São Paulo: Atlas, 2006. v. 8.

SCHULTZ, Theodore W. Investment in Human Capital. *The American Economic Review*, vol. 51, no. 1, p. 1–17. JSTOR, 1961. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1818907>. Acesso em: 20 set. 2020.

SILVA JUNIOR, Nilson da. Uma análise do Neopentecostalismo a partir da ética protestante e o espírito do capitalismo. *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura*, Ano VIII, n. 40, 2012. Disponível em: https://ciberteologia.com.br/images/edicoes/pdf/edicao_20200709233159.pdf. Acesso em: 08 out. 2020.

SILVA, Lidiane dos S. *A Contribuição da Igreja Católica e dos Elementos Religiosos na História da Contabilidade*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Faculdade Unidade de Vitória, 2017. Disponível em: <http://bdtd.faculdadeunida.com.br:8080/jspui/handle/prefix/34>. Acesso em: 10 ago. 2020

SILVA, Lidiane dos S.; SANTOS, Leonardo H.; PEREIRA, Raquel B. M. A contribuição da religião para o nascimento da contabilidade. *Revista Unitas*, v.5, n.2 (n. especial), p. 1088-1105, 2017. Disponível em: <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas/article/view/667>. Acesso em: 16 set. 2020.

SMITH, Adam. *The theory of moral sentiments*. Penguin Classics; Anniversary edição (26 janeiro 2010). Londres: Penguin Classics, 2010.

SOLOW, Robert M. A Contribution to the Theory of Economic Growth. *The Quarterly Journal of Economics*, v. 70, n. 1, p. 65–94. JSTOR, 1956. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1884513>. Acesso em: 20 out. 2020.

SOUZA, Nilson L. Z. *Religião e desenvolvimento: uma análise da influência do catolicismo e protestantismo no desenvolvimento econômico da Europa e América*. Dissertação (Mestrado em Economia do Desenvolvimento) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3940>. Acesso em: 23 out. 2020.

SROUR, Robert H. *Poder, Cultura e Ética nas organizações*. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

TAYLOR, Charles. *Uma era secular*. Trad. Nélio Schneider e Luiza Araújo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010.

VASCONCELLOS, Pedro L. A Bíblia na argumentação básica de “A ética protestante e o espírito do capitalismo”. *Revista Nures*, nº 7. Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP. Setembro/dezembro 2007. Disponível em: https://www.pucsp.br/revistanures/revista7/nures7_pedro.pdf. Acesso em: 18 out. 2020.

WAIZBORT, Leopoldo. Apresentação: Max Weber hoje. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 9-18, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702012000100001. Acesso em: 18 out. 2020.

WEBER, Max. *A Ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WORLD BANK. GDP per capita, PPP (current international \$). Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.PCAP.P.CD?view=chart>. Acesso em: 10 mar. 2021.

XAVIER FILHO, Jose L. Julião. *Ciências Contábeis: Uma Ciência Social Aplicada?* Pernambuco: Sebrae Biblioteca On Line, abril, 2006.

YOUNG, Meredith. *Cultural Influences on Accounting and its practices*. Senior Honor Thesis (Accounting) – Liberty University, Lynchburg, VA, 45 f., 2013. Disponível em: <https://digitalcommons.liberty.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1396&context=honors>. Acesso em: 02 ago. 2020.

